

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE TEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA  
MESTRADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA

LUDINEI MARCOS VIAN

**O SILÊNCIO DE DEUS DIANTE  
DO SOFRIMENTO HUMANO NA  
TEOLOGIA DE BRUNO FORTE**

Prof. Dr. Pe. Leomar Antônio Brustolin

Orientador

Porto Alegre  
2014

LUDINEI MARCOS VIAN

**O SILÊNCIO DE DEUS DIANTE DO SOFRIMENTO HUMANO  
NA TEOLOGIA DE BRUNO FORTE.**

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Leomar Antônio Brustolin

Porto Alegre  
2014

**Ludinei Marcos Vian**

**"O SILÊNCIO DE DEUS DIANTE DO SOFRIMENTO HUMANO NA TEOLOGIA DE BRUNO FORTE."**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, pelo Mestrado em Teologia da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

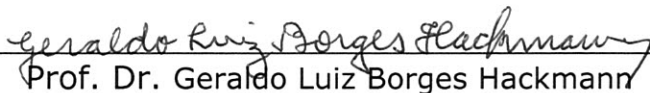
Aprovado em 19 de março de 2014, pela Banca Examinadora.

**BANCA EXAMINADORA:**



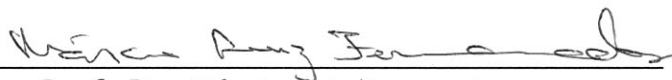
---

Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin  
(Orientador)



---

Prof. Dr. Geraldo Luiz Borges Hackmann



---

Prof. Dr. Márcio Luiz Fernandes

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, a meus pais, que não mediram esforços para dispor todas as condições necessárias no momento que escrevi minha dissertação. Aos professores, funcionários e colegas da faculdade de teologia da PUCRS, pelos recursos fornecidos. À Paroquia Sagrado Coração de Jesus pela compreensão, de forma especial ao bispo Dom Paulo Antônio de Conto e ao clero da Diocese de Montenegro pela oportunidade de aprofundar os estudos. Dirijo especial agradecimento ao professor Dr. Pe. Leomar Antônio Brustolin, pela orientação e pelo qual tenho muita estima e admiração.

## RESUMO

A dissertação aborda o tema do Silêncio de Deus diante do sofrimento humano, na teologia de Bruno Forte. Tem por objeto de estudo o silêncio de Deus e o sofrimento humano. Os objetivos são: apresentar a teologia de Bruno Forte, responder o porquê do silêncio de Deus diante do sofrimento humano e demonstrar a participação e presença de Deus no centro da história humana. O método é de pesquisa bibliográfica. Os resultados são encontrados no que Bruno Forte escreve sobre a Teologia como Companhia, Memória e Profecia, e no que escreve sobre a Trindade que se manifesta como Silêncio, Palavra e Encontro. Estes resultados são obtidos a partir de uma teologia da cruz que é a certeza que Deus está no sofrimento. A certeza da vitória da vida sobre a morte. Nela confirma-se que Deus não é ausente no silêncio, mas é companhia. A partir dessa certeza abre-se a perspectiva de ver no rosto dos que sofrem a presença de Deus.

**Palavras chave:** Sofrimento. Silêncio. Palavra. Encontro. Êxodo. Advento.

## **ABSTRACT**

The paper focus the thematic: The Silence of God face human suffering, according to Bruno Forte theology. Object of study is the silence of God and human suffering. The objectives are: to present the theology of Bruno Forte, answer why the silence of God in the face of human suffering and demonstrate the participation and presence of God in human history center. The method is literature. The results are found in Bruno Forte writes about Theology and Company, Memory and Prophecy, and the writing on the Trinity manifested as Silence and Word Meeting. These results are obtained from a theology of the cross that is sure that God is in distress. The certainty of the victory of life over death. It confirms that God is not absent in silence, but it's company. From this certainly opens up the prospect of seeing the face of the suffering God's presence.

**Key Words:** suffering. Silence. Word. Meeting. Exodus. Advent.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>1 DIANTE DO SOFRIMENTO: A TEOLOGIA COMO COMPANHIA E O SILÊNCIO DO PAI .....</b>	<b>13</b>
1.1 Êxodo e Advento .....	16
1.2 Da Companhia surge a questão da dor .....	20
1.2.1 O Desafio da dor que surge dos contextos .....	21
1.2.2 O Desafio da dor que surge do humano .....	26
1.2.3 O Desafio da dor que surge do Deus Vivo .....	28
1.3 O Silêncio do Pai diante da dor .....	31
1.3.1 O Silêncio eterno: o mistério do Pai .....	32
1.3.2 O Silêncio do Ser .....	35
1.3.3 História do Silêncio .....	37
1.3.4 Escutar o Silêncio .....	39
<b>2 DIANTE DO SOFRIMENTO: A TEOLOGIA COMO MEMÓRIA E A PALAVRA DO FILHO .....</b>	<b>41</b>
2.1 Buscar respostas à questão da dor fazendo memória .....	42
2.1.1 Memória Fontal .....	43
2.1.2 Memória Simbólica – a época patrística .....	47
2.1.3 Memória Dialética – a era escolástica .....	49
2.1.4 Memória histórica – a idade moderna e contemporânea .....	51
2.2 O Silêncio se faz Palavra .....	55
2.2.1 A Palavra eterna: o mistério do Filho .....	56
2.2.2 A Palavra na história: a linguagem .....	59
2.2.3 A História da Palavra .....	61
2.2.4 Acolher a Palavra .....	63

<b>3 DIANTE DO SOFRIMENTO: TEOLOGIA COMO PROFECIA E O ENCONTRO NO ESPÍRITO SANTO .....</b>	<b>66</b>
3.1 A Teologia como História .....	67
3.1.1 A questão do sofrimento como sujeito objeto e finalidade da teologia .....	68
3.1.2 O pensamento da Companhia no sofrimento .....	71
3.1.3 A memória viva do sofrimento da palavra .....	74
3.1.4 A forma da Profecia diante dos que sofrem – Esperança .....	77
3.1.5 O auxílio da existência teológica diante do sofrimento .....	82
3.2 Encontro .....	83
3.2.1 O mistério do Espírito diante do sofrimento .....	84
3.2.2 O Encontro na história : o ouvinte da Palavra e a figura do outro que sofre ..	87
3.2.3 A História do Encontro .....	91
3.2.4 Celebrar o encontro como superação da dor .....	93
<b>EPÍLOGO .....</b>	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>104</b>



## INTRODUÇÃO

Por que sofremos? Esta questão intriga a humanidade ao longo dos anos. Busca-se repostas, mas as que são dadas não confortam o suficiente no momento da dor. Buscam-se culpados para descarregar toda a dor; quando não os encontramos, Deus torna-se responsável. Diante da falta de Palavras o silêncio é a maneira de assimilar a dor e seguir a caminhada. Mas como seguir sabendo que a dor e o sofrimento são possibilidades eminentes?

Este trabalho tem como objetivo procurar respostas à questão: Por que o silêncio de Deus diante do sofrimento humano? Em um primeiro momento parece ser uma questão ousada, porque sugere uma afronta a Deus e dúvidas a respeito de seu amor pela humanidade. A intenção não é essa. Busca-se nessa dissertação repostas para a questão da dor para poder auxiliar a tantas pessoas que sofrem, muitas vezes inocentemente. Tentar encontrar respostas para o Silêncio de Deus; tentar encontrar uma Palavra de conforto para aqueles que, por diversos motivos, carregam consigo o gosto amargo da dor. Não se pretende nessa dissertação esgotar o assunto proposto, mas auxiliar na reflexão desse tema tão intrigante para a caminhada humana.

Esse tema se torna relevante na medida em que a dor e o sofrimento geram no ser humano a dúvida, a revolta e até a descrença. Uma mãe perde um filho de sete anos por uma bala perdida. Uma família morre em acidente causado por alguém embriagado. Pessoas sofrem pela má distribuição de renda. O terrorismo e o fundamentalismo religioso exterminam nações. As chacinas das guerras causam perplexidade. Qual a resposta que a Teologia pode dar a essas situações? Como fica a relação Criador e criatura diante de questões extremas como a dor e o sofrimento inocente?

A dissertação é uma pesquisa bibliográfica baseada na obra de Bruno Forte. A resposta para essa pergunta é procurada na Teologia de Bruno Forte, de forma especial em dois pontos dela. O primeiro é no que ele escreve sobre a importância

do estudo teológico como Companhia, Memória e Profecia e o segundo na sua Teologia do Silêncio, Palavra e Encontro.<sup>1</sup>

Bruno Forte nasceu em Nápoles, Itália. Foi ordenado sacerdote em 1973, doutorou-se em Teologia no ano de 1974 e em Filosofia no ano de 1977. Atualmente é arcebispo de Chieti-Vasto (Itália). Foi professor de Teologia Dogmática na Pontifícia Faculdade Teológica da Itália Meridional e membro da Pontifícia Comissão Teológica Internacional. Aprofundou seus estudos em Paris e em Tubinga, Alemanha, onde entrou em diálogo com teólogos como Moltmann, Eberhard Jüngel, Yves Congar e Henri Lubac. Pode-se identificar duas fases no pensamento teológico de Bruno Forte. A primeira foi caracterizada pela Escola de Heidelberg, do círculo histórico alemão, onde ele desenvolve sua Teologia relacionada à História. Uma segunda fase é caracterizada por um Bruno Forte que ressalta a questão do Belo e a possibilidade de abertura para a fé a partir dele.

As consequências dos estudos na França e na Alemanha foi a influência de uma teologia eclesial, reflexão viva da fé, bem como da exigente abertura teológica aos problemas do próprio tempo e o diálogo com as culturas. “Sua vida foi fortemente influenciada pelo contato e aproximação com a teologia de Paris, com os grandes precursores da renovação conciliar. O voltar às fontes bíblicas, patrísticas e litúrgicas, marco assumido na ‘nova teologia’, que tanto influenciaram e prepararam a renovação empreendida pelo Vaticano II”<sup>2</sup>

Essa dissertação desenvolve-se em três capítulos onde se procura relacionar: Companhia e Silêncio; Memória e Palavra; Profecia e Encontro. Após apresentar esses três capítulos dá-se a resposta à questão que impulsionou essa pesquisa no epílogo relacionando os temas expostos.

O primeiro capítulo inicia com uma explicação a respeito do que Bruno Forte entende por êxodo humano e advento divino. Onde êxodo humano lembra a caminhada do povo do Antigo Testamento rumo à libertação. Dessa forma a humanidade é convidada a caminhar rumo à salvação. Mas isso só se torna possível

---

<sup>1</sup> Para expor sobre esse tema, dois livros são a base: FORTE, Bruno *A Teologia como companhia, memória e profecia*; FORTE, Bruno. *Teologia da História. Ensaio sobre a Revelação o início e a consumação*.

<sup>2</sup> ANDREOLLA. *A fé cristã na era digital: diálogo entre a revelação, na teologia de Bruno Forte, e a experiência religiosa na Internet*. p. 13.

graças ao movimento divino do “ad-vir.” A Teologia de Bruno Forte desenvolve-se nessa relação entre êxodo humano e advento divino. Onde um não pode absorver o outro, mas há que ser preservada a comunicação. Ao caminhar em direção ao divino o humano apresenta seu momento de dor e sofrimento e descobre um Deus que está na dor.

Ainda no primeiro capítulo explana-se sobre a Teologia como companhia onde se responde a pergunta: Que sentido tem fazer Teologia hoje? A resposta é buscada nos desafios que se apresentam à Teologia. Na explanação desses desafios consegue-se perceber uma leitura histórica feita por Forte. Três são os desafios: o primeiro é o desafio dos contextos que é o de estabelecer uma relação harmoniosa entre razão e fé. Não se pode ter uma autonomia da razão, própria da época do iluminismo, nem sustentar um esquecimento dela. O segundo desafio é do humano que é a questão sobre a dor e o sofrimento. A resposta aparece na Teologia da cruz e na vivência do amor. Por fim o último desafio é do Deus vivo e sobre o ato de crer humano. A questão levantada é o que significa o ato de crer? O desafio dos contextos deve ser respondido pela esperança, o desafio do humano pelo ato de amar e o desafio do Deus vivo pelo ato da fé. Nesses três desafios Deus revela-se Companhia àqueles que sofrem.

O primeiro capítulo apresenta o Silêncio diante dos que sofrem. Silêncio que demonstra um velar-se um ocultamento de Deus. Através do Silêncio descobrimos que Deus é mistério. O silêncio só é revelado quando se torna Palavra. Deus só é conhecido quando se revela, quando fala Dele a nós. Existe uma perfeita harmonia entre Silêncio e Palavra. No silêncio de Deus está a nossa oportunidade do encontro com Ele através de nosso silêncio. O Silêncio revela a presença de Deus e Sua presença nos conforta. O Silêncio também é uma oportunidade da liberdade humana de ser colaboradora da obra da criação. Nele distinguimos a ação de Deus e temos a oportunidade de demonstrar nosso ato de fé: onde Deus é Silêncio é necessária a fé.

No segundo capítulo estabelece-se uma relação entre Teologia como Memória e a Palavra que é o próprio Filho. A Memória recorda as principais fases da caminhada Teológica. Ao longo do capítulo destaca-se de forma especial os seguintes momentos: a Memória fontal, nela recordamos a Sagrada Escritura; de

forma especial o Novo Testamento, onde se procura traçar uma possível reflexão da fé; se ela existe, de que forma se desenvolve e quais são as características dessa memória fontal. A Memória simbólica que faz referência à época da patrística: inicia uma reflexão sobre o que as comunidades neotestamentárias deixam-nos com o testemunho de sua experiência com o ressuscitado. A Memória dialética: esta recorda a era escolástica onde o êxodo é redescoberto. A Memória histórica que recorda a idade moderna e contemporânea. Recordamos que a fonte é a Palavra, que veio habitar entre nós. Nela percebemos que Deus está junto daquele que sofre, pois Cristo se igualou-se ao ser humano no momento da dor. A partir desse momento pode-se ter a certeza de que o sofrimento humano encontra em Cristo na cruz um Deus que está no sofrimento.

No segundo capítulo a reflexão sobre a trindade continua através do Filho que é a Palavra, cujo prólogo do evangelho de São João é o grande referencial. O Pai é identificado com o Silêncio; sua comunicação se dá através do Filho que é a Palavra. A Palavra de Deus diante do sofrimento humano se dá através do Filho. Sobre a Palavra será apresentado a Palavra eterna o mistério do Filho, através de três termos do prólogo de João: o “verbo”; a “carne” e o “se fez”. O primeiro relaciona-se ao aspecto divino do Filho. O verbo é pronunciado pelo Silêncio. O segundo: a carne, remete ao aspecto humano. O “se fez”: revela identidade, semelhança. O Silêncio tornou-se Palavra que é divino, humano e igual.

Ainda será abordada a Palavra na História, a linguagem, que segundo Forte, é o evento pelo qual o Silêncio do ser se aproxima da compreensão e comunicação do humano; a História da Palavra, a economia da revelação e por fim acolher a Palavra, onde se tem a oportunidade de refletir sobre a importância da abertura do eu para o outro que sofre, e para o divino.

O terceiro e último capítulo fala da Teologia como profecia. Nela se retoma as virtudes teológicas da caridade, fé e esperança. A caridade pensada como Companhia, pois o mundo, a História são os lugares da vivência do amor e da prática do evangelho, sendo assim deve-se confrontar o que ensina o evangelho com a História. Caso esteja de acordo deve-se promover, caso esteja em desacordo deve-se denunciar. dessa denuncia nasce a profecia e busca de estruturas mais justas que causam menos dor e sofrimento. Por sua vez a Memória viva da Palavra

é pensada com a fé. Ao fazer memória do eterno ela recorda toda a caminhada de fé e a relação que ela estabelece com o divino. A comunidade de fé encontrará respostas às indagações do ser humano em relação a Deus se souber trazer para o presente, sinais do divino na História.

A forma da profecia se dá através da esperança. Porque a reflexão sobre a fé tem o dever de orientar como deve ser a forma pela qual o êxodo deve acontecer até a terra prometida. Além de orientar deve incentivar e impulsionar essa caminhada no compromisso de ver o advento não no distanciamento, mas já na História. Ela tem o compromisso de manifestar o êxodo no seu movimento rumo à vida, não à repetitividade, nem à morte. A Teologia é doutora da esperança porque ela transmite a fé pascal do Cristo ressuscitado que vence a dor, o mal e a morte. Ela está sempre aberta ao novo e à surpresa do mistério. Ela se torna inquieta, pois jamais está satisfeita como a situação do êxodo. Nesse sentido, o ser humano marcado pelo pecado, pela dor e pelo sofrimento encontra na fé e na reflexão sobre ela uma luz que brilha na escuridão da vida.

O terceiro capítulo também apresenta o Espírito Santo como Encontro. O mistério do Espírito está em proporcionar o Encontro entre Silêncio, Palavra e toda a humanidade é convidada a participar. Ainda é exposto o pensamento de Karl Rahner e Emmanuel Levinas. Nesses dois autores busca-se a fundamentação do que antecede ao encontro que é a abertura ao outro que sofre. Ainda apresenta-se a História do Encontro que é o sinal do Espírito no tempo e na História. Ele se torna possível graças à autocomunicação divina. Para que isso torne-se possível é necessário a graça de Deus. Devido a essa graça o ser humano também é capaz de Deus.

Por fim, o epílogo traz a resposta à questão na qual foi baseada a pesquisa. No epílogo percebemos que o Silêncio de Deus é presença e Companhia, que ao fazermos Memória recordamos a Palavra que é Cristo que sofreu na cruz e por isso Deus está no sofrimento e somos convidados a profetizar esse Encontro da humanidade com o rosto de Deus revelado nos rostos dos que sofrem.

## **1 DIANTE DO SOFRIMENTO: A TEOLOGIA COMO COMPANHIA E O SILÊNCIO DO PAI**

Por que o sofrimento? Qual sentido tem a dor? Por que tantas injustiças? Deus não deveria intervir e impedir que o ser humano vivesse tantas tormentas em sua vida? Estas questões brotam dos corações atribulados que suplicam por uma harmonia, por justiça, por explicações diante do inexplicável. Busca-se um culpado para amenizar a dor e descarregar a revolta gerada pela perda. Este culpado só pode ser Deus. Foi Ele quem permitiu. Por que ele não interviu impedindo o acidente, a fome, a miséria, o descaso, o escândalo?

Se Deus fosse compreendido como um justiceiro maléfico que castiga as suas criaturas seria mais fácil entender a dor. Ela seria consequência do castigo e da ira de Deus. Seria necessário oferecer sacrifícios para aplacá-la. No Antigo Testamento vemos muitos exemplos dessa relação de Deus com o seu povo, entre eles podemos citar o de Moisés, que sobe ao monte para buscar as tábuas da lei. Ao voltar vê o povo adorando um bezerro de ouro, quebra as tábuas da lei questionando a fidelidade do povo ao único Deus. Sobe novamente a montanha e suplica o perdão de Deus. “O Senhor responde a Moisés: ‘Riscarei do meu livro quem pecou contra mim. E agora vai, conduze o povo para onde eu te falei. O meu anjo irá à tua frente; mas quando chegar o dia do castigo, eu os castigarei por este seu pecado’”(cf. *Ex 32, 1-35*).

Mas Ele não quer sacrifícios e sim misericórdia. “Ide, pois, apreender o que significa: Misericórdia eu quero, não sacrifícios.” (*Mt 9,13*) Assim, compreendemos Deus como Sumo Bem, impossibilitado de aceitar e praticar o mal. Com isso surgem os questionamentos: Como um Deus Sumo Bem pode permitir o mal? Se, permite ele não é Sumo Bem? Essas questões perpassam a História da Igreja, buscando compreender o sentido e a origem da dor e do sofrimento.

Quando lembramos o Evangelho, Cristo fala do Bom Pastor que cuida das ovelhas. “Eu sou o bom pastor. O bom pastor que dá a vida por suas ovelhas. [...] Eu

sou o bom pastor, conheço as minhas ovelhas e elas me conhecem. [...] Eu dou a minha vida pelas minhas ovelhas.” (Jo 10,11-18) Diante da dor, o Bom Pastor parece ter enganado as ovelhas. Onde está o Bom Pastor no momento em que mais precisam dele? O Salmo 23 canta: “Ainda que eu caminhe por vale tenebroso nenhum mal temerei, pois estás junto a mim; teu bastão e teu cajado me deixam tranquilo” (Sl 23,4) Como dizer isso a uma mãe, que enterra seu filho alvejado por uma bala perdida. Por que Deus não cuidou do seu filho? Seu filho, que mesmo com dificuldades financeiras havia conseguido uma vaga na faculdade e trabalhava para conseguir pagar seus estudos. Seu filho que era uma pessoa de fé, que participava da comunidade que não se envolvia com más companhias. Onde está o Bom Pastor? Ele realmente está ao lado, com bastão e cajado dando tranquilidade? Um sentimento de revolta e incompreensão perpassa o coração dessa mãe. Palavras não a consolam. Sua confiança em Deus está abalada. Resta-lhe o silêncio. O silêncio da dor. O mesmo silêncio que rasgou o véu do Templo em uma sexta-feira à tarde, quando da cruz se ouviu: “Pai em tuas mãos entrego o meu espírito.” (Lc 23,46) A dor da mãe que vê seu filho morto por uma bala perdida assemelha-se à mesma dor da mãe que vê seu filho na cruz, condenado injustamente. A mesma espada da dor que perpassou o coração de Maria perpassa o coração dessa mãe e perpassa o coração de muitos que sofrem inocentemente por tantos males que afligem a sociedade. Diante do absurdo humano da dor e da morte, constata-se o silêncio. Silêncio que não significa ausência, mas falta de Palavras. O absurdo do mal é tão grande que não existem Palavras para justificá-lo. O mal fala por si só.

No absurdo dessa dor existe um encontro. O silêncio humano se encontra com o silêncio divino. O caminhar humano em direção a Deus se encontra com o movimento divino em direção ao humano. O humano que se manifesta no questionamento e o divino na companhia. Como o ser humano não consegue abarcar a Deus, Deus entra nos moldes humanos, para divinizá-lo.

Com o intuito de auxiliar àqueles que sofrem e por causa da dor colocam-se diante de tais questionamentos, pretende-se com esse trabalho, não dar respostas definitivas, nem esgotar seu estudo, mas, dar uma contribuição para o amadurecimento do tema auxiliando a compreender um pouco mais o mistério que nos rodeia. Procurando perceber que Deus vai ao encontro dos que sofrem. Ele não se afasta. Para alcançar esse objetivo buscamos auxílio nos estudos teológicos de

Bruno Forte, que constantemente aborda esse tema. Citamos como exemplo dessa abordagem os questionamentos feitos no livro *Teologia da História. Ensaio sobre a revelação, o início e a consumação*:

Por que o sofrimento do mundo? [...] tem sentido o sofrimento? Tem sentido a vida? E a luta cotidiana e o destino universal de morrer tem um significado que torna digna a fadiga de viver? Da 'cruz da história' se levanta a interrogação sobre o 'sentido da própria história. [...] Devemos, portanto, rejeitar não a pergunta, mas a resposta presunçosa e totalitária'<sup>3</sup>

No livro *A Teologia como companhia, memória e profecia*, Forte volta a levantar esses questionamentos:

[...] a evidência da dor se impõe. [...] Por que tudo isso? Por que a dor? E, sobretudo, por que a dor inocente? É o problema de Jó, a eterna questão que desde o peso da morte eleva-se para a ansiada plenitude da vida. [...] 'Si Deus iustus, unde malum?: onde está o Deus justo diante do mal que devasta a terra e espedaça o coração dos homens? Por que o silêncio de Deus diante da dor do mundo?'<sup>4</sup>.

O questionar-se sobre o sofrimento e a aparente permissibilidade de Deus, estabelece uma relação entre humano e divino. Forte fala de êxodo humano e de advento divino. Dessa dinâmica brota o novo. Nesse novo, procuraremos encontrar pistas para auxiliar nas repostas sobre o questionamento da dor.

Neste primeiro capítulo além de explanarmos de que forma entende-se êxodo humano e advento divino na Teologia de Bruno Forte, vamos abordar mais dois pontos buscando encontrar pistas de respostas para o questionamento da dor e do sofrimento humano. No primeiro ponto será exposta a Teologia como companhia segundo Bruno Forte. No segundo ponto iremos iniciar um estudo sobre a Trindade

<sup>3</sup> FORTE, Bruno. *Teologia da História. Ensaio sobre a revelação o início e a consumação*, p. 5.

<sup>4</sup> FORTE, Bruno *A Teologia como companhia, memória e profecia*, p. 38, 39 e 40.



que será desenvolvido nos demais capítulos. Para este ponto veremos Deus Pai como Silêncio.

## 1.1 ÊXODO E ADVENTO

O êxodo humano e o advento divino são movimentos bíblicos. O Êxodo recorda a caminhada de libertação do povo do domínio egípcio, até a terra onde corre leite e mel. O Advento é vinda de Deus que se revela ao homem. O êxodo reflete o movimento de sair de uma situação incômoda de escravidão em busca da felicidade. O advento reflete um movimento contrário, mas com o mesmo fim. O ser humano quer libertar-se da dor e do sofrimento para alcançar a felicidade plena. Deus, por sua vez, vai ao encontro do humano para resgatá-lo da situação de escravidão e auxiliá-lo a alcançar a felicidade plena. Bruno Forte utiliza e cita constantemente essas duas imagens para explicar a relação entre humano e divino. Queremos apresentar algumas características dessa relação, por que ela é indispensável para o estudo do sofrimento humano.

A primeira característica é seu caráter histórico. O advento divino é sempre o mesmo, mas o caminho inverso não, por que o contexto humano é diferente. Indo ao encontro de Deus o ser humano carrega consigo sua História, sua realidade. Essa varia de acordo com o contexto no qual ele vive. Deus, muitas vezes é colocado à margem dessa História. Isso significa uma tentativa de apagar a presença Dele na História, como também buscá-Lo somente em questões que a razão não consegue explicar. Deus sempre está relacionado ao contexto histórico central, nunca à margem ou na periferia desse contexto. Ele não está na periferia da História humana, mas no centro da cidade. Onde o barulho, a discussão, o encontro, o movimento são efervescentes. Segundo Forte: “No centro da cidade, existe o silêncio da Igreja e o barulho do mercado, a festa do louvor e a dureza pesada da blasfêmia”.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> FORTE, Bruno *A Teologia como companhia, memória e profecia*, p. 10.

A segunda característica dessa dinâmica é a de demonstrar que o ser humano não é uma ilha, mas um ser de relações, pois, deve abrir-se não somente a Deus, mas também ao outro. O ser humano só conseguirá perceber o seu caminhar em direção a Deus no momento em que sair do seu ego e abrir-se a realidade do outro e conseqüentemente a Deus.

Uma terceira característica é que a relação estabelecida entre êxodo e advento torna-se também uma apologética da fé onde uma não anula a outra, porque, segundo Bruno Forte:

Esta apologética do encontro não renunciará à dura consistência da verdade, mas não saltará sequer por sobre a pesada resistência da liberdade humana, esforçando-se para perceber a verdade no evento, no advir a nós da Palavra, e a existência humana como êxodo, no permanente caminhar que é a vida, para tornar uma significativa para a outra, uma acessível à outra, num recíproco inquietar-se e fecundar-se, que não sacrifique a dignidade nem de um nem de outra.<sup>6</sup>

Assim as particularidades do divino e do humano são preservadas ao mesmo tempo em que dialogam. Deus não está num patamar inatingível, da mesma maneira que o ser humano não renega a Deus. A apologética da fé, acontece quando a verdade da Palavra é preservada, da mesma forma que é preservada a liberdade humana. Com isso, é possível, viver a fé, por que ela não oprime, mas conduz; não está à margem, mas no centro da vida.

Além dessas características queremos expor como Bruno Forte discorreu sobre este tema em uma de suas conferências na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul no ano de 2003. No primeiro ponto com o título *À procura do Pai: o êxodo do homem para Deus*. Ele inicia citando Santo Agostinho dizendo que o coração do homem continuará inquieto enquanto não repousar em Deus. A partir dessa afirmação introdutória, Forte remete à questão da infinita dor do mundo que é a morte. Desde quando nasce a morte é algo iminente ao ser humano. A partir dela surgem questões de sentido, de procura de significado para o futuro e de planejamento de vida. Parece contraditório, mas a morte nos faz buscar a vida.

---

<sup>6</sup> FORTE, Bruno *A Teologia como companhia, memória e profecia*, p. 12.

Há em nós uma saudade indestrutível do rosto de Alguém que acolha a nossa dor e as nossas lágrimas, que redima a infinita dor da morte. [...] Enfim, se, no fundo do coração, todos somos habitados pela angústia do desafio supremo da morte, e se isso nos faz pensativos, se a vida se torna uma luta para vencer a morte, então a imagem do pai é uma imagem da qual todos temos uma necessidade infinita.<sup>7</sup>

A partir dessa constatação, Forte pergunta por que muitos então se afastam do Pai. Esse afastamento é uma necessidade de autoafirmação. Sair do olhar paterno para proclamar as próprias capacidades. Afastam-se, mas não esquecem que o Pai está presente, junto, de braços abertos aguardando a volta. Algumas características do rosto do Pai são: “um pai-mãe no amor, que não crie dependência, que não nos faça escravos”.<sup>8</sup>

Essa reflexão estende-se à sociedade, de forma especial a do século XX, onde o primeiro passo foi o da emancipação do humano em relação ao divino. As consequências dessa razão considerada adulta foi holocaustos e guerras. Caindo por terra a ilusão da independência da razão, não houve uma volta a busca de Deus, mas um fechamento ainda maior em uma egoísta e deprimente fragilidade. Somente a abertura ao totalmente Outro irá nos libertar dessa escravidão e dará a plena dignidade para vivermos livres e em sociedade.

Por fim, mas ainda na reflexão sobre o êxodo, Forte conclui que diante das reflexões sobre o coração humano e os processos históricos resta-nos optar: “entre viver como peregrinos em busca de um rosto escondido ou fecharmo-nos, cada um, em nossos medos e em nossas solidões. A vida, ou é peregrinação ou é antecipação da morte”.<sup>9</sup>

Da realidade humana surge a questão da dor, a resposta do Pai se dá na revelação do seu advir entre os homens de forma especial em três momentos: o Pai de Israel, o Pai de Jesus e o Pai dos discípulos. A partir desses três momentos compreendemos um Deus que é amor e que está junto daqueles que sofrem.

---

<sup>7</sup> FORTE, Bruno. Deus Pai no Amor quer todos salvos em Cristo, o Filho Amado. *Teocomunicação*, p. 717.

<sup>8</sup> FORTE, Bruno. Deus Pai no Amor quer todos salvos em Cristo, o Filho Amado. *Teocomunicação*, p. 721.

<sup>9</sup> FORTE, Bruno. Deus Pai no Amor quer todos salvos em Cristo, o Filho Amado. *Teocomunicação*, p. 724.

O Pai de Israel é “um Deus materno que conhece a ternura e a misericórdia, que nos tem sempre sob seu olhar, porque nos tatuou nas suas mãos. E esse Deus é tão materno que se faz pequeno para que nós existamos”.<sup>10</sup> Através da humildade de se fazer pequeno Ele cria; não é um Deus rei, mas um Deus servo. Com seu aniquilar-se, proporciona vida. Ele cria por amor e quer habitar no meio da sua criação para que assim possa demonstrar seu carinho e cuidado. Ele nos criou livres e para o amor. Seu grande desejo é que voltemos para casa, junto dele. Este é o Pai de Israel que se revela principalmente no Antigo Testamento.

O Pai de Jesus é, “*Abba*” (papaizinho). Esta é a forma pela qual Jesus dirige-se ao Pai. Representa proximidade, afeto, mas acima de tudo confiança. E na hora crucial da dor na cruz, Jesus dirige-se ao Pai como “*Abba*”. Sendo assim, o Pai de Jesus, além de ser humilde e servidor, é ainda capaz de sofrer por amor à criação. Forte lembra que o sofrimento de Deus não demonstra sua fragilidade, mas sua grandeza em aceitar a dor pela pessoa amada:

[...] o Pai é aquele que sofre porque nos ama, porque nos criou livres e que, portanto, expôs-se ao risco da nossa liberdade. [...] O Nosso pecado não é indiferente ao coração divino. [...] Deus, O Pai, é amor (1Jo 4,8.16). O Pai de Jesus é amor sofredor, amor fiel, amor acolhedor, amor esperançoso que aguarda o nosso regresso”<sup>11</sup>

O Pai dos discípulos é a Igreja como comunidade, filhos do Pai. A Igreja é fruto da Trindade, do amor que dela emana e convidada a todos a viverem no amor filial. “Os discípulos vivem no Espírito para o Filho na presença do Pai, e deixam-se amar pelo Pai, por Cristo, no Espírito, como ensina a liturgia”.<sup>12</sup> Desta forma a lei fundamental da Igreja é o amor a exemplo da Trindade. Amor entendido como *ágape*. Sentindo-se amada pelo Pai a Igreja é convidada a amar.

Após explanação desses dois termos muito utilizados na Teologia de Bruno Forte: êxodo e advento, propomo-nos a compreender um pouco mais os desafios

<sup>10</sup> FORTE, Bruno. Deus Pai no Amor quer todos salvos em Cristo, o Filho Amado. *Teocomunicação*, p. 725.

<sup>11</sup> FORTE, Bruno. Deus Pai no Amor quer todos salvos em Cristo, o Filho Amado. *Teocomunicação*, p. 728.

<sup>12</sup> FORTE, Bruno. Deus Pai no Amor quer todos salvos em Cristo, o Filho Amado. *Teocomunicação*, p. 728.

que são apresentados à Teologia. Queremos expor de que forma Forte respondeu à questão: que sentido tem fazer Teologia hoje? A partir dessa resposta queremos encontrar pistas para a questão do sofrimento humano. Este próximo ponto irá auxiliar a compreender de que forma Forte entende a realidade e seus desafios. O êxodo humano, o contexto em que vivemos segundo Forte, busca o advento divino. Desta forma a Teologia, reflexão sobre a fé, se faz companhia, pois está no dia-a-dia da pessoa.

## 1.2 DA COMPANHIA SURGE A QUESTÃO DA DOR

Qual a origem da questão da dor? Para dar essa resposta devemos entender a Teologia como companhia. Nela conheceremos a realidade e os desafios que são apresentados. Da História humana, brota a questão sobre o sofrimento. Dessa forma, entramos em diálogo com o Deus vivo através daquilo que Ele nos revelou. Esta revelação acontece na caminhada da comunidade: “companhia da vida que temos com os homens de nosso tempo, com suas perguntas, suas esperanças, suas conquistas, suas verdades truncadas, no diálogo com a companhia da fé, que é a comunidade da Igreja colhida pelo advento de Deus vivo e santo”.<sup>13</sup>

Compreendemos que a Teologia entendida como companhia se relaciona com a História e com a busca de sentido da História. Nesse ponto, entra a questão do sofrimento. Ele marca profundamente o ser humano ao longo de sua vida. Como na companhia se busca um sentido para a História e esta História é marcada pelo sofrimento, logo a companhia pode auxiliar a dar a resposta do porque do sofrimento humano como também que sentido tem o sofrimento humano?

Para dar essas respostas utiliza-se a linguagem humana. Essa, porém apresenta limitações e não alcança a totalidade do que se quer expressar. Ela carrega consigo o contexto na qual está inserida. Mesmo com essa limitação a Teologia tem o desafio de dar resposta à pergunta que brota do centro da humanidade, pois esse é o lugar da Teologia.

---

<sup>13</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia*. p. 5.

Diante desse desafio, a Teologia é convidada a defender a fé, para que ela possa ser uma resposta aos anseios e dores da atualidade. Segundo Bruno Forte, ela pode ser defendida de três maneiras. A primeira delas é uma apologética objetiva: “A força deste tipo de apologética está na dignidade que atribui ao conhecer humano, e a sua debilidade está em descurar inteiramente os direitos da subjetividade, a ponto de defender uma verdade que chega a parecer que não tem nenhum sentido para o destinatário”.<sup>14</sup>

A segunda é descrita por Forte como apologética da imanência. Ao contrário da primeira, coloca em ênfase a subjetividade. Para Forte, a Teologia como companhia deve ser uma apologética do êxodo humano e advento divino, onde ambos se fundem, criando o novo. Essa terceira forma de apologética não será nem tanto subjetiva, nem objetiva, mas trará consigo a presença dos Êxodo e do Advento de forma equilibrada.

Utilizando a linguagem humana e suas limitações, buscando um sentido para o sofrimento, queremos fazer uma leitura da realidade e seus desafios. Para isso utilizaremos a linha de pensamento de Bruno Forte que propõe três desafios: dos contextos; do ser humano e da presença do Deus Vivo. Através desses desafios perceberemos as inquietações causadas pela dor, como também a dinâmica proporcionada pelo êxodo humano e o advir divino.

### **1.2.1 O DESAFIO DA DOR QUE SURGE DOS CONTEXTOS.**

O desafio dos contextos descreve uma leitura da História tendo como ponto de partida o Iluminismo e as pessoas que viveram esse ideal. Por fim é feito um contraponto a este grupo expondo o avesso da História, ou seja, as classes que não tiveram a oportunidade de acompanhar esse momento histórico que foram oprimidas por ele. De que forma o êxodo se manifesta tanto naqueles que viveram o iluminismo como no avesso da História, nas classes que não participaram dele? A primeira fase abordada por Forte é denominada de emancipação.

---

<sup>14</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia*. p. 12.

É por isso que emancipação é a Palavra-chave, capaz de diferenciar toda época, inaugurada pela revolução: ela expressa o projeto próprio da razão iluminada de tornar o homem finalmente adulto, livre de hipotecas ultramundanas, capaz de querer e ser sujeito da própria história. [...] Na vertente teológica, um empreendimento semelhante foi traduzido tanto na rejeição da imagem de um Deus concorrente do homem, quanto na redução de todo Absoluto ao devir aprisionado no horizonte mundano.<sup>15</sup>

A emancipação revela a independência da razão humana. Rejeita-se assim a ideia da presença de Deus. Em um primeiro momento ela causa uma sensação de liberdade plena. O ser humano não depende mais de ninguém, sente-se totalmente livre. A razão é suficiente para satisfazer suas necessidades. Deus, na ideia emancipatória, falhou, já não dá mais as respostas necessárias que satisfaçam a razão humana. Por isso, ela deve se tornar independente, emancipada.

Autores como Nietzsche, Kant e Marx são colocados em evidência por anunciarem a morte de Deus e a grandeza da razão humana. Kant ao responder o que é o iluminismo afirma: “é a saída do homem da sua menoridade, que ele deve a si mesmo. A menoridade é a incapacidade de se servir do próprio intelecto sem a guia de um outro”.<sup>16</sup> Nietzsche anuncia a morte de Deus: “Ouviste falar daquele homem demente que [...] correu ao mercado e se pôs a gritar sem parar: ‘Procuro Deus’. [...] Deus está morto! Deus continua morto e nós o matamos!”<sup>17</sup>

O principal risco da emancipação é o totalitarismo, pois ao recorrer somente a razão, o ser humano fecha-se em si mesmo e nas suas capacidades, não está aberto a Deus e por consequência não está aberto ao outro. O ser humano torna-se também o único responsável pelos seus atos.

Por isso, a dialética do Iluminismo é a denúncia dos limites e consequências da razão emancipatória. Principalmente do afastamento da dor. Nega-se que a razão é culpada pelas noites da vida, nela somente se observava as belezas da luz. Mas em quem colocar a culpa pela guerra e revolução eminentes? É necessário admitir o valor e a dignidade da morte e da dor, mas isso significa denunciar a falência da razão.

<sup>15</sup> FORTE, Bruno. *No Caminho do Uno. Metafísica e Teologia*. p. 182-183.

<sup>16</sup> KANT, Immanuel. *Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?* p. 481-494.

<sup>17</sup> NIETZSCHE, Friedrich, *A Gaia Ciência*. seção 108.

O século XX nasce e se fecha sob o signo da crise: a Revolução Francesa, de um lado, e o estouro da Primeira Guerra Mundial, de outro [...] A crise das guerras mundiais e dos totalitarismos se expressa na denúncia crítica dos limites e das presunções da razão emancipante [...] Encontrar o valor e a dignidade da morte, redescobrir o sentido da interrupção e o peso da ausência, significa certamente renunciar ao sonho emancipatório [...] mas significa respeitar a verdade da vida.<sup>18</sup>

Outra questão pendente em relação ao Iluminismo é responder sobre o passado e o futuro, pois ao decretar o triunfo sobre o passado fecha-se também ao novo, ao futuro. Novamente Nietzsche, torna-se um autor em evidência porque ele afirma que a História é cíclica. Confirmando o totalitarismo do Iluminismo e sua perpetuidade ao longo da História. Nietzsche afirma: “Tudo vai, tudo torna; a roda da existência gira eternamente. Tudo morre; tudo torna a florescer; correm eternamente as estações da existência... o anel da existência conserva-se eternamente fiel a si mesmo”.<sup>19</sup> Com a História sendo cíclica falta ao Iluminismo a esperança, falta espaço para o êxodo, pois não se caminha mais tudo é eterno retorno. Falta a abertura ao advento, pois tudo está justificado através da razão.

A dialética do Iluminismo proporciona um contraponto à razão emancipatória. Ela prova que o fechar-se em si, característica da razão emancipatória, não resolve a questão da dor e do sofrimento. Ao contrário, a torna mais evidente. Dessa forma está decretada a falência de um sistema que busca uma realização a qualquer preço. Surge uma mudança, uma nova fase denominada pós-moderno.<sup>20</sup>

Frente ao fracasso da razão emancipatória o pós-moderno inaugura um período de incertezas. Com isso corre o risco da inversão dos pólos. O que antes é só evidenciado pela luz, agora só tem sentido nas trevas. Para não cair nessa armadilha, o pós-moderno confessa a necessidade da alteridade, do inatingível do outro que não pode ser totalmente captado pela razão. Surge a principal característica do pós-moderno: a identificação do rosto do outro.

---

<sup>18</sup> FORTE, Bruno. *No Caminho do Uno. Metafísica e Teologia*. p. 190, 191, 192.

<sup>19</sup> NIETZSCHE, Friedrich, *Assim falou Zaratustra*. p. 253.

<sup>20</sup> Os limites do termo pós-moderno esta em compreender que esse termo é utilizado por Forte para expressar o período pós-iluminismo como consequência do iluminismo e da sua dialética. Ele não segue os períodos históricos descritos comumente.



Desta alteridade que não pode ser aprisionada é densa lembrança o rosto do outro: ele quebra qualquer totalidade absolutizante [...] A epifania do rosto marca a transcendência que não se torna imanência: no rosto de outros a alteridade nos visita e nos atira rumo a um êxodo sem retorno, que não se deixa olhar face-a-face. O rosto é sinal do Outro<sup>21</sup>

Forte apresenta que a abertura ao outro provocou, na era pós-moderna, o princípio da heteronomia. Esta é a capacidade da pessoa ou do grupo de receber de algo externo a ela, a orientação a qual ela deva obedecer. Ela pode ser acessível, sob duas vias: a narrativa e a analógica. Essas duas vias respeitam a História já escrita. Enquanto a primeira é abertura à História de uma maneira que não se consiga capturar na sua totalidade, a segunda é uma relação vertical da descoberta de um Outro maior que se deixa e, simultaneamente, não se deixa conhecer na História.

Tendo a sensibilidade de abrir-se ao outro vê-se uma História que não é lembrada, a História das classes menos privilegiadas, o avesso da História. Essa outra perspectiva é a do pobre e do oprimido. Através dela pode-se perceber que a conquista da liberdade emancipatória da razão aconteceu às custas da opressão e da dor de muitos. O sujeito desse avesso da História é considerado como não-pessoa porque está à margem de qualquer discussão da razão emancipatória, mas Bruno Forte coloca nele o lugar da Teologia cristã. Olhar a Teologia a partir do pobre tem o mérito de estimular o questionamento sobre a dor e o sofrimento, antes esquecido e menosprezado. Nesse avesso da História a pergunta sobre o sofrimento se torna mais evidente. Nela o silêncio é presente, mas o grito pela justiça é necessário.

De que modo falar de um Deus que se revela como amor numa realidade marcada pela pobreza e pela opressão? Como anunciar o Deus da vida a pessoas que sofrem morte prematura e injusta? Como reconhecer o dom gratuito do seu amor e da sua justiça a partir do sofrimento do inocente? Com que linguagem dizer aos que

---

<sup>21</sup> FORTE, Bruno. *No Caminho do Uno. Metafísica e Teologia*. p.195.

não são considerados como pessoas que eles são filhas e filhos de Deus?<sup>22</sup>

São perguntas que surgem a partir do momento em que olhamos a História do ponto de vista das classes menos privilegiadas. Essas perguntas sensibilizam-nos a assumir a causa dos menos privilegiados, partindo de sua História para resgatá-los em sua dor.

A Teologia que aborda a História a partir de seu avesso é marcada por três momentos: o primeiro deles é descrito por fazer um levantamento da realidade, fazendo uma mediação socioanalítica, como uma análise de conjuntura. O segundo, relaciona leitura da realidade à Boa Nova do Evangelho, demonstrando sua conformidade, ou não, com o mesmo. O terceiro determina as linhas de ação que surgem a partir do confronto entre realidade e Boa Nova do Evangelho. Este é o método utilizado quando se vê a História a partir do seu avesso para julgá-la a partir do Evangelho em vista do agir, para transformar a realidade.

Esse itinerário também apresenta riscos: “descuido das raízes místicas, inflação do aspecto político, subordinação do discurso da fé ao discurso da sociedade, absolutização indébitas, acentuação das rupturas, fechamento ao diálogo da comunhão”.<sup>23</sup> Mas, mesmo correndo esses riscos a Teologia a partir do avesso da História é a certeza de que a Palavra está presente junto àqueles que mais sofrem e são oprimidos, dando-lhes esperança e impulsionando-os a buscarem uma vida mais digna e plena.

Bruno Forte faz essa leitura da História a partir dos seus contextos. Mas nela, percebemos o ser humano. Continuando na busca de compreender a realidade que nos cerca, descreveremos os desafios do humano.

---

<sup>22</sup> FORTE, Bruno. *Teologia como companhia, memória e profecia*. p. 31.

<sup>23</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia*. p. 33.

### 1.2.2 O DESAFIO DA DOR QUE SURGE DO HUMANO

O humano é caracterizado pela dinâmica do nascer e morrer. Cada dia é um dia a menos antes da morte, mas é um dia a mais de vida. Segundo Forte ao mesmo tempo em que o ser humano é um ser para a morte ele é um ser que constrói vida. Mesmo com a certeza desse movimento, a morte é evidente em todo ser e ela carrega consigo a dor. Duas características trágicas para a existência humana: dor e morte. No sentimento de perda que essas duas características trazem, abre-se a beleza da busca por um sentido, por uma ressignificação, por algo transcendente. É o caminho do êxodo que se encontra com o advento. O humano se encontra com o Divino. Quando tudo parece fim, eis que se abre a porta da eternidade.

Bruno Forte caracteriza a existência humano como o questionar-se, depois o dar-se conta e por fim a abertura ao novo, a partir do amor. O questionar-se é a tragicidade da vida e suas nuances. Onde humano e Deus encontram-se no extremo da dor que é a cruz.

Uma teologia, que seja pensamento crente na cruz do Filho de Deus não pretende ser a resposta ao problema de Jó: nela, simplesmente, a pergunta se dissolve na certeza da proximidade divina aos sofredores, chamados, na companhia do Crucificado e pela força do Espírito, a transformar a dor em amor, a renúncia em empenho, a blasfêmia em invocação, a história do sofrimento em história do amor ao mundo. [...] Verdadeiramente, se quisermos saber quem é Deus, devemos ajoelhar-se diante da cruz.<sup>24</sup>

A Teologia a partir da cruz é a principal resposta ao desafio humano da dor e do sofrimento. Desafio que questiona a veracidade do amor de Deus. Mas, através dela é possível perceber um Deus solidário na dor a partir da cruz. Não existe apologia diante da dor e do sofrimento. Por isso, excluir da reflexão da fé o questionar sobre a dor é tirar a Teologia do centro e colocá-la à margem. Mas o

---

<sup>24</sup> FORTE, Bruno. *Teologia como companhia, memória e profecia* p. 41.

sofrimento não é o fim em si mesmo: do encontro entre o sofrer humano e a cruz de Cristo nasce a esperança.

Nesse encontro acontece o dar-se conta e a abertura ao novo. A caminhada e o pensamento futuros são retomados quando a esperança substitui a dor. Nada é demasiado pesado se alimentado pela esperança e pelo amor. Pensar o futuro com esperança qualifica o ser, pois dá sentido à luta e aos sofrimentos cotidianos.

O ser humano não pode se conhecer-se por completo sem a espera do futuro e da consumação dos tempos. Pensar o futuro contesta o pensamento defendido por muitos filósofos, principalmente os gregos e a teoria do eterno retorno. O futuro está aberto ao inesperado, ao novo. Não necessariamente à evolução, à melhora, porque a perspectiva do futuro deve levar em conta que o ser humano pode utilizar de forma errônea sua liberdade.

Não é fácil abrir-se ao futuro, porque ele causa insegurança e a perspectiva da morte. O ser humano tem dois motivos principais, segundo Forte, para apresentar a dificuldade de pensar a perspectiva da morte: o primeiro é a dor que ela causa e o segundo é de não compreender o porque da morte e como ela será. Para termos a perspectiva do futuro, entretanto, é indispensável levar em conta o fim comum a todos: a morte. “No caminho da morte à vida, que é o movimento de êxodo descrito pela existência do homem na terra, existe um lugar onde o êxodo passa intensamente ao advento e o advento realiza-se na pobreza da condição humana: este lugar, antecipação do eterno: é o amor”.<sup>25</sup>

É próprio do ser humano viver o amor. Forte coloca essa característica ao final dessa dinâmica, pois entende que só ela é capaz de superar a dor e a perda. Através do amor percebe-se a alegria de viver. Com ele nos damos conta do outro que está ao nosso lado e com ele somos convidados a caminhar. Através do amor buscamos o infinito amor que é Deus. O amor proporciona ao ser humano a capacidade de perceber que a morte será superada que ela não pode ser o fim, por isso, o amor gera segurança, não se tem mais medo do futuro, ao contrário, pode-se caminhar em direção a ele com esperança e com a responsabilidade de transmitir esse amor que qualifica o ser.

---

<sup>25</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia*. p. 48.

O contrário do amor é o egoísmo, o fechamento, a solidão, o individualismo, a soberba: atitudes que geram dor e sofrimento. Por sua vez, viver o amor é propor o bem, a presença de Deus, a abertura ao outro, a partilha, a solidariedade, a justiça e a paz. Para viver o amor é necessário uma relação de dois seres, por isso é indispensável um sair de si e ir ao encontro do outro a tal ponto de poder se encontrar a si mesmo no outro. Juntos olhar para a mesma meta.

Para viver esse amor é necessário um esforço. O ser humano foi criado para o amor, mas ao olhar à sua volta podemos ter a impressão de que o amor faliu. Forte elenca três causas dessa falência: a posse ciumenta (falta de solidariedade), a ingratidão amarga (falta de gratidão) e a captura dilacerada (busca desenfreada por bens e poder). Como podem superar esses sinais de desamor? Quem poderá nos auxiliar? “Tornamo-nos capazes de amar, quando nos descobrimos amados primeiro, envolvidos e conduzidos pela ternura do amor rumo ao futuro, que o amor constrói em nós e por nós”.<sup>26</sup>

Percebendo-se amado por Deus, o homem torna-se capaz de amar ao próximo e orientar seu caminho do êxodo perpassando-o pelo desafio da fé. Crer em Deus é confiar a vida em suas mãos e aceitar Seu projeto. Não significa posse, mas desprendimento. Continuando nossa leitura da realidade a partir de Bruno Forte iremos descrever o humano que acabamos de caracterizar e sua relação com Deus.

### **1.2.3 O DESAFIO DA DOR QUE SURGE DO DEUS VIVO**

O que significa o ato de crer? Diante da dor, do sofrimento, somos convidados a confiar. A perceber a Palavra que brota no silêncio. Nessa leitura da realidade não poderíamos deixar de abordar a relação do revelar-se Divino e a permissibilidade humana ao Divino. Novamente se torna claro o advento Divino e o êxodo humano. Deus, ao se revelar na Palavra, apazigua o coração humano inquieto.

O ato de crer é uma entrega de si e acolhimento incondicional do outro. Significa confiar ao outro não uma parte, mas o todo. É dar espaço para que o outro

---

<sup>26</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia*. p. 51.

possa habitar em nós, sendo assim, abrir mão de nossa existência em vista do outro. Esta abertura do humano em relação ao divino se dá na escuta da Palavra. Ao Deus que se revela na Palavra o homem se abre na obediência da fé. A comunhão plena entre êxodo e advento acontece nesse encontro entre Palavra e abertura de coração.

O “amém” do homem é resposta ao “amém” divino: aquele que consente percebe que o Outro lhe consentiu primeiro, e a sua entrega é fruto de outra entrega. Deus se doa a Deus no coração do homem: e o homem reencontra-se no coração de Deus. No aniquilamento do homem, que é puro sair de si rumo a Palavra que convida, realiza-se também o aniquilamento de Deus, que é a pura “quenose” do seu amor humilde, pela qual desdenha entrar na história dos homens e comprometer-se nela.<sup>27</sup>

A fé é graça e dom de Deus e deve ser cultivada no coração humano. O encontro harmonioso entre advento e êxodo exposto na citação. Nele não acontece a perda de um no outro, nem a total separação dos dois. O encontro se dá no esvaziar-se de si para preencher-se do outro. O desafio do Deus vivo é realizar harmoniosamente a comunhão do humano e do divino, para juntos abrirem-se à pátria futura, à realização plena.

A passagem do Evangelho dos discípulos de Emaús (cf. *Lc 24,13-35*) é o exemplo da caminhada humana no amadurecimento da fé. Deus acompanha a História humana.

O comportamento do misterioso Viajante no caminho de Emaús, resulta, portanto, antes de tudo daquele que se faz próximo ao outro: ele faz companhia no caminho dos dois. ‘Jesus, em pessoa se aproximou e caminhava com eles’ (v. 15). Acompanhar, fazer perguntas, escutar as respostas, ler o coração do outro e fazer ardê-lo com o anúncio da Palavra de vida, acender o desejo e corresponder com gestos de compartilhar. Esta é a companhia da vida.<sup>28</sup>

<sup>27</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia*. 56.

<sup>28</sup> FORTE, Bruno. *Dialogo e anuncio. L’evangelizzazione e l’incontro con l’altro*. p. 296 “Il comportamento del misterioso Viandante sulla via di Emmaus risulta, dunque, anzitutto quello di chi si fa próximo all’altro: egli fa compagnia al cammino dei due. ‘Gesù in persona si accostò e camminava con loro.’ (v. 15). Accompanarsi, porre domande, ascoltare le risposte, leggere il cuore dell’altro e

Na vida do ser humano, assim como no caminho de Emaús, Jesus se coloca ao lado. O ato de revelar-se é divino, Deus vem ao encontro do humano e se coloca a caminho com ele. Nesse momento existe a partilha. Na História humana encontramos a presença divina. Na despedida há um convite: “Permanece conosco, pois cai a tarde e o dia já declina.” (Lc 24,29) Nessas Palavras há uma primeira demonstração de fé, mesmo que inconsciente. O coração humano está inquieto, enquanto não repousar em Deus. “Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo: quando voltarei a ver a face de Deus?” (Sl 42-43,3) Demonstra uma necessidade da presença de Deus. Na partilha do pão os discípulos reconhecem o Cristo. Esse momento demonstra que na vivência do amor acontece o encontro com Deus. Quando os discípulos reconhecem Cristo Ressuscitado, Ele não está mais visível. Fica no coração a certeza da fé de que Cristo vive e está ressuscitado. Por isso, estamos salvos.

O caminho de Emaús é o caminho da fé do ser humano. Neste caminho é proposto o desafio para a fé: acreditar no Deus vivo. Ao longo da História humana este trecho do evangelho torna-se a repetir. Deus está presente, não o reconhecemos, percebemos a necessidade Dele, vemos sua presença na prática da solidariedade; quando o reconhecemos, ele se oculta, para que tornemos a buscá-lo e para que possamos praticar a solidariedade.

Bruno Forte afirma que a Igreja tem o compromisso de lembrar essa busca de Deus e também de interpretar a presença de Deus na História da humanidade. Ela tem o dever de abrir os olhos dos homens e fazê-los ver essa presença. A Teologia tem, por sua vez, o dever de auxiliar a Igreja. Mas a História humana muda, ao mudar ocorre o ocultamento de Deus e uma nova necessidade de buscá-lo e de perceber sua revelação na nova etapa da História que se apresenta. Outro desafio é o dar-se por conta de que no momento em que existe a prática do amor, existe a presença de Deus.

Este é o desafio que o Deus vivo nos coloca como Igreja e que faz parte de nossa realidade. Como podemos encontrar esse Deus na História de dor da humanidade? A resposta à questão está no Deus que se revela, mas que não se

revela totalmente, porque ao se revelar totalmente ele se reduz ao humano ou o humano é absorvido pelo divino. Por isso, Deus é Palavra e Silêncio. Palavra, no que ele se revela e Silêncio, no que necessita ainda se revelar. Dessa forma, existe um equilíbrio na relação humano e divino.

O Silêncio do Pai é o que nos propomos a estudar a partir da Teologia de Bruno Forte. Buscamos nessa pesquisa conhecer sobre o silêncio, principalmente diante de tantas situações de sofrimento. É o Deus que está oculto e se revela. “Então seus olhos se abriram e o reconheceram; ele, porém, ficou invisível diante deles “. (Lc 24,31)

### **1.3 O SILÊNCIO DO PAI DIANTE DA DOR**

O silêncio é a mola propulsora da questão que relaciona Deus e sofrimento humano. Diante da realidade apresentada e dos desafios propostos surge a questão do silêncio. O que é silêncio? O silêncio não significa ausência; é uma forma de comunicação, que ao ser descoberta por nós muda nossa maneira de relacionar-nos com Deus. O silêncio é um grito tão forte que ensurdece, paralisa as pessoas que o escutam.

Silenciar não denota imobilidade. Ele é a ação de calar-se diante de uma realidade. Será que Deus cala diante da dor? A partir da Palavra de Deus conhecemos quem ele é, podemos ser orientados por ele. O que Deus nos fala com o silêncio? O silêncio diante do sofrimento demonstra que ainda esperamos? Um conhecer um pouco mais a Deus? O silêncio é um mistério; desconhecemos qual é a Palavra. Mas, seu poder está em ser escutado e percebido.

Estabelecemos aqui uma nova relação: silêncio e Palavra. Através da Palavra conhecemos a Deus e sabemos que existe um silêncio. “No princípio era a Verbo e o Verbo estava com Deus, e a Verbo era Deus. [...] E o Verbo se fez carne e habitou entre nós [...]” (Jo 1,1;14) No princípio a Palavra estava com o Pai, logo era silêncio. Ela torna-se carne, se comunica-se a partir do Filho. Silêncio e Palavra são ao mesmo tempo um, e diversos. Da mesma forma que na Trindade se estabelece uma



relação entre Pai e Filho, aqui também se estabelece uma relação entre Palavra e Silêncio. O Encontro entre Silêncio e Palavra. Encontro é próprio do Espírito Santo. Nele está presente o Pai e o Filho, o Silêncio e a Palavra. A mesma relação que se estabelece na Trindade, Forte estabelece entre Silêncio, Palavra e Encontro. Onde os três são um e o um são três. Vimos no ponto anterior a realidade causadora da questão do silêncio iremos agora, descrever um pouco sobre o Silêncio nesse ponto.

### 1.3.1 O SILÊNCIO ETERNO: O MISTÉRIO DO PAI

O Silêncio nos traz a oportunidade do questionamento. Ele nos remete à Palavra. Logo, ele se torna o início, mas a fé se relaciona com a Palavra, pois, através dela tateamos o mistério. Ao mesmo tempo em que descobrimos e alimentamos nossa fé a partir da Palavra, esta nos remete ao seu início, sua origem: o silêncio. Nesse dinamismo entre Silêncio e Palavra, descobrimos a dinâmica da Revelação de Deus. É o Deus que se “re-vela” (entendido como ato de abolir a cobertura e também como um velar mais espesso).<sup>29</sup> A afirmação dessa dinâmica é indispensável para evitar que a manifestação da fé seja entendida como *Offenbarung*<sup>30</sup>.

Forte afirma que é preciso pensar essa relação Silêncio/Palavra de maneira a mostrar continuidade e distinção, portanto; negação/afirmação; uma via negativa, uma positiva e uma dialética. Só é possível falar em Silêncio, porque há Palavra, porque a dinâmica da revelação proporciona um ocultamento e uma manifestação.

A primeira forma de relação entre Palavra e Silêncio é a via negativa, onde se ressalta a diferença entre Silêncio e Palavra. Isso ocorre porque ao manifestar-se a Palavra torna-se presente, visível e palpável. Por sua vez, o Silêncio revela escuridão e distanciamento. Não significa que ele não esteja presente, por que pela Palavra se descobre o Silêncio, mas ele é distinto.

<sup>29</sup> Cf. FORTE, Bruno. *À escuta do outro. Filosofia e Revelação*. p. 14.

<sup>30</sup> Termo alemão que privilegia somente um dos significados de revelação: o de trazer a tona. Deixa de lado o ocultamento da revelação. Bruno Forte dedica um capítulo sobre este termo no livro: *À escuta do outro. Filosofia e Revelação*. p 13-29. Bruno Forte lembra que o risco do *offenbarung* é a repetição necessária da identidade, mas o contrário representa o risco a tornar-se incomunicabilidade entre os seres separados pelo nada.

[...] o Silêncio, cuja a Palavra abre, se oferece como a não-Palavra, a diferença específica é o Verbo enquanto tal. Como a Palavra tem o caráter de vir em seguida, de proximidade imediata ao nosso mundo de pronunciável no horizonte da nossa linguagem e portanto de comunicação que dá a possibilidade dos homens de tornar-se “filhos no Filho”, assim é o Silêncio em relação ao Verbo tem um caráter de pro-venir, escondido, de profunda distância.<sup>31</sup>

Nessa relação, a fé se restringe ao aspecto visível, ao explicável. O Silêncio está nas trevas, oculto. Só o conhecemos porque o comparamos com a Palavra em uma dedução lógica simples: o que não é manifesto pela Palavra é característica intrínseca do Silêncio.

Ao contrário, a via positiva, pretende afirmar a continuidade entre Silêncio e Palavra. Através do que a Palavra nos apresenta conhecemos o Silêncio e adentramos em seu mistério. A Palavra nos leva ao oculto, porém este permanece no seu ocultamento e a qualificação desse ocultamento se dá através do amor. Porque a manifestação de Deus se dá no Filho, por amor. “Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor. Nisto se manifestou o amor de Deus por nós: Deus enviou seu Filho ao mundo para que vivamos por ele.” (1Jo 4,8s)

Através do amor conseguimos entender a afirmação de continuidade entre Silêncio e Palavra, que a via positiva tenta comprovar. O amor nos leva da Palavra ao Silêncio e desta, novamente, à Palavra.

A continuidade entre Palavra e Silêncio, afirmada pela via positiva, não é, portanto, de modo algum extrínseca; ela é necessária pela livre necessidade do amor. Do amor revelado subimos ao amor oculto e deste retornamos à revelação como ato de comunicação que, dentro da liberdade e gratuidade do amor eterno, encontra sua mais profunda motivação e seu início.<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> FORTE, Bruno. *Dialogo e anuncio. L'evangelizzazione e l'incontro com l'altro*. p. 108. Il Silenzio, cui la Parola schiude, si offre come la Non-Parola, la differenza rispetto a ciò che specifica il Verbo in quanto tale. Come la Parola há il carattere de “venuta” e quindi di prossimità imediata al nostro mondo, di dicibilità nell'orizzonte del nostro linguaggio e perciò di comunicazione che rende possibile agli uomini di venire “figli nel Figlio”, così il Silenzio al di là del Verbo há il carattere di “pro-venienza” nascosta, di profondità lontana,

<sup>32</sup> FORTE, Bruno. *Teologia da História. Ensaio sobre a Revelação o início e a Consumação*. p. 69-70.

Constata-se, na via positiva, a iniciativa do advento que vem ao encontro do humano pelo caminho do amor. A fé acolhe a iniciativa divina e, através dela, dá-se conta do Silêncio. Dessa forma, o humano é elevado ao divino. O amor torna-se novamente o viés capaz de estabelecer a relação entre êxodo e advento.

O risco encontrado na via positiva é o de colocar em máxima evidência a continuidade entre Silêncio e Palavra, esquecendo a particularidade de cada uma das partes. Desta forma o Silêncio seria totalmente Palavra e teríamos a capacidade de conhecer plenamente a Deus a partir da sua revelação.

Entre a via negativa e a positiva existe a dialética das mesmas. Essa via tem como característica perceber a unidade e a distinção entre Palavra e Silêncio. Existe uma continuidade e uma singularidade. A Palavra provém do Silêncio e a ele retorna. O Filho provém do Pai e retorna ao Pai.

A via dialética reassumiu e superou as outras duas, porque reconheceu entre Palavra e Silêncio uma continuidade e uma distinção, um tipo de eminência do Silêncio sobre a Palavra, enquanto origem e destino e da Palavra sobre o Silêncio enquanto verbo da comunicação e da participação da vida divina junto aos homens.<sup>33</sup>

A cruz é o exemplo da unidade entre Palavra e Silêncio. Porque no abandono total a Palavra se comunica no Silêncio e entra em comunhão com ele. Compreender essa unidade é compreender a unidade entre Pai e Filho. Igualmente é compreender a unidade entre divino e humano que se encontram no Silêncio. Em ambos os casos o Silêncio manifesta amor. De um lado, amor Divino da entrega, de outro, o amor humano que sente a falta, que sente saudades pela perda.

Na mesma intensidade da unidade existe a distinção, pois um é o que gera e o outro o que é gerado. Essa distinção não coloca em patamares diferentes Pai e Filho. Demonstra, contudo, a distinção, existente nas duas pessoas. O Silêncio do

---

<sup>33</sup> FORTE, Bruno. *Dialogo e annuncio. L'evangelizzazione e l'incontro com l'altro*. p. 110-111. "È la via dialettica a riassumere e superar le altre due, perchè riconosce fra la Parola e il Silenzio un rapporto che è insieme di continuità e di distinzione, una sorta di "eminenza" del Silenzio sulla Parola, in quanto Origine e Destino, e della Parola sul Silenzio, in quanto Verbo della comunicazione e della partecipazione della vita divina agli uomini."

ser vai revelar essa unidade com o Silêncio divino e com os outros seres formando assim uma comunhão.

### 1.3.2 O SILÊNCIO DO SER

O Silêncio que é o princípio de todas as coisas, também é do ser humano. Forte introduz a questão do silêncio do ser afirmando que, além do Silêncio que tudo gera (o Silêncio que é Deus), existe o silêncio Ontológico: o silêncio do ser (o que está oculto no ser humano e que nem ele próprio conhece). Este torna comum todos os entes e marca a presença do Advento no êxodo, pois o silêncio comum dos entes cria unidade ao Silêncio de Deus.

O silêncio do ser, do qual participam todos os entes enquanto simplesmente existem é como que o eco do Silêncio eterno, do qual tudo provém e no qual tudo existe. Perscrutar o ser dos entes dentro da insuprimível diferença ontológica existente entre todos eles e captar nela a doação primordial no acontecer da existência passa a ser, então, o encontrar-se frente a frente com as misteriosas profundezas do Início, um seguir as pegadas daquele Silêncio cuja Palavra nele ressoa, no tempo e na eternidade.<sup>34</sup>

O fator comum, de momentos de dor e sofrimento, pelo qual passa o ser humano pode oportunizar um dar-se conta de que ali também está o Divino. Porque a dor e o sofrimento silenciam-nos, revelam-nos o que não conseguimos explicar. No silêncio Deus se faz presente, porque ele é o Silêncio.

Forte encontrou em Heidegger o auxílio necessário para falar do silêncio do ser. Onde a grande virada heideggeriana, segundo Forte, está em descobrir a primazia do Ser, onde o ente torna-se um cuidador, alguém que escuta o Ser. Nessa escuta do Ser existe a oportunidade para investigar o espaço do Sagrado.

Ao colocar-se na escuta, o ente não questiona mais sobre o Ser, mas se coloca na escuta do mesmo e estabelece uma relação de comunicação. Nessa

---

<sup>34</sup>FORTE, Bruno. *Teologia da História. Ensaio sobre a Revelação o início e a Consumação*. p. 75.

comunicação o Ser toma a iniciativa, dá a origem e doa-se. Essa comunicação, entretanto, é ao mesmo tempo, uma apresentação e um retrain: um silêncio do ser. A pergunta que Forte propõe é: existe um espaço ao Sagrado neste silêncio do ser?

Ao mencionar o Sagrado, Forte lembra a necessidade de não “entificar” Deus, nem torná-lo parte integrante do explicável, mas abordá-lo tendo a ciência de seu ocultamento.

[...] este roteiro é uma espécie de educação para a escuta do Dizer primordial e do não menos primordial calar. Este caminho da escuta é o único em que de algum modo poderá aparecer o ser além da essência e o sagrado (das Heilige) a ele intimamente ligado. É o caminho de peregrinação para a Pátria, que é a proximidade do ser [...]<sup>35</sup>

Sabemos que no Ser está a oportunidade do diálogo com o Sagrado. Se cada pessoa aproveitar esse espaço de diálogo terá a oportunidade de entrar em comunhão com o Sagrado. Ao contrário ao fechar-se, a pessoa gera o egoísmo a não comunicação com o Sagrado e com as outras pessoas.<sup>36</sup>

Mas, não se pode reduzir o revelar-se do Sagrado somente a este espaço do silêncio do Ser estudado por Heidegger. Forte levanta a questão se essa não seria uma possibilidade de perceber a presença do Sagrado. O espaço do silêncio pode ser compreendido também como o “nada heideggeriano” que não significa a ausência, mas o não tangível, o obscuro, onde abre-se, ou não, uma possibilidade de comunicação entre o Ser e o Sagrado. Por isso, não se pode correr o risco de reduzir o revelar-se de Deus somente à essa forma de comunicar-se.

---

<sup>35</sup> FORTE, Bruno. *Teologia da História. Ensaio sobre a Revelação o início e a Consumação*. p. 81

<sup>36</sup> Quando não somos capazes de perceber no humano algo escondido, sua essência, seu Ser. Quando nos “entificamos”, somente acreditamos no concreto do humano, perdemos a capacidade e a sensibilidade de abrir-se ao outro. Esta falta de sensibilidade frente ao outro é a mola propulsora para gerarmos dor e sofrimento. Pois nos fechamos ao outro e ao Sagrado.

### 1.3.3 HISTÓRIA DO SILÊNCIO

Na História contemporânea da humanidade houve um momento de grande impacto que se torna ponto de partida para abordar a História do porque do silêncio diante da dor. Este momento é Auschwitz.

Imagem simbólica de todos estes eventos do silêncio é um acontecimento que marcou de modo indelével justamente a nossa época: 'Este acontecimento, cujo nome, sozinho, constitui o convite mais trágico para o encontro com o silêncio; cujo nome, porém, mais uma vez sozinho, introduz neste silêncio o silêncio da Bíblia, pois, no cerne deste encontro, quem queimou em silêncio foi o povo bíblico; este acontecimento-limite na história humana é o silêncio de Auschwitz.<sup>37</sup>

Também o Papa Bento XVI no dia vinte e oito de maio de dois mil e seis visita o campo de concentração de Auschiwitz-Birkenau fala do silêncio de Deus:

Num lugar como este faltam as palavras, no fundo pode permanecer apenas um silêncio aterrorizado um silêncio que é um grito interior a Deus: Senhor, por que silenciaste? Por que toleraste tudo isto? É nesta atitude de silêncio que nos inclinamos profundamente no nosso coração face à numerosa multidão de quantos sofreram e foram condenados à morte; todavia, este silêncio torna-se depois pedido em voz alta de perdão e de reconciliação, um grito ao Deus vivo para que jamais permita uma coisa semelhante.<sup>38</sup>

Para encontrar respostas do porque desse silêncio utilizaremos a Palavra de Deus. No Antigo Testamento encontramos um Deus que também é silêncio. “Um grande e impetuoso furacão fendia as montanhas e quebrava os rochedos diante de lahweh, mas lahweh não estava no furacão; e depois do furacão houve um terremoto e depois [...] o ruído de uma brisa suave.” (1Rs 19,11-13)

<sup>37</sup> FORTE, Bruno. *Teologia da História. Ensaio sobre a Revelação o início e a Consumação*. p. 87.

<sup>38</sup> BENTO XVI. *Discurso do Santo Padre durante a visita ao campo de concentração de AUSCHWITZ-BIRKENAU*. [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/speeches/2006/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20060528\\_auschwitz-birkenau\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2006/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20060528_auschwitz-birkenau_po.html) 17.02.2015.

Este silêncio é o mesmo de Auschwitz e demonstra a aposta de fé que devemos fazer frente ao desconhecido. Aposta feita diante de um silêncio multiforme que lembra a criação, mas também aparenta ausência e omissão. Ele acaba sendo o elo entre o afloramento da nova vida e a perda total da mesma.

A partir dessa ambiguidade, podemos perceber que no Antigo Testamento o silêncio de Deus não é ausência, mas oportunidade para o ser humano exaurir sua liberdade.

O silêncio de Deus é, portanto, o espaço da liberdade do homem, posta em jogo com o gesto silencioso em que se exprime a dignidade da vida. Este gesto – evento do silêncio do homem livre perante o retrair-se silencioso de Deus, que o faz existir em liberdade – chama-se obra. [...] A consumação está na obra de plantar.<sup>39</sup>

Abre-se um novo horizonte frente à afirmação da liberdade humana. Porque a utilização dessa liberdade demonstra um Deus que acompanha o ser humano, mas, por causa do amor, deixa-o livre. Por outro lado, demonstra a responsabilidade do ser humano para evitar a dor e o sofrimento do outro. O mau uso da liberdade desvia o ser humano de sua índole de corresponsável pela criação. Ao contrário, ao entender o gesto de retrair-se de Deus como obra, compreende-se que a principal responsabilidade humana frente à obra da criação é lançar a semente, não se preocupar com a colheita. Mas ao mesmo tempo que semeia ele acolhe a Palavra como terra boa e fértil.

Percebendo-se livre, o ser humano é convidado à gratuidade, pois não está ligado a um Deus calculista que recompensa segundo os méritos ou deméritos dos atos mas, sim a um Deus que ama.

A utilização da liberdade faz do ser humano alguém suscetível a erros e equívocos. A partir da compreensão de um Deus que liberta, é possível compreender um Deus misericordioso. Sustenta-se, assim, a criação de uma ética que oriente a conduta do ser humano em vista do bem comum. Uma visão utilitarista

---

<sup>39</sup> FORTE, Bruno. *Teologia da História. Ensaio sobre a Revelação o início e a Consumação*. p. 92.

levantaria a seguinte questão: Por que praticar o bem se não existe recompensa? Bruno Forte responde:

É a ética do risco, envolta na dúvida [...]. É a ética da liberdade difícil, tão difícil a ponto de até parecer desumana, porque exige, sem dar outra motivação senão esta mesma sua obscura exigência. É a ética da pura Lei, do mandamento amado mais do que Deus, por que Deus pode se retrair e calar, mas a Palavra continua pedindo e exigindo ser obedecida.<sup>40</sup>

O risco da prática superficial e aparente do bem é superado na cruz; a partir dela é impossível amar mais a Lei do que a Deus. Porque é oportunizado conhecer o espírito da graça do cumprimento da Lei a partir de Cristo que gratuitamente se doa. Essa perspectiva de doação remete-nos à consumação, ao retorno, à origem, à harmonia inicial.

Dessa maneira, é impossível praticar o bem pelo mero formalismo do cumprimento da lei pela lei, mas ela é motivada pela necessidade da volta para casa, para a harmonia inicial pela construção do Reino de Deus. A volta é a recompensa que todos buscamos e pode servir de motivação para o uso correto da liberdade.

#### **1.3.4 ESCUTAR O SILÊNCIO**

O Ser humano é criatura do amor de Deus, este amor originário é o Silêncio fundante, o princípio. Tudo o que existe é ato gratuito do Criador. Dessa forma a Palavra é mediação entre a origem e a consumação. Para que possamos chegar ao rumo previsto é necessário saber de onde partimos. Através da Palavra, encontramos a origem no Silêncio e somos convidados a escutar o Silêncio que direciona o caminho de volta a Ele. Quem conduz nesse caminho é o Espírito Santo. Percebemos assim a ação da Trindade na História da humanidade.

---

<sup>40</sup> FORTE, Bruno. *Teologia da História. Ensaio sobre a Revelação o início e a Consumação*. p. 93.



Para expressar essa comunicação Forte menciona K. Jasper que utiliza os termos: “fé filosófica” e “fé teologal”.<sup>41</sup> A “fé filosófica” é a tomada de consciência da existência explicada pelo transcendente. Ele coloca que existem cifras que são transmitidas para alguém que consegue captá-las e transmiti-las para os outros. Nesse ponto existe uma diferença entre a “fé filosófica” e a “fé teologal”. A primeira nada sabe de Deus, pois só escuta a linguagem das cifras. A segunda acredita ter acesso a Deus. Nesse ponto existe a crítica, pois segundo Jasper não existe comunicação, mas um decifrar de cifras que não é o acesso ao transcendente. Se este acesso ao transcendente realmente existe não seria mais revelação, mas faria parte do mundo material inerente ao criado.<sup>42</sup>

A fé filosófica recusa a fé teologal justamente para preservar a transcendência, não para negá-la. Ela afirma também que a fé teologal gera um certo exclusivismo. A crítica feita a Jasper é a de negar a fé revelada. Pois, onde esta não existe, não cabe também falar de transcendência, não há interrupção da continuidade do humano e nem se quer abertura para o que está além em relação à totalidade deste mundo.

Em defesa da comunicação, em sentido trinitário, pesa a condição de que o Silêncio não se expõe totalmente na Palavra. Nela se expressa o sentido pleno de revelação, ou seja, vela e revela. Aceitar esta comunicação é ter a capacidade de abrir-se, não de fechar-se. Ela, assim, não gera uma exclusividade, mas sim uma solidariedade, pois é necessário um dar-se conta do outro para poder captar a Palavra que se revela no Silêncio.

Dessa maneira a fé filosófica é superada porque onde não existe um abrir-se, mas uma simples leitura de cifras, acaba sendo uma intervenção humana deixando de lado o transcendente. A fé teologal desperta em nós o desejo da volta para casa, para a harmonia inicial, onde a dor e sofrimento não encontram e não atormentam mais o ser humano.

---

<sup>41</sup> Podemos encontrar esta questão da “fé filosófica” e “fé teologal” segundo Karl Jasper citada nos seguintes livros de Bruno Forte: FORTE, Bruno. *À escuta do outro. Filosofia e revelação*. p. 49-57 e FORTE, Bruno. *Teologia da História. Ensaio sobre a Revelação o início e a Consumação*. p. 98-103.

<sup>42</sup> A principal obra de Jasper que trata sobre esse assunto é: JASPER, Karl. *La fede filosófica di fronte alla rivelazione*, Milano: Longanesi, 1970.

## **2 DIANTE DO SOFRIMENTO: A TEOLOGIA COMO MEMÓRIA E A PALAVRA DO FILHO**

A realidade questiona sobre o porquê do sofrimento. Descobrimos a partir deste questionamento que Deus é Silêncio e Palavra. Deus está oculto e se manifesta, Ele não se ausenta, está ao nosso lado. No Silêncio de Deus, que é presença, compreendemos a oportunidade dada ao ser humano de construir sua História usufruindo de sua liberdade.

Somos criados pela grandiosidade do amor de Deus que não cabe em si mesmo. Ele cria por causa do transbordamento do seu amor. A consequência dessa origem no amor é a liberdade. Compreender a liberdade humana torna-se essencial para a reflexão sobre a dor, pois somos corresponsáveis pela criação e por isso devemos contribuir para evitar o sofrimento inocente a partir de nossas escolhas. Isto é possível quando praticamos o amor pelo qual fomos criados. “Nisto conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (*Jô* 13,35). Importante perceber que Cristo fala estas Palavras aos discípulos logo após o relato da traição de Judas e antes de dizer a Pedro que ele o negará por três vezes. Conclui-se que a resposta ao mal se dá pelo amor. Sendo o amor sinônimo de Deus sempre que diante da dor agimos com amor somos sinais de Sua presença, estaremos usando nossa liberdade com responsabilidade.

Viver o amor significa abrir-se ao outro e a Deus. O contrário gera dor e sofrimento. Viver o amor é encontrar Deus. “Deus é amor: quem permanece no amor, permanece em Deus, e Deus permanece nele” (*1Jo* 4,16). Conhecemos Deus pelo amor e nos reconhecemos Nele através do amor. Ao longo deste capítulo iremos descrever como se fez Teologia na História segundo propõe Bruno Forte, percebendo, nesta memória, sinais do amor de Deus. Sua principal prova de amor é a Palavra que se tornou carne, o próprio Deus que veio habitar entre nós.

Ao analisarmos estes sinais do amor de Deus ao longo da História estaremos buscando os caminhos do advento divino e do êxodo humano. Nessa História

buscaremos luzes à questão do sofrimento, analisaremos a Palavra que é o mistério do Filho no meio de nós e de que forma esta presença se torna resposta aos que sofrem. Nesse capítulo propomos-nos a expor dois pontos importantes da Teologia de Bruno Forte. O primeiro deles é memória onde recordaremos em rápidos traços a caminhada da Teologia. O segundo é a Palavra, onde iremos expor o que Bruno Forte fala da Palavra que é a Comunicação de Deus Silêncio.

## 2.1 BUSCAR RESPOSTAS À QUESTÃO DA DOR FAZENDO MEMÓRIA

Ao fazermos memória queremos recordar os caminhos do advento divino no êxodo humano para que possamos encontrar pistas da resposta sobre a questão da dor, essa busca dá o fio condutor pelo qual estamos seguindo.

Bruno Forte em seu livro *A Teologia como Companhia, memória e profecia* relembra a caminhada feita pela Teologia, fazendo memória, não com a intenção de fazer uma História da Teologia mas:

[...] ela refletirá as diversas vicissitudes do caminho eclesial, de que é expressão e sobre que incidiu, e oferecerá uma imagem, articulada e complexa, da riqueza dos reflexos do êxodo humano e das diferentes percepções do advento, que a teologia levou à Palavra no tempo.<sup>43</sup>

Ao fazermos memória lembramos fatos da História e de que maneira esta História humana influencia no pensamento teológico. Forte nomina esta relação entre História e Teologia de História das formas que é a “maneira como a reflexão crítica da fé foi posta em conceitos nas diversas situações de vida do povo de Deus”<sup>44</sup> Por isso, ao fazer memória recordamos a dor vivida pelo povo ao longo da História. Recordamos de que maneira a fé auxiliou o ser humano diante da dor e como o ser humano optou em viver a fé a partir de seu contexto.

---

<sup>43</sup> FORTE, Bruno. *Teologia como companhia, memória e profecia* p. 72.

<sup>44</sup> FORTE, Bruno. *Teologia como companhia, memória e profecia* p. 72.

Quando fazemos memória procuramos responder à questão: como se fez a reflexão da fé na História? Os pontos seguintes irão dar essa resposta ao relembrar os diversos momentos da Teologia. A fonte de todo estudo é primordialmente a Sagrada Escritura, em seguida reflete-se o pensamento dos Santos Padres, a Teologia Escolástica medieval e a Teologia da Idade moderna e contemporânea.

### **2.1.1 MEMÓRIA FONTAL**

Iniciar uma memória é buscar os fundamentos no qual se quer construir toda a obra. São os sinais do Advento em nosso meio. O principal fundamento é a Sagrada Escritura, cujo centro é a plenitude da comunicação de Deus, é a boa nova evangélica. A partir do centro caracterizamos o anterior a ele como preparação, onde os sinais do advento são identificados na condução do povo à terra prometida. A celebração acontece após o anúncio da Boa Nova e compromete o povo a levar a Boa Nova a toda a humanidade. É o tempo do Espírito, do encontro da pessoa com o advento, é o tempo da Igreja, de assumir sua índole missionária. Qual a possibilidade de reflexão da fé a partir do Novo Testamento?

A resposta se dá na identificação do espaço que o êxodo ocupa no comunicar-se do advento. Buscar este espaço faz-nos encontrar traços do humano, suas alegrias, dúvidas e sofrimentos, ver de que forma elas dialogam com o advento e como encontrar respostas para as inquietações atuais de forma especial sobre o sofrimento.

Além de responder sobre a possibilidade da reflexão da fé a partir do Novo Testamento e de que forma ela pode auxiliar na inquietação da dor. Procura-se compreender e responder se existe uma Teologia deste momento fontal, como acontece o seu desenvolvimento e quais são suas características.

Quanto à questão se existe ou não uma Teologia no texto evangélico a resposta é afirmativa na medida que se percebe uma participação humana na redação dos textos. Eles não relatam o fato em si, mas a experiência que o autor e sua comunidade tiveram dos mesmos. Deus veio habitar no meio dos homens e

estes fizeram a experiência Dele e a transcreveram. Os relatos são da experiência comunitária do Cristo não do fato em si. Por isso, os escritos neo-testamentários não podem ser compreendidos de maneira fundamentalista, mas é necessário observar o espírito no qual o texto foi produzido. Após observar esse aspecto, os textos podem ser relacionados com a História servindo de respostas para as inquietações humanas.

À ação reveladora de Deus em Jesus Cristo [...] refere-se, pois desde o início uma resposta do homem, que a recebe, faz sua e por ela se deixa transformar no pensamento e na vida. Ao advento corresponde, já na experiência que a Escritura registra, um êxodo: se não fosse assim, a Palavra de Deus ressoaria no vazio, sem uma história que a acolhesse [...] <sup>45</sup>

É possível, portanto, admitir a presença humana nas Palavras do Evangelho. O dinamismo exposto reflete Deus que vem habitar em sua criação. A experiência da presença de Deus é transformada em linguagem para ser recordada e vivida novamente. Esta é a Teologia dos textos fontais do Novo Testamento. A reflexão acontece no momento que a comunidade teve a da experiência de Deus. Com isso, podemos afirmar que existe uma Teologia do Novo Testamento e dela podemos buscar respostas para a dor e o sofrimento.

Coube à Igreja discernir sobre a canonicidade dos textos a partir de critérios que indicassem a inspiração divina. Critérios como uso litúrgico e a proveniência de um apóstolo ou discípulo foram determinantes. A inspiração aqui é entendida como provinda da vivência da fé da comunidade. “O Deus vivo e santo quis criar o seu povo novo e o suscitou de tal forma que ele registrou fielmente na Palavra de vida e a transmitiu assim no tempo, para tornar possível na história encontros sempre novos de êxodo e de advento”.<sup>46</sup>

A resposta para a questão da forma na qual se desenvolve esta Teologia do Novo Testamento é desenvolvida da seguinte maneira: é preciso dar-se conta que a iniciativa é sempre divina e é algo externo e diferente do humano, porque não seria

---

<sup>45</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia* p. 75.

<sup>46</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia*. 79.

advento se assim não fosse. Deus toma a iniciativa de ser Palavra, verbo encarnado. Cabe acentuar que foi algo que aconteceu aos discípulos, não foi algo que passou por eles como uma experiência sentimental; foi totalmente novo, veio até eles.

Após essa iniciativa divina, a resposta dada pelo ser humano é sua História, sua realidade. A resposta acontece como descreve o Evangelho: em um primeiro momento a dúvida em relação a Jesus depois o reconhecimento daquele que é o Messias. “Então seus olhos se abriram e o reconheceram.” (Lc 24,31). Importante observar que o advento não anula o caminho do êxodo. A ação divina não destrói a liberdade humana. Deste encontro brota o novo a necessidade do anúncio, da missão.

Cabe então uma reflexão a partir dessa dinâmica em relação ao sofrimento humano. A pergunta sobre o sofrimento parte sempre do lado humano. Não poderia ser o contrário? De que forma o advento surpreende o êxodo que está diante da dor? A partir do encontro, o que brota de novo? Muda-se assim a questão de por quê? Passa para a questão do para quê? Não se busca uma justificativa, mas um ressignificação, pois o dom divino é infinitamente maior que a capacidade humana de acolhê-lo.

O encontro pode ser traduzido por experiência. Aqueles que viveram a experiência são convidados a transmití-la. Torna-se necessário narrar e argumentar a experiência vivida. Surge a necessidade de anúncio da Boa Nova redigida nos Evangelhos. Estes não são meras narrações, mas têm valor argumentativo, são instrumentos de defesa da fé.

A Palavra divina se torna sempre atual por que é marcada pela experiência. A iniciativa divina ressoa no coração humano que volta seu olhar para Deus. Da proximidade surge a necessidade do anúncio. Da dinâmica brota a constatação de que todas as perguntas do êxodo devem ter por base o anúncio da boa nova. Essa será sempre atualizada conforme a busca e a experiência feita a partir dela.

[...] a teologia do Novo Testamento é, em sentido típico e por vários aspectos irrepetível, uma teologia na força do Espírito. [...] a teologia

do Novo Testamento é teologia eclesial, que nasce não na solidão de um espírito fechado em si mesmo, mas no seio vivo de uma comunidade em caminho [...] a teologia do Novo Testamento é anámnese da Palavra: diante das situações diversas em que nasce, ela torna presente o dado revelado originário<sup>47</sup>

Essas são as três etapas deste encontro evangélico entre advento e êxodo. Elas refletem a ação divina que nasce a partir da vivência comunitária proporcionando uma resposta às diversas situações humanas, inclusive o sofrimento.

Após explanarmos as possibilidades de uma Teologia do Novo Testamento e de que forma ela se desenvolve, queremos elencar algumas características dessa Teologia. “Poder-se-ia dizer que toda a Teologia do futuro será tanto mais ela mesma, quanto mais se esforçar por reviver em si a forma da Teologia neotestamentária, não para repetir materialmente um dado passado, e sim para atualizar com espírito e coração a experiência fontal em toda época”.<sup>48</sup>

Em primeiro lugar é preciso recordar a ação do Espírito Santo. Ele atualiza e torna presente a Palavra comunicada. Ele inspira a comunidade e o autor dos escritos neotestamentários a testemunharem a experiência do Ressuscitado. Outra característica é a caminhada comunitária na qual a revelação é experienciada, através dela é possível descrever de que maneira o dado revelado foi acolhido e vivido. Ainda deve-se recordar a Palavra, que sempre é atual as diversas situações da vida nas quais ela é apresentada.

Uma última característica é a profecia que compromete aqueles que fizeram a experiência do encontro com o Sagrado, eles devem denunciar estruturas injustas que causam dor e sofrimento. A partir da denúncia assumem o compromisso de levar esperança aos corações, anunciando o Deus que vence a morte e o mal, dando a perspectiva do novo momento, onde a tragicidade humana não mais existirá. A certeza é proporcionada pela experiência buscada na fonte evangélica, na ressurreição de Cristo. O ser humano é convidado a responder a ela a partir da fé.

---

<sup>47</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia* p. 85.

<sup>48</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia*. p. 84-85.

## 2.1.2 MEMÓRIA SIMBÓLICA – A ÉPOCA PATRÍSTICA

Com a morte do último autor inspirado inicia-se uma reflexão sobre o legado que as comunidades neotestamentárias deixaram como testemunho de sua experiência com o ressuscitado. As experiências são diferentes porque o encontro com o ressuscitado acontece em contextos diferentes. Assim também ao longo da História os contextos mudam, por consequência as experiências mudam, fazendo com que a mensagem do evangelho seja sempre nova. Por isso, surgirão novas etapas da reflexão sobre a plenitude da revelação.

Forte identifica três etapas: a época da mentalidade simbólica, a mentalidade dialética e a consciência histórica. A primeira fase é caracterizada pela simbologia que apresenta o advento. Nessa fase há a busca pelo uno, visto que essa realidade é querida também na sociedade que sonha com a unidade do império. A busca pela unidade encontra ressonância no advento realizado em Cristo, que se torna o único mediador entre o céu e a terra. A vivência da fé se dá na meditação e recordação da Palavra. Torna-se, porém, necessário introduzir nas reflexões a nova vivência de fé.

O horizonte bíblico dos Padres é, por isso, não menos horizonte eclesial: os “teólogos” desta época são mais pastores em constante e fecundo contato com a experiência litúrgica e espiritual da comunidade crente. O pensamento do êxodo e do advento é neles escuta e meditação da Palavra de Deus na Igreja e para a Igreja. Escritura e comunidade eclesial são o horizonte unificante e total do seu pensar.<sup>49</sup>

A Escola de Alexandria dará os maiores passos no esforço de refletir os escritos revelados pela Palavra além da letra e de transmití-los como uma ampliação da compreensão do dado revelado.

Com a iniciativa de perscrutar a fé vivida com a razão surgem questionamentos sobre essa relação. O encontro entre êxodo e advento. Agostinho torna-se o expoente da relação entre fé e razão. Ele defende que Deus não é

---

<sup>49</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia*. p. 90.



somente objeto de estudo sobre a fé, mas também fonte. Fé e razão são expressões do êxodo humano que se abrem ao advento divino, buscando conhecer seus designios. Por sua vez, Deus responde iluminando os corações humanos para que possam viver coerentemente sua fé. Novamente se estabelece uma relação entre advento e êxodo para responder a interrogação da possibilidade de unir fé e razão.

A perspectiva patrística abre a possibilidade de uma simbologia do advento. O ponto de partida é o divino que vai ao encontro da sede de conhecimento do humano. A atitude desse deve ser de escuta, silêncio e oração. A unidade é perceptível na recepção do advento que perpassa todos os aspectos da atividade humana. Dessa forma a razão é impulsionada a buscar o transcendente. Por isso, a necessidade do simbólico para que possa ser acolhido o divino pela razão. Como a razão não abarca o transcendente este se utiliza dos símbolos ontológicos para alcançar a razão. Entre eles está a beleza

Qual a relação entre beleza e Deus? Toda procura de Agostinho responde a esta questão: se poderia dizer que toda a sua reflexão é dominada por este tema, que ele considerava existir entre eles uma íntima ligação, de Deus Trindade e da beleza. O interesse por este segundo tema é o tempo predominante que precede a hora decisiva de sua conversão: [...] ‘Tarde Te amei, beleza tão antiga e tão nova, tarde Te amei.’<sup>50</sup>

O despertar de Agostinho sobre o belo, representa o simbolismo pelo qual o êxodo abre-se ao advento e este vai ao encontro do êxodo para perpassar diferentes momentos da vida humana.

Esta época pode ser caracterizada como:

[...] espiritual e ascendente, alimentada pela experiência intensa do Mistério proclamado, celebrado e vivido, exercitado na leitura do texto sagrado e das realidades mundanas em perspectivas unitárias

---

<sup>50</sup> FORTE, Bruno. La porta della Bellezza. Per un'estetica teologica. p. 9 “Quale rapporto c'è fra la bellezza e Dio? L'intera ricerca di Agostino risponde a questa domanda: si potrebbe dire che tutta la sua riflessione è stata dominata dai temi, che egli considerava fra loro intimamente connessi, di dio Trinità e del bello. L'interesse per questo secondo tema è predominante nel tempo che precede l'ora decisiva della conversione [...]: ‘Tardi Ti amai, bellezza tanto antica e tanto nuova, tardi Ti amai.’”

e totalizantes. [...] constitui a elevação à Bondade, à Beleza e à Verdade ocultas. O Espírito desce para iluminar a busca concedendo-lhe a faculdade de ascender, através dos sinais da letra e da história, na analogia contemplativa voltada ao divino.<sup>51</sup>

O risco dessa experiência do divino é não caracterizar suficientemente o êxodo e esse diluir-se no advento. Logo, as carências das realidades mundanas correm o risco de serem anestesiadas por uma presença divina que justifica tal condição. Poderíamos exemplificar a partir da frase muito utilizada diante do sofrimento: “Deus quis assim”.

### **2.1.3 MEMÓRIA DIALÉTICA – A ERA ESCOLÁSTICA**

Se na Patrística a ênfase é dada ao advento de Deus sobre o êxodo humano na Escolástica o êxodo será redescoberto. Como ponto de partida existe um período de transição onde se mantêm componentes tradicionais, e agregam-se novas formas de pensar a relação entre humano e divino.

Desponta como forte defesa do tradicional a vontade de manter fielmente o dado recebido, não se entenda aqui como um dado negativo, mas como uma sincera vontade de preservar o dado Divino evitando que este seja esquecido ao dar-se muita ênfase ao dado humano. Uma demonstração desse apego ao passado é o aumento da sensibilidade religiosa. O elemento inovador tem como principais características a ampliação no conhecimento e também a utilização da lógica aristotélica.

A este respeito, pode-se falar de três sucessivos ingressos de Aristóteles no universo teológico cristão, respectivamente como mestre de gramática (traduções das obras lógicas por Boécio: fins do século V e inícios do século VI), de raciocínio, (recepção da dialética no século XII) e de conhecimento do homem e do mundo (inícios do século XIII)<sup>52</sup>

---

<sup>51</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia* p. 95.

<sup>52</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia*. p. 98.

No segundo momento dessa fase de transição destaca-se a realidade social que permite o alargamento dos horizontes do conhecimento, formando consciências mais críticas e especulativas. Da nova realidade brota uma relação com o divino a partir das necessidades do humano e não a partir do dado revelado. Afirma-se que não se pode acreditar no que não é conhecido. Logo não se pode acreditar em Deus por ele não ser conhecido. Diferente da fase anterior apresenta-se a nova vontade de associar-se e torna-se clara a presença de uma ampliação nas motivações para as relações sociais e coletivas.

Outro aspecto a destacar desse período é a separação cada vez maior entre Oriente e Ocidente. O primeiro caracterizado pela relação mais mistagógica com o divino, já o Ocidente toma a direção contrária, onde a relação com o divino se estabelece no âmbito da razão.

Inaugura-se assim a nova fase que destaca o aspecto racional, o método, a pesquisa, e a especulação científica como forma de aproximar-se do mistério divino. Não é mais o divino que se revela ao humano, mas o humano que procura compreender o divino. Com o florescimento da razão, surgem aspectos filosóficos que auxiliam essa tentativa. Além de esclarecer sobre a natureza humana, busca-se na Filosofia um método de aprofundar o conhecimento sobre a fé.

Um dos expoentes deste período foi São Tomás de Aquino que conseguiu equilibrar a relação entre divino e humano.

[...] plenamente contemporâneo ao seu tempo, ele foi, não obstante, plenamente fiel ao Mistério revelado. Sua teologia é ciência do advento divino, pensamento construído por relações de causalidade, de proximidade e de diferença, do mundo de Deus vindo ao mundo dos homens<sup>53</sup>

Desse período em que fazemos memória buscando uma resposta a questão sobre a dor e o sofrimento humano brotam algumas características. A descoberta do êxodo na relação com o divino e da busca de equilíbrio na relação entre humano e divino.

---

<sup>53</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia* p. 105.

Um risco assumido nesse período foi um conceitualismo que anula a possibilidade de relação entre êxodo e advento. Quando se dogmatiza algo não é possível relacioná-lo com a dinâmica da História. Na relação entre êxodo e advento a conceitualização apresenta um humano que se prende a seus conceitos formados e fechados e cria um Deus que se cala definitivamente em seu silêncio, por que suas definições já estão prontas.

#### **2.1.4 MEMÓRIA HISTÓRICA – A IDADE MODERNA E CONTEMPORÂNEA**

A passagem da reflexão sobre a fé da Idade Média para a Idade Moderna e Contemporânea dá-se em três momentos: a necessidade da passagem de uma síntese medieval para uma subjetividade moderna; o triunfo da subjetividade e o ingresso definitivo da fé na História.

O primeiro momento que caracteriza a passagem da síntese medieval à subjetividade moderna, pode ser caracterizado como histórico, pelo fato de que suas fases estão intimamente ligadas aos acontecimentos históricos. Percebe-se a mudança porque na fase anterior havia uma unidade entre fé e sociedade fé e razão, este período é caracterizado por dissolução dessa unidade. Entre as principais causas podem-se elencar o abuso de poder e a falta de coerência por alguns líderes eclesiásticos e o maior acesso a cultura por parte do povo.

As causas deste processo são complexas e múltiplas: entre as político-religiosas destacam-se a decadência da autoridade pontifícia, conexas com a humilhação de Anagni, o exílio de Avignon [...] Às causas político-religiosas acrescentam-se – não sem frisar a relação mútua – as causas de ordem mais propriamente espiritual e intelectual: o humanismo, com seu gosto positivo, tornado ágil pela invenção da imprensa.<sup>54</sup>

Esse conjunto de fatores desembocam na Reforma que declara a emergência da ruptura da fase precedente e a retomada da importância do advento. Um dos

---

<sup>54</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia*. p. 108.

grandes impulsionadores deste processo foi Martinho Lutero que construiu sua reflexão à custa de sacrifícios e interrogações. Ele percebe que somente na Escritura, na fé e na graça há porto seguro para o seguimento da prática de sua fé. Nele se reafirma a supremacia do advento sobre o êxodo.

O contraponto a Lutero é feito por Descartes. Para ele a única forma de obter conhecimento se dá pela razão. Ele utiliza o símbolo do edifício que necessita ser reconstruído sob o prisma da razão. Diferente de Lutero, essa forma de pensar revela a supremacia do êxodo sobre o advento.

Diante das incertezas, Forte apresenta João Batista Vico para retomar o equilíbrio na relação entre humano e divino. A teoria de Vico baseia-se na liberdade humana e na providência divina e na relação harmoniosa entre ambas, proporcionando um agir coerente.

A vida moralmente empenhada nasce, portanto, do reconhecimento da alteridade irreduzível ao mundo do eu, não só da alteridade ligada à intersubjetividade, mas também e sobretudo daquela divina alteridade da qual o plano da 'providência' – reconhecível na história – é sinal e fruto: [...] tornando, assim, possível o agir moral como correspondência à obra divina.<sup>55</sup>

Vico afirma que o ser humano pode praticar o bem por causa da presença do transcendente que motiva essa prática. Isso não tira a liberdade da escolha humana em praticá-la, ou não. Assim ele consegue equilibrar a relação entre humano e divino.

O segundo momento descrito por Forte que é o triunfo da subjetividade tem como expoente o filósofo alemão Hegel. Através da dinâmica de seu pensamento de tese, antítese e síntese, pode-se caracterizar a relação de divino, humano e histórico. O Iluminismo e a Revolução Francesa têm sua máxima expressão nesse período, juntamente com o idealismo alemão.

---

<sup>55</sup> FORTE, Bruno. *Um pelo outro. Por uma ética da transcendência* p. 31.

O esforço de Hegel é refletir o cotidiano das pessoas com toda a sua dureza. A Filosofia adquire uma intimidade com questões concretas do dia-a-dia das pessoas:

Contra o pensamento da êxtase e da identidade morta, que Hegel atribui à metafísica clássica, a Filosofia deve pensar a vida e por isso também a contradição, como momento próprio de todo o devir, e a relação, como tecido concreto de referências em que se colocam sujeito e objeto, e a unidade, como reconciliação final, rica de todo o dinamismo do processo, e contudo momento sempre novamente inicial.<sup>56</sup>

O risco da filosofia hegeliana é tentativa de totalidade fechando a dialética da vida em si mesmo, nega dessa maneira o futuro e absolutiza o evento da razão. O pensamento de Hegel também se torna um desafio à Teologia, pois alimenta a relação de Deus com a História. O risco é o advento divino dissolver-se no êxodo humano. A reação da Teologia ao pensamento hegeliano se deu reforçando uma reconciliação entre razão e fé e assim restabelecer um equilíbrio entre o advento divino e êxodo humano.

Com essa missão dada à Teologia, inicia o terceiro momento descrito por Forte: o ingresso da fé na História. Esse ingresso se dá em três momentos. Com a Primeira Guerra Mundial toda a presunção liberal caiu por terra e se propõe uma nova reflexão a partir do momento de crise. Abre-se assim a possibilidade da História oportunizar o amadurecimento da reflexão sobre a razão. Da mesma forma, na relação entre humano e divino abre-se uma possibilidade de uma nova reflexão.

O primeiro ingresso da História na reflexão dessa relação se dá com Karl Barth, onde se redescobre a iniciativa divina. A questão levantada é: a crise não foi consequência do ser humano ter se esquecido de Deus? Por isso, a necessidade de colocar em evidência a ação do divino na História. A exigência posta ao ser humano é a de colocar-se radicalmente na escuta da Palavra.

---

<sup>56</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia* p. 115-116.

O caminho de superação que Barth propõe sobre a redução idealista-liberal, é o de uma volta radical ao primado da iniciativa de Deus no acontecimento da revelação, ao *Deus dixit*, no qual se expressa a absoluta liberdade da decisão divina de se autocomunicar.<sup>57</sup>

O segundo ingresso da História na reflexão sobre a relação entre advento divino e êxodo humano se dá na redescoberta do caminho do êxodo humano. Exponente dessa caminhada reflexiva é Rudolf Bultmann:

Seu problema nasce da impossibilidade de aceitar um pensamento da alteridade que negue simplesmente o mundo da identidade, visto que tal pensamento acaba por negar simplesmente a si mesmo. Um 'pensamento' da alteridade, de fato, permanece sempre algo produzido dentro do mundo da identidade. [...] <sup>58</sup>

A exigência de fazer com que os textos fontais e do início da reflexão teológica ressoem no presente caracterizará o pensamento teológico do nosso tempo, Forte lembra Karl Rahner e o seu pensar teológico a partir da condição humana em relação ao Divino: “O grande empreendimento teórico de Karl Rahner foi repensar a fé cristã no horizonte crítico da modernidade, sem sacrificar o específico do cristianismo irreduzível à razão emancipada”. <sup>59</sup>

A síntese que se apresenta ao momento atual se dá no terceiro ingresso da fé na História, onde se restabelece a relação harmoniosa entre advento divino e êxodo humano. O advento divino fortemente marcado pela fé viva deixada ao longo da História e pelo testemunho deixado na Palavra e o êxodo humano proporcionado pelo presente, a realidade concreta do ser humano. Esta conjunção abre a possibilidade do novo da promessa de Deus.

Redescobre-se a escatologia e já é possível pensar o futuro. Com o equilíbrio do advento divino e do êxodo humano a esperança é recolocada junto à vida das

---

<sup>57</sup> FORTE, Bruno. *Nos caminhos do Uno. Metafísica e teologia*. p. 255.

<sup>58</sup> FORTE, Bruno. *A escuta do outro. Filosofia e revelação*. p. 68.

<sup>59</sup> FORTE, Bruno. *A escuta do outro. Filosofia e revelação*. p. 69.

pessoas. Diversamente da fase anterior, onde ela estava fechada no presente, percebe-se a Teologia aberta a lembrar o passado e projetar o futuro.

A verdade do êxodo é assim ligada à verdade do advento, na tensão entre o “já” dado e o “ainda não” consumado, que é constitutivo da salvação experimentada na história. O objeto puro entra na subjetividade humana, determinando-a como estrutura aberta ao além e ao novo, sempre de novo subvertendo-a e vivificando-a; o sujeito histórico se relaciona com o Mistério que vem acolhendo-o no próprio presente e com relação ao próprio passado como potência de futuro, antecipação e promessa sempre inquietas.<sup>60</sup>

Apresenta-se assim uma Teologia histórica onde o êxodo se abre ao advento e este vem morar junto ao êxodo. A riqueza bíblica e testemunhal da Igreja é escutada atendendo a complexidade do momento presente, e conjugando as duas dimensões e proporcionando a novidade da abertura para Deus.

Segundo Forte um exemplo dessa conjunção foi o Concílio Vaticano II, marcado fortemente pela retomada da caminhada histórica da fé e considerando a realidade que circundava o evento, abrindo-se à caminhada da nova presença de Deus na História.

Fazer memória de alguns pontos da reflexão teológica nos proporciona perceber a necessidade do equilíbrio entre advento divino e êxodo humano. A questão da dor e do sofrimento permeia esses diversos momentos. O Deus que é Silêncio não abandona a criatura, ele se faz companhia. Torna-se necessário fazer memória desta Companhia. Com esta memória chegar ao ponto central que é a Palavra, a plenitude da Revelação que se dá em Jesus Cristo.

## 2.2 O SILÊNCIO SE FAZ PALAVRA

O revelar-se de Deus é um ato livre e gratuito de sua autocomunicação, onde é necessário preservar e comunicar. O Pai é identificado com o Silêncio, sua

---

<sup>60</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia*. p. 121.



comunicação se dá através do Filho que é a Palavra. Essa relação é, ao mesmo tempo, união e distinção. União, porque por meio da Palavra chega-se ao Silêncio. Distinção, porque o Silêncio nem todo é Palavra. Falar da relação entre Palavra e Silêncio é, segundo Forte, afirmar que falar de Cristo é calar e calar sobre Cristo significa falar. Quando a Palavra é Silêncio, ela é adoração do mistério e quando fala, ela é sempre, ao mesmo tempo, incompleta e revolucionária, inesperada.

Na revelação Deus se manifesta na Palavra, além desta Palavra, autêntica autocomunicação divina, está e permanece um Silêncio divino. Este Silêncio divino é antes de tudo a Não-Palavra, a posterioridade misteriosa e nascente da qual a Palavra vem e junto da qual a Palavra esteve e está na eterna história de Deus.<sup>61</sup>

A Palavra de Deus diante do sofrimento humano se dá através do Filho. Sabemos que Deus é Silêncio, portanto nunca abandona. Pois o silêncio não significa ausência, mas uma presença ativa. Iremos perpassar agora a Palavra a manifestação de Deus tentando encontrar nela pistas para a questão da dor e do sofrimento humano. Para auxiliar nessa reflexão tomaremos por base o livro de Bruno Forte: *Teologia da História. Ensaio sobre a revelação, início e consumação*. Não se pretende fazer uma cristologia, mas de apresentar o que significa dizer Palavra e sua relação com o Deus Filho.

### **2.2.1 A PALAVRA ETERNA: O MISTÉRIO DO FILHO**

Ao recordar a Palavra que provém do Silêncio, lembramo-nos do Prólogo de João: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. [...] E o Verbo se fez carne e habitou entre nós; e nós vimos sua glória” (*Jo* 1,1.14).

Nele distinguimos três aspectos importantes relacionados à Palavra: o “Verbo”; a “carne” e o “se fez”. O primeiro relaciona-se a natureza divina do Filho. O Verbo é pronunciado pelo Silêncio. O segundo, a carne, remete ao aspecto humano,

---

<sup>61</sup> FORTE, Bruno. *Nos Caminhos do Uno. Metafísica e Teologia*. p. 260.

sua natureza humana. Por fim o “se fez” revela identidade e semelhança. O Silêncio se tornou Palavra que é divina e humana.

A expressão “se fez” não significa o diluir-se do divino no humano, assim fosse, não haveria mais as singularidades de ambas as partes, nem significa somente algo meramente aparente. Quando é aparente se tornaria distante e não haveria intervenção de um no outro.

O prólogo de João cria a comunhão e a unidade necessárias entre humano e divino quando utiliza o termo “se fez”. Depois de utilizá-lo como mediador entre “Verbo” e “Carne” João continua seu texto escrevendo: “e nós vimos sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filho único e, cheio de graça e de verdade” (*Jo* 1,14b) Essas Palavras indicam o testemunho de João que confirma em Jesus verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

Na Carta de João ele continua a testemunhar em favor das duas naturezas em uma única pessoa quando escreve que: “O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos, e o que nossas mãos apalparam do Verbo da vida, o que vimos e ouvimos vô-lo anunciamos para que estejais também em comunhão conosco. E a comunhão é com o Pai e com o seu Filhos Jesus Cristo” (*1Jo* 1,1.3). Por fim o Concílio de Calcedônia em 451, esclareceu o equilíbrio entre o humano e o divino.

[...] ensinamos que [...] Senhor nosso Jesus Cristo [...], reconhecido em duas naturezas sem mistura nem transformação, sem divisão nem separação, sem que com a união seja eliminada a diferença das naturezas, mas salva a propriedade de cada natureza e concorrendo (cada uma) para uma única pessoa prosopon e numa só hipóstase, não separada ou dividida em duas pessoas, mas o único e mesmo Filho Unigênito Deus Verbo o Senhor Jesus Cristo.<sup>62</sup>

A definição conciliar deixa claro que o relacionamento das duas naturezas é “sem mistura nem transformação”. A intenção é ressaltar a singularidade de ambas as partes. Evitando que uma se dilua ou absorva a outra. Graças à distinção pode-se assim afirmar o ocultamento Divino, que permanece no Silêncio como também

---

<sup>62</sup> DH 301 – 302

dizer que Deus revelado em Jesus de Nazaré não é somente História de Deus, mas é Deus da História.

De que maneira a definição Conciliar pode auxiliar a dar uma resposta a questão do sofrimento? Cristo sendo verdadeiro Deus e verdadeiro homem passou pelo sofrimento para nos darmos conta que a dor não é estranha a Deus e por consequência ele não fica indiferente a ela.

Além de descontinuidade, a definição conciliar afirma uma continuidade quando fala “sem divisão nem separação”. Essa é necessária para refutar a ideia de um Deus descompromissado com o ser humano como também de não haver qualquer esperança de salvação.

Outro aspecto a ressaltar é de que se fosse pura distinção, a relação entre Criador e criatura não haveria nada a dizer a respeito do divino. Por sua vez o humano não apresentaria nenhum interesse no transcendente. Afirmer que em Cristo existe uma pessoa em duas naturezas é ao mesmo tempo distinção e união.

O Filho é a Palavra, desde todo o sempre com o Pai, envolto no Silêncio divino, desde todo o sempre Deus como o Pai: ele não é o Pai, porque é gerado como Filho e procede como Verbo, Palavra distinta em sua relação subsistente diante do eterno Silêncio divino; mas é coeterno com o Pai, um só Deus com ele em união com o Espírito Santo.<sup>63</sup>

Na relação entre Silêncio e Palavra pode-se perceber nos relatos do Evangelho uma íntima ligação. O Filho é total comunicação. “Eu vos chamo amigos, porque tudo o que ouvi do meu Pai eu vos dei a conhecer” (Jo 15,15). Para manter a unidade existe relação de obediência, não de submissão, mas de amor. O Filho sendo amado, ama e revela Deus que é amor e proporciona ao ser humano a praticar o amor. Dessa relação divina é oportunizado ao humano acolher esta Palavra e transmiti-la. Acolhendo-a ele escuta o Pai através do Filho. “Quem me recebe, recebe aquele que me enviou” (Jo 13,20)

---

<sup>63</sup> FORTE, Bruno. *Teologia da História. Ensaios sobre a revelação, o início e a consumação*. p. 115.

Importante é não desvincular a definição de Calcedônia com a mensagem do Ressuscitado, nem sua possibilidade de reposta para a História. Segundo Forte ela não pode ser estática, deve ser verdadeiramente advento que vai ao encontro do êxodo que caminha em direção contrária, mas para o mesmo rumo. Isso se torna possível quando a Palavra alcança o coração humano e este se dá por conta da proximidade da Palavra.

### **2.2.2 A PALAVRA NA HISTÓRIA: A LINGUAGEM**

A linguagem é o evento pelo qual o silêncio do ser se aproxima da compreensão e comunicação do humano. Também no Gênesis aparece várias vezes “Deus disse”, demonstrando que através da linguagem foi possível a origem do ser. A linguagem proporciona a união e a distinção entre os interlocutores que se relacionam entre si e entre o que é mencionado. Nela também acontece a manifestação do ser. Ela se apresenta como ligação entre o eu e o mundo.

O que é compreendido do ser é linguagem, o contrário é silêncio. Surge o verdadeiro problema da linguagem que é interpretar a relação entre a Palavra e objeto. Entender Deus, que contém toda a Palavra e através dela se revela, demonstra a necessidade de compreender sobre a linguagem. A linguagem instrumental, segundo Forte, remete ao conceito platônico de se comunicar, onde existe uma simples descrição do objeto em si sem aprofundamento de seu sentido e significado.

Tanto a Palavra como o objeto tornam-se extrínsecos ao ser, pois, são mera descrição do que é externo a ele. O risco dessa linguagem instrumental está em reduzir o mundo da linguagem somente às aparências e de tornar o conhecimento uma mera expressão de sinais.

A linguagem reveladora por sua vez é aquela que mais se aproxima da relação estabelecida entre Silêncio e Palavra, entre Pai e Filho. A própria doutrina cristã é responsável pela utilização dessa linguagem. Diferentemente da linguagem

instrumental, onde a Palavra é representação do mundo ideal, na linguagem reveladora a Palavra é o próprio ser que se comunica.

A novidade da linguagem reveladora está em perceber que a Palavra faz parte do Silêncio é ele próprio que se manifesta.

É nisto que consiste o caráter revelador da linguagem quando posta sob a luz da encarnação: nela a coisa verdadeiramente é dita, tornando-se realmente presente na Palavra; entretanto, nela a coisa não é dita por completo, não se esgota na Palavra, porque sua proveniência continua sendo distinta em relação ao seu pronunciamento, da mesma forma que o Pai continua sendo distinto em relação ao Filho.<sup>64</sup>

Existe, porém, uma distinção entre Palavra divina e Palavra humana. A Palavra humana é espelho do objeto e a Palavra divina é o próprio objeto. Neste sentido Palavra e coisa são plenamente perfeitos somente em Deus.

Parece existir uma semelhança da linguagem reveladora com a linguagem instrumental; pois a perfeição continua estando em Deus ou no mundo das ideias. O que as distingue é o fato da linguagem divina assumir a limitação e imperfeição da linguagem humana para que alcance e conheça a linguagem divina.

A partir do caminho aberto pela Teologia cristã do Verbo chega-se a terceira fase do conceito de linguagem. Onde entende-se a linguagem com parte integrante do mundo, não somente como revelação, nem como descrição. Chega-se a esta conclusão percebendo em diversas culturas diferentes percepções sobre a realidade. A linguagem expressa a visão de mundo que o ser humano tem. Não se pode separar visão de mundo de linguagem. Esta se torna intermediária. Ele abandona assim totalmente a linguagem descritiva e coloca ao ápice a linguagem reveladora.

Existe um equilíbrio no que concerne à relação entre ser e revelação, a partir da Palavra. Esse equilíbrio é encontrado na linguagem reveladora que é própria do cristianismo. A linguagem é o ser compreendido, enquanto o ser além da

---

<sup>64</sup> FORTE, Bruno. *Teologia da História. Ensaios sobre a revelação o início e a consumação*. p. 121.

compreensão não é o nada, mas o silêncio, que pode manifestar-se e recolher-se. Dessa forma, se coloca em total evidência a forma mais equilibrada da linguagem. Existe nele uma perfeita comunicação, pois do Silêncio brota a Palavra. Esta tem sua singularidade e sua ligação com o Silêncio e torna-se sua intermediária. Esse conceito de linguagem abre a possibilidade surpreendente de que através de Palavras humanas possa se proferir a linguagem do silêncio.<sup>65</sup>

### 2.2.3 A HISTÓRIA DA PALAVRA

Deus, ao se tornar Palavra, faz História e dá-se a conhecer. Relembrar essa caminhada nos auxilia a encontrar pistas as respostas que procuramos sobre o sofrimento e a dor. “Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora aos Pais pelos profetas; agora, nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e pelo qual fez os séculos.” (*Hb 1,1-2*)

A História da Palavra começa a ser relatada no Antigo Testamento. A relação que se estabelece é do Deus que fala e o humano que escuta. Palavra no Antigo Testamento vem do termo *dabar*.

[...] *dabar* é Palavra cheia de significado, rica em conteúdo noético, e é Palavra que realiza, que faz aquilo que diz, evocando e provocando a vida, acertando em cheio na transformação do coração e nos eventos da história,. O caráter de ‘informação’ se alia ao de ‘desempenho’: a Palavra não somente informa, confirmando, constatando, transmitindo notícias, mas também age, pondo e modificando a realidade.<sup>66</sup>

---

<sup>65</sup> Dois autores citados por Forte que defendem essa teoria são: GADAMER, Hans-Georg. Filósofo alemão cujas principais obras são: GADAMER, Hans-Georg, *Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2007* e GADAMER, Hans-Georg, *Verdade e Método II: complementos e índice. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2004*. Outro autor que influenciou o pensamento de Forte foi Wilhelm von Humboldt principalmente por defender uma nova relação entre pensamento, razão e linguagem. Humboldt propõe a linguagem não como sistema acabado, mas como atividade que influenciou diretamente na teologia histórica de Bruno Forte. Sua principal obra é: HUMBLDT, Wilhem vvon, *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritula de la humanida*, Barcelona: Anthropos, 1990.

<sup>66</sup> FORTE, Bruno. *Teologia da História. Ensaios sobre a revelação o início e a consumação*. p. 128.

Essa definição possibilita reconhecer que a História da Palavra se funde com a História do povo escolhido. Nela se apresenta: primeiro a iniciativa do Senhor, após a aceitação, ou não, do ser humano e, por fim, o eco dessa Palavra se dá na vida de toda a humanidade.

No Novo Testamento a História da Palavra atinge seu ápice com a encarnação do Verbo. A partir desse evento é reinterpretada toda a História da antiga aliança. Se antes o povo ouvia, agora, professando que Jesus é o Cristo ele também vê.

O termo *dabar* encontra em Cristo pleno sentido; ele se apresenta como aquele que anuncia o Pai a partir da unidade que tem com ele, mas também Ele realiza o que diz. “[...] todo ato da vida de Jesus de Nazaré é história do Filho que monta sua tenda no meio de nós, todo ato de sua vida envolve a totalidade da história trinitária, isto é, implica uma relação com o Pai no Espírito”.<sup>67</sup>

A partir de Cristo qual é a ideia e a experiência de comunicação divina? A resposta deve ser buscada na dialética estabelecida já no Antigo Testamento: primeiro a iniciativa divina que se dá a partir do evento pascal, segundo a adesão na fé da humanidade na qual esse evento é manifestado e por fim, a necessidade do anúncio resultado do encontro entre iniciativa divina e adesão da fé. Aqui o ver e o ouvir tomam pleno sentido. “[...] estando fechadas as portas do lugar onde se achavam os discípulos [...] Jesus entrou e ficou no meio deles [...] Jesus disse de novo para eles: ‘A paz esteja com vocês. Assim como o Pai me enviou eu também vos envio’ (Jo 20, 19-21)

O escândalo do crucificado-ressuscitado revela a novidade de Deus. Ele não vem ao encontro do ser humano como se esperava ou pensava. Ele, assume a condição humana total, menos no pecado. “Mas tudo isso não ocorre sem um grande e forte escândalo: a expectativa de Pedro é contrariada e desfeita. [...] Ele não é a resposta às nossas expectativas, mas a subversão dos nossos pedidos”.<sup>68</sup>

---

<sup>67</sup> FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré. História de Deus. Deus da História. Ensaio de uma cristologia como História*. p. 135.

<sup>68</sup> FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré. História de Deus. Deus da História. Ensaio de uma cristologia como História*. p. 170.

Tanto no Antigo como no Novo Testamento a iniciativa de revelar-se é divina, nela Deus revela a si mesmo. A resposta humana é a continuidade desse processo de revelação. A revelação atinge seu objetivo quando fala para a humanidade em seu contexto histórico. Porque a revelação divina acontece na História humana, para isso, Deus se faz compreender e o ser humano ao aceitar tem a possibilidade de colocar em prática o que assimilou. Desse encontro brota a novidade proporcionada pela iniciativa divina. O ser humano é liberto, salvo, transformado quando encontra e se abre a Deus. O compromisso assumido pelo ser humano é de anúncio da Boa Nova.

#### 2.2.4 ACOLHER A PALAVRA

“O semeador saiu para semear. Enquanto semeava, algumas sementes caíram a beira do caminho [...] Outras caíram em terreno cheio de pedras [...] Outras caíram no meio dos espinhos [...] Outras caíram em terra boa e produziram fruto.” (Mt 13, 3-9)

A Palavra que se revela ao ser humano conta com uma resposta de abertura ou fechamento. Esta se dá através da fé. Acreditar no que não compreendemos em sua totalidade, no que nos é revelado por graça requer esse salto no escuro. Mas ter fé não significa abster-se da razão. A fé deve ser conhecida e aprofundada. Sendo assim, Deus se revela, o ser humano responde pela fé e tem a possibilidade de conhecer a Deus. Esta será a semente que cai em terra boa e dá frutos.

O Concílio Vaticano I, que refuta o racionalismo, infiltrado também na teologia cristã, rejeita igualmente, no lado oposto, o fideísmo e o tradicionalismo, que insistiam num Deus somente acessível pela fé e pela tradição religiosa: não só se confirma que o ato da fé é ‘obséquio consentâneo à razão’, mas é também afirmada a possibilidade de conhecer Deus partindo das realidades criadas.<sup>69</sup>

---

<sup>69</sup> FORTE, Bruno. *Teologia da História. Ensaios sobre a revelação o início e a consumação*. p. 149.



A novidade é o fato de que através da criação é possível a abertura ao mistério. Ao admirar a harmonia existente na criatura percebemos a presença do criador. Quanto a receptividade do ser humano ela sempre é livre, mas a natureza humana tende a buscar no transcendente respostas às suas inquietações. Esta revelação natural se une a revelação histórica. Revelação natural entende-se a percepção do ser humano da presença de Deus na obra criada e o fim para o qual caminha toda a criação. A revelação histórica é o dar-se conta da ação de Deus na História. Principais exemplos desta revelação são a libertação do povo do Egito e a vinda de Cristo.

Revelação histórica e natural são homogêneas e correspondentes e são possibilidades de acolhida da semente que é lançada através da Palavra. A consequência da acolhida da Palavra é a prática a partir dela. Neste ponto a revelação torna-se eficaz porque além de ser acolhida produz seu efeito é a semente que caiu em terra boa e produz frutos. A Palavra aceita transformar o ser humano. “Tornai-vos praticantes da Palavra e não simples ouvintes, enganando-vos a vós mesmo! Aquele que ouve a Palavra e não a pratica assemelha-se a um homem que, observando o seu rosto no espelho, se limita a observar-se e vai-se embora, esquecendo-se logo de sua aparência.” (Tg 1,22-24).

Quem não acolhe a Palavra acaba contentando-se com o seu próprio mundo fecha-se nele. Por consequência, fecha-se também à obra criada. A abertura à Palavra proporciona mudança, acolhida de Deus e do outro. Esta acolhida nos fará voltar ao silêncio onde não serão mais necessárias Palavras nem a fé pois contemplaremos face a face. “Quando, então, chegarmos à tua presença, cessarão estas muitas Palavras que pronunciamos sem chegara a ti; Só tu permanecerás, tudo em todos, e sem fim pronunciaremos uma só Palavra, louvando-te num ímpeto só, tornados também nós uma só coisa em ti”.<sup>70</sup>

---

<sup>70</sup> AGOSTINHO, Santo. *De Trinitate*. 15, 28, 51.

Memória e Palavra, são duas categorias da Teologia de Bruno Forte que nos auxiliam a perceber o rosto de Deus no rosto daquele que sofre. Ao fazer Memória, somos convidados a retroceder até o evento pascal em que Cristo morre na cruz para que a humanidade possa encontrar na cruz da vida a presença de Deus. Com a Ressurreição, Cristo dá a esperança que a salvação provinda de Deus vencerá a dor e o medo. Graças à descida de Deus o humano pode se divinizar.

### **3 DIANTE DO SOFRIMENTO: A TEOLOGIA COMO PROFECIA E O ENCONTRO NO ESPÍRITO SANTO.**

O Silêncio de Deus diante da dor humana é uma das questões mais intrigantes para qualquer crente. Nesse terceiro capítulo não aparecerá ainda clara a resposta proposta para a dissertação. Essa acontecerá no epílogo. Propomo-nos a explicar o que Bruno Forte apresenta sobre Profecia e Encontro, buscando nessas duas categorias da Teologia segundo Bruno Forte uma resposta para a questão do Silêncio de Deus diante da dor.

Curioso é perceber que a dor pode nascer do amor. Exemplo disso é quando sofremos pela perda de alguém que amamos; quando sofremos e nos compadecemos diante da morte de tantos inocentes em guerras, tantas injustiças por causa da ganância são demonstrações de que não somos indiferentes ao outro. Nós os amamos e nos preocupamos com eles. Este amor pelo outro nos impulsiona a buscar soluções à dor daquele que amamos e como não encontramos respostas buscamos em Deus uma solução. Já que não conseguimos abrandar a dor dos que sofrem por que Deus não vem com sua Onipotência e resolve este problema? Parece que só sofre quem ama, e onde existe amor existe a presença de Deus, porque Deus é amor.

Essa reflexão lembra-nos as bem-aventuranças. Mas como é possível que os pobres de Espírito, os que choram, os mansos, os que tem fome e sede de justiça, os que são perseguidos possam ser felizes? Eles são felizes porque amam. Entendemos também os sofrimentos, os cuidados, as noites sem sono dos pais com os filhos, porque amam os filhos. Entendemos o extremo da dor da cruz, pois somente uma demonstração de amor tão fabulosa e extraordinária poderia salvar o ser humano da morte e dar-lhe a esperança da ressurreição. Com esta esperança vivemos na feliz espera de novos céus e nova terra onde viveremos o amor na sua plenitude sem a perspectiva da dor e da morte. Amor como diz São Paulo na primeira carta aos Coríntios: “O amor é paciente, é benfazejo; não é invejoso, não é

presunçoso nem se incha de orgulho; não faz nada de vergonhoso, não é interesseiro, não se encoleriza [...]” (1Cor 13, 4-5)

Diante da pergunta do silêncio de Deus na dor encontramos possibilidades de respostas no encontro que significa abertura ao outro e a Deus. Nas virtudes da fé e da esperança temos a oportunidade de acreditar em algo que ainda não compreendemos, mas que já vivemos na esperança do dia da alegria definitiva. Por fim, na caridade que marca a presença de Deus em nós, demonstrar nossa filiação divina em nossas obras. “Atualmente permanecem estas três: a fé, a esperança, o amor. Mas a maior delas é o amor” (1Cor 13, 13)

### **3.1 A TEOLOGIA COMO HISTÓRIA**

Nos diversos momentos da História o ser humano é convidado a dar resposta às suas inquietações em diferentes campos da sua existência como também na fé. Sabemos que a reflexão sobre a fé, que se dá através da Teologia, é filha da História. Esta reflexão nasce do encontro do êxodo humano com o advento divino.

A fé é dom de Deus vivido na História ela proporciona a tomada de consciência da presença do divino bem como o retorno a ele. A fé vem de Deus e leva o homem a Deus. Mas este traz consigo sua História, alegrias e tristezas. Essa dinâmica é perceptível, por exemplo, no Antigo Testamento. Deus elege o povo de Israel e este oscila na confiança em Deus a partir de sua História.

A fé que é dom e perpassa pela História na qual o ser humano é convidado a aderir e voltar novamente a Deus, é a oportunidade para encontrar o caminho da verdade. Encontrando esse caminho ele pode denunciar estruturas injustas que não são condicentes com o Evangelho.

A profecia torna-se também projeto, pois a História na qual a fé perpassa não é somente o momento presente, mas, também recordação. Pois, vive o presente recorda o passado e projeta o futuro à luz da fé. “[...] ela acolhe o Mistério da analogia com as realidades conhecidas por via natural [...] perscruta-o e dá-lhe a

capacidade de realizar a liberdade do homem [...] percebendo o nexos dele com o futuro último da condição humana”.<sup>71</sup>

Nos pontos seguintes iremos percorrer esta caminhada do estudo da fé e responder qual é seu sujeito, objeto e finalidade. Também iremos relacionar a caridade, a fé e esperança com a companhia, a memória e a profecia apontando possibilidades de respostas para a questão da dor e do sofrimento. Para explanarmos esta caminhada tomaremos por base o livro de Bruno Forte: *A Teologia como Companhia, Memória e Profecia*.

### **3.1.1 A QUESTÃO DO SOFRIMENTO COMO SUJEITO OBJETO E FINALIDADE DA TEOLOGIA**

A reflexão sobre a fé, segundo Forte, deve responder as questões: qual o sujeito da Teologia? Qual o objeto que ela reflete? Qual a finalidade da Teologia? Ao responder essas questões queremos encontrar também respostas para a questão do sofrimento humano. Essas questões devem ser respondidas a partir do encontro do êxodo e advento. O sujeito é aquele que proporciona o encontro: o Deus vivo. “É ele que, vindo ao homem, suscita também a abertura da criatura ao mistério, é ele que, amando, nos torna capazes de amar, e, conhecendo, abre os olhos da mente de quem por ele é conhecido”.<sup>72</sup>

Aquele que torna possível essa iniciativa divina do encontro é o Espírito. “Ele que falou por meio dos profetas e desceu em plenitude sobre o Cristo e foi prometido e dado aos apóstolos e neles à Igreja, para fazê-los testemunhas do Senhor ressuscitado até os confins da terra e da história”.<sup>73</sup> Logo, o sujeito a ser estudado é ação do Espírito na vida do mundo. Ele tem a responsabilidade de atualizar essa iniciativa divina que proporciona o encontro entre êxodo e advento. O sujeito visível da ação do Espírito é a Igreja. Nela acontece a recepção do advento divino e a sua transmissão. Sendo assim, todos em comunhão eclesial são

---

<sup>71</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia* p. 132.

<sup>72</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia* p. 134.

<sup>73</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia* p. 135.

convidados a refletir sobre a fé, a fazer teologia de maneiras diversas. A comunidade que é a Igreja é convidada à luz do Espírito Santo a dar esperança aos que sofrem e estar ao lado deles da mesma maneira que Deus está.

Diferente são as formas da comunidade de fé estar ao lado dos que sofrem. A primeira forma, Forte intitula de contemplação ou popular: ela não é necessariamente sistemática, mas nasce da intuição da contemplação, da oração e da experiência de fé de todo batizado. A essa liga-se a forma profissional: que é “a via da reflexão da fé, elaborada mediante atividade crítica, analítica e inquisidora, à maneira de pesquisa ativa, intencional, movida pelo amor, mas articulada segundo as formas do compreender”.<sup>74</sup>

Estar ao lado dos que sofrem pode fazer com que o crente desanime por defender suas posições e não obter respostas satisfatórias. As reflexões devem ser um esforço sincero de perceber no êxodo humano a novidade do advento que caminha ao lado dos que sofrem. Também deve evitar uma atitude de fuga dos desafios presentes. Une-se a essas tentações de medo e evasão a impaciência em relação ao futuro, a respostas que necessitem de um exercício de paciência maior.

Outra via de afirmação da comunidade: estar ao lado dos que sofrem cabe aos pastores da Igreja. O magistério da Igreja tem a função de receber as reflexões feitas e discernir sob a guia do Espírito Santo a veracidade dos sinais do advento e de que forma pode-se tornar mais eficaz essa presença junto aos que sofrem.

O Papa Francisco na Carta Encíclica *Lumen Fidei* ao falar da relação entre fé e Teologia e destas com os mais simples destaca a importância do bom relacionamento entre elas resumindo e reafirmando o que já foi explanado neste ponto.

a teologia partilha a forma eclesial da fé; a sua luz é a luz do sujeito crente que é a Igreja. Isso implica, por um lado que a teologia esteja ao serviço da fé dos cristãos, [...] sobretudo dos mais simples; e, por outro, [...] a teologia não considera o magistério [...] como algo de extrínseco, um limite à sua liberdade, mas, pelo contrário, como um

---

<sup>74</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia* p. 137.

dos seus momentos internos constitutivos, enquanto o magistério assegura o contato com a fonte originária.<sup>75</sup>

Sabendo que o sujeito da Teologia é todo batizado em níveis de responsabilidade diferentes o objeto é o próprio Deus vivo que se revela, que se dá a conhecer em sua plenitude em Cristo. De que forma Deus está diante dos que sofrem? A Teologia estuda esse mistério e tem a responsabilidade de transmiti-lo para um amadurecimento da compreensão da relação entre advento e êxodo. O desafio da Teologia é compreender a História e perceber a ação do advento na História. “Nada do que é humano pode ser estranho ao interesse do teólogo: tudo ele investiga com simpatia e intenção de amor, na verdade de quem lê, com as expectativas e os caminhos abertos, a dolorosa fadiga das veredas interrompidas”. Segundo essa ideia a Teologia deve pensar o êxodo e advento conjuntamente. Conhecendo o sujeito e objeto da Teologia podemos definir suas finalidades.

A primeira finalidade da Teologia é pensar o advento diante do sofrimento. Como a iniciativa é sempre divina, cabe a Teologia especular este mistério que se revela para que todo ser volte sua face para esse mistério. Outra finalidade é pensar o êxodo para que este possa ser iluminado pelo advento. Cabe a comunidade de fé ter ciência das inquietações mundanas para que possa confrontá-las com o advir divino. Nisso abre-se a possibilidade da terceira finalidade: pensamento da aliança que é a acolhida do advento e a solidariedade com o êxodo humano.

Essa tríplice finalidade proporciona à comunidade de fé dar-se conta da árdua tarefa de ser sempre um viajante aberto ao novo, com os pés no presente recordando o testemunho do passado: “O vento sopra onde quer e ouves o seu ruído, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito.” (Jo 3,8) O Espírito motiva a caminhada da reflexão da fé para que ela possa ser sinal da presença de Deus na humanidade primeiro junto aos que sofrem.

---

<sup>75</sup> FRANCISCO, Papa. *Lumen Fidei*. p. 49-50.

### 3.1.2 O PENSAMENTO DA COMPANHIA NO SOFRIMENTO

A índole missionária da Igreja além de aproximar as pessoas do conhecimento de Cristo, tem o compromisso de levar a Boa Nova da salvação ao conhecimento de toda a humanidade. O mundo torna-se lugar do evangelho. Para que essa missão seja cumprida com eficácia torna-se necessário escutar a História, nela inserir-se para que em sua linguagem possa anunciar a Boa Nova do Reino. Lembremos Paulo anunciando Cristo no Areópago: “Cidadãos atenienses! Vejo que, sob todos os aspectos, sois os mais religiosos dos homens. Pois percorrendo a vossa cidade e observando os vossos monumentos sagrados, encontrei até um altar com a inscrição ‘Ao Deus desconhecido’. Ora bem, o que adorais sem conhecer, isto venho eu anunciar-vos.” (At 17,22s) Paulo soube assumir a cultura para transmitir seus ensinamentos. Não se deve esquecer que o anúncio da Boa Nova deve chegar a todos, principalmente ao avesso da História.

Ao fazer essa leitura da escuta do tempo, Forte, apresenta dois modos de interpretação: primeiro é a pergunta que da História se levanta para a Palavra evangélica. A segunda é o descobrimento da Palavra evangélica na História do mundo. “No primeiro caso, olha-se a situação humana simplesmente como destinatária da mensagem; no segundo, esforça-se para perceber nela a presença, com certeza misteriosa e oculta, da própria mensagem”.<sup>76</sup> Ambas tem como motivação fazer do mundo o lugar do evangelho, por isso devem ser apreciadas concomitantemente.

Com base na trindade podemos perceber três motivações para esta relação entre História e Boa Nova evangélica. A primeira delas é teológica, onde nada se exclui porque foi tudo pelo Pai criado. Por isso, toda criação leva o selo do criador e sua bondade. “E Deus viu que isso era bom.” (Gn 1) Perceber na criação essa bondade e presença de Deus torna possível direcionar seu caminho e também seu destino que é a volta para junto do Pai. Deus não quer o sofrimento, mas resgata o ser humano dele. Ligada à motivação teológica vem a cristológica, pois tudo foi criado em vista dele.

---

<sup>76</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia* p. 149-150.



O movimento de descida foi, porém, concebido desde o início tendo em vista o movimento de subida: no Espírito pelo Filho tudo retorna ao Pai. Por isso a Igreja das origens confessa que a criação ocorreu não só por meio de Cristo, mas também em vista dele, que recapitula todo o criado. [...] O valor cósmico da encarnação está, pois, a dizer que o Verbo, assumindo a natureza humana, assumiu de certa forma o universo inteiro, para tudo redimir e entregar um dia ao Pai.<sup>77</sup>

A última motivação é a pneumatológica, onde o Espírito motiva o novo, e graças a ele a abertura para o futuro. Com essa motivação a comunidade de fé compartilha sua responsabilidade pois além do advento ser o próprio anúncio da Boa Nova ele é o auxílio para que essa Boa Nova possa chegar ao coração de todos os homens. Muitas vezes de forma surpreendente e inesperado o Espírito move os corações dos anunciadores da Palavra e dos receptores e enverada por caminhos antes inimagináveis. A partir disso somos convidados a estar juntos dos que sofrem confiando na ação do Espírito Santo que conduz à vida plena.

Frente a estas motivações a interrogação que surge é como conciliar Evangelho e História? A História carrega a dor do mundo. O mundano não pode absorver as questões relativas à fé, da mesma forma que a fé não pode querer abarcar o totalmente humano. É necessário que exista uma distinção entre Palavra e História para que as duas possam manter suas particularidades proporcionando uma integração. Porque no momento em que não existe distinção cai por terra a possibilidade de integração. Sendo que o ponto de convergência deve ser Cristo.

Cabe a comunidade de fé reconhecer os sinais da tríplice presença do mistério na História, denunciar as distorções que se opõe ao Evangelho e auxiliar a Igreja a crescer na comunhão e diálogo com a humanidade. De que forma ela pode cumprir essa tarefa? Bruno Forte fala em discernimento. “O discernimento na escuta do tempo implica em três momentos estreitamente conexos entre si: a assunção da complexidade; o confronto com a Palavra; a indicação de pistas provisórias e críveis”.<sup>78</sup>

A assunção da complexidade é saber admitir que não podemos compreender as sociedade em moldes fechados. É necessário que saibamos compreender a

---

<sup>77</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia* p. 151-152.

<sup>78</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia* p. 156.

complexidade que permeia as relações sociais. Cabe a comunidade de fé não fechar-se em si mesma, mas ter a capacidade de dialogar com os mais diversos contextos, dando a eles sua colaboração e extraindo deles suas contribuições para o amadurecimento da fé. Bruno Forte cita Vico que auxilia na argumentação em favor desse caminho a ser trilhado.

O que começa a delinear-se, então, no modo de ler de Vico é uma espécie de 'historicismo' leve, privado do peso da necessidade e que favorece as possibilidades abertas da liberdade, segundo uma concepção do agir histórico no qual os termos extremos da relação entre *verum* e *factum* não são definidos pelo destino da necessidade, mas deixados abertos à excedência sempre insolúvel do jogo da liberdade<sup>79</sup>

Tendo consciência da complexidade histórica pode-se dar o passo seguinte: o confronto com a Palavra. A História e sua complexidade será iluminada pela Palavra da mesma forma que a Palavra será iluminada pela História. Desse confronto nasce o terceiro momento: a elaboração das propostas provisórias e críveis. Provisórias por causa da dinamicidade da História e da sua relação com a Palavra. Crível porque passou pelo viés da Palavra.

Seguindo essa dinâmica de perceber que o mundo é o lugar do evangelho tendo o discernimento de elaborar uma síntese que respeite a caminhada do êxodo e do advento a comunidade de fé se torna uma doutora na caridade, podendo estar ao lado dos que sofrem. Pois ela se coloca a serviço, através da sua humildade e discrição em escutar o caminhar da humanidade e perscrutá-los da presença da Palavra. “A caridade é paciente a caridade é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho. Nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor [...]” (1Cor 13, 4s)

---

<sup>79</sup> FORTE, Bruno. *Um pelo outro. Por uma ética da transcendência*. p. 18-19.

### 3.1.3 A MEMÓRIA VIVA DO SOFRIMENTO DIANTE DA PALAVRA

A humanidade tem na comunidade viva da fé alguém que caminha ao seu lado como companhia e que apresenta a Palavra de Deus nesse caminhar. Ao longo desse caminhar se constrói uma História que deve ser recordada e estar presente na memória. Principalmente para lembrar que Deus se manifesta no rosto daquele que sofre.

O motivo para fazer memória segundo Forte é: Deus e o homem, êxodo e advento.

A partir da ação reveladora de Deus, a exigência de fazer dela memória é motivada [...] pela prioridade absoluta e normatividade da própria revelação: sem se referir a tudo o que disse o Senhor e tudo o que ele fez na história em seu livre e gratuito desígnio de comunicar-se ao homem e torná-lo participante da vida eterna, a teologia seria pura voz do êxodo [...] sem trazer-lhe de modo algum o absolutamente novo, que só pode vir de Deus.<sup>80</sup>

Por isso, não se pode deixar de fazer memória do eterno. Somente haverá respostas às indagações do ser humano em relação a Deus se vivermos no presente, sinais do divino na História. Esses sinais tornam-se critérios de avaliação e discernimento para dúvidas do presente e projetos do futuro. Se tomarmos como exemplo a questão do sofrimento e não soubermos fazer memória carecerá ainda mais de sentido tudo que temos dificuldade de explicar no presente.

Ter consciência do passado é um auxílio para amadurecer na fé e torná-la adulta, não no sentido de terminada, mas de constante caminhar em direção ao divino. Fazer memória torna mais claro este caminho que está sendo trilhado. Além de possibilitar indicações para o futuro e critérios para tornar a Palavra profética fazer memória alimenta a esperança do retorno ao Paraíso inicial junto do Pai. Só é possível projetar para onde estamos caminhando se sabemos de onde partimos. Só

---

<sup>80</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia* p. 162.

é possível pensar em Novos Céus e Nova terra se sabemos que fomos criados pelo amor. Por isso, torna-se indispensável fazer memória.

Bruno Forte lembra que existem lugares próprios para se fazer memória. O lugar por excelência é a Escritura. Nela estão gravadas as marcas do advento na História humana, ela é um dos fundamentos das respostas das inquietações sobre a dor.

Pela Sagrada Escritura a teologia atinge o seu objeto, nela se funda e encontra o seu critério, dela recebe sua força, graças a ela é perenemente jovem e capaz de falar às diversas gerações dos homens, sedentas da Palavra do Altíssimo, que é a única Palavra de vida eterna.<sup>81</sup>

Para ter um bom acesso à Sagrada Escritura é necessário contar com a exegese e todas as demais ciências que viabilizem um bom entendimento do seu conteúdo. A responsabilidade de transmitir a fé revelada nas escrituras e de interpretá-la é da Igreja. A comunidade também deve buscar respostas na Tradição da Igreja para resolver as inquietações sobre o sofrimento e a dor.

Cabe recordar que na Igreja está manifesta e reconhecida a ação do Espírito na História. Dessa forma a Tradição torna-se viva porque é o mesmo Espírito que conduz a caminhada de fé da Igreja. A comunidade torna-se lugar propício para essa manifestação, nela surgem as angústias e alegrias, as dores e sofrimentos que instigam a buscar respostas na fé.

Existe uma íntima ligação entre Tradição e Escritura; ambas trazem consigo a ação reveladora de Deus. A Escritura é o seu registro e a Tradição sua transmissão. O magistério por sua vez é responsável por guardar o depósito da fé, ser servo fiel da Palavra e seu intérprete.

Após reconhecermos a importância de fazermos memória e nela recordamos da Sagrada Escritura e da Tradição, cabe elencar de que forma é possível essa aproximação. As condições para que possa haver essa aproximação circulam em

---

<sup>81</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia* p. 164.

torno do objeto e sujeito. Do ponto de vista do objeto é necessário que se respeite suas peculiaridades. Não é possível estudar um texto com os critérios de hoje, mas é necessário compreender ao máximo o contexto da época na qual ele foi produzido. Do ponto de vista do sujeito a principal condição é não interpretar nada isoladamente sem contar com o auxílio de todos os instrumentos intelectuais disponíveis. Dessa forma encontraremos respostas verdadeiras as nossas inquietações sobre a dor e o sofrimento.

A consequência de um encontro coerente entre sujeito e objeto é o Evangelho. Traz vida ao momento presente e tem a possibilidade de dar uma orientação para esse momento. Forte apresenta três condições para uma melhor interpretação do texto evangélico. Elas estão ligadas ao próprio processo exegético. O primeiro é compreender o texto o segundo é compreender a luz do presente do texto e o terceiro é expressar o que o texto nos ensina.

Compreender o texto é buscar todos os elementos necessários para a sua hermenêutica, percebendo de forma especial as motivações e contextos no qual o autor escreveu o texto. Fazendo essa análise pode-se comparar o presente à luz do passado julgando a retidão da própria inteligência do texto e por fim manifestar o resultado desse encontro. Desta forma o mundo vai ser o lugar do Evangelho porque vai existir uma perfeita integração entre o dado revelado na escritura e a Palavra. Com isso, ele vai ser uma resposta e uma esperança para aqueles que sofrem.

Portanto a atitude do crente em relação ao mundo é unidirecional recebendo tudo de Deus, ele prossegue no tempo como movimento “Kenótico” do eterno, a descida do presente do outro para trazê-lo, uma vez que penetra todas as partes da história. Se trata de uma atitude nobre que motivou a paixão do Evangelho e de tantos santos.<sup>82</sup>

A consequência desta integração são as práticas nascidas do evangelho, de forma especial do amor e da caridade. Para que isso possa se tornar possível é

---

<sup>82</sup> FORTE, Bruno. *Dialogo e annuncio. L'evangelizzazione e l'incontro con l'altro*. p. 308. *Di conseguenza l'atteggiamento del credente verso il mondo `unidirezionale:ricevendo tutto da Dio, egli prossegue nel tempo il movimento "kenotico" (cfr. Fil 2,6ss) dell'Eterno, la discesa del dono dall'alto per portarlo fin nelle pieghe più recondite della storia. Si tratta di un atteggiamento nobile, che a motivato la passione del Vangelo in tantissimi santi.*

necessário a caminhada de fé para que possa ser vivida e registrada. Através desse registro recordamos a caminhada de fé do povo que motiva o seguimento e a esperança. Fazer memória é mais do que recordar é trazer presente a experiência vivida. Por isso a Teologia é memória eficaz e não vazia: o que possibilita essa memória eficaz é a fé. Forte conclui afirmando que o fiel que quiser entrar em contato com a sabedoria do Mistério, tem diante dos olhos o acontecimento do encontro entre êxodo e advento e sua descrição através dos tempos para manifestá-los em sua vida; isso só é possível pela fé. As respostas para as inquietações da dor são encontradas ao longo da História quando o grito ensurdecido de Deus no seu advir silencioso é percebido.

### **3.1.4 A FORMA DA PROFECIA DIANTE DOS QUE SOFREM – ESPERANÇA.**

A Profecia nasce da reflexão da fé como companhia e dela fazendo memória. Não podemos esquecer nem do hoje, nem do passado. Unindo o caminho trilhado com o contexto presente se pode planejar o futuro. As questões que surgem a partir da profecia que brota do confronto entre História e contexto presente são: qual o sentido dessa profecia e de que forma ela é exercida diante daqueles que sofrem? Tentaremos responder essas questões ao longo desse ponto apresentando a esperança como impulso do presente para a felicidade futura.

A companhia da reflexão da fé traz como primado a ação do êxodo, por sua vez a memória lembra a ação do advento. A profecia é motivada a pensar o encontro do êxodo e do advento de forma que o êxodo possa sempre mais se abrir ao advento e este possa abrir um horizonte de sentido sempre maior para a humanidade.

Êxodo e advento apelam, com efeito, um ao outro. A revelação divina não acontece no vazio, e sim na história, para voltar-se a homens concretos e oferecer-lhes o dom gratuito e maravilhoso da vida que vem do alto [...] Neste sentido, a Escritura, lugar da Palavra do advento divino [...] 'A Bíblia não é a teologia do homem, mas a

antropologia de Deus que se ocupa do homem e do que este lhe pede'.<sup>83</sup>

O advento é Deus que sai do silêncio e fala a eterna Palavra. Ele está voltado para o outro. O amor de Deus pela humanidade é tão grande que se manifesta com sua atitude humilde de descer ao nível humano para que o humano possa encontrar esse mistério. A cruz torna-se o maior sinal desse amor onde ele assume com todas as consequências as dores do mundo e no silêncio desvela seu rosto. A dor do mundo encontra na cruz um igual.

Se Deus vai ao encontro do homem, o homem também procura Deus. O movimento do êxodo revela saudade e desejo do absoluto. A pergunta sobre o sentido que brota do coração humano só encontra resposta em Deus. Indo buscar Deus o homem abre-se ao outro. O contraditório do humano é que no caminho para a morte ele encontra a vida, dirigindo-se para a Palavra eterna ele abre-se ao dom que dá sentido a esta inquietude. O encontro é o hoje o tempo da graça, a profecia realizada a partir do encontro entre êxodo e advento.

A contemplação do Senhor, ouvinte fiel e atenta da sua Palavra, lê a vida e a história que é intensamente participante, à luz do Deus vivo e de seu amor pelos homens. A complexidade do tempo é assumida em toda a dialética que a permeia para ser exposta ao sol da revelação como modo de amadurecer para escolhas na vida dos homens que expressa, dupla fidelidade ao tempo e a eternidade.<sup>84</sup>

Desta maneira a reflexão sobre a fé se torna profecia pois deve ter a capacidade de ler a Palavra e a História para dar a repostas as inquietações do ser humano de hoje. A Profecia faz com que a Palavra chegue ao homem de modo fiel e crível, pois o homem insere nela sua História e percebe na Palavra a Companhia de Deus diante do sofrimento.

---

<sup>83</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia* p.177.

<sup>84</sup> FORTE, Bruno. *Dialogo e annuncio. L'evangelizzazione e l'incontro com l'altro*. p. 203. *Il contemplativo del Signore, uditore fedele e attento della Sua Parola, legge la vita e la storia, di cui è intensamente partecipe, nella luce de Dio vivo e del suo amore per gli uomini. La complessità del tempo è assunta in tutta la dialettica che la pervade per essere esposta al sole della rivelazione, in modo da maturare proposte credibili per le scelte e la vita degli uomini che siano frutto della duplice fedeltà al tempo e all'Eterno.*

Como se realiza essa mediação entre Palavra e História manchada pelo sofrimento? As respostas a essa questão são a condição da razão teológica, a linguagem que ela expressa e uma possível síntese.

A razão teológica observada do ponto de vista da objetividade pura sublinha o advento e sua auto explicação, obscurecendo a contribuição e a correspondência do homem. Ela pode ser entendida pela dedução, mas esta forma de pensar privou a Teologia de ser uma resposta ao seu tempo, o que trouxe como consequência uma justificação do presente pelo passado. Em caminho, contrário à razão teológica pensado no interior da subjetividade moderna, coloca em evidência o êxodo em detrimento do advento. “A dogmática cristã torna-se neste sentido, um capítulo da filosofia da religião; a doutrina, desenvolvimento reflexivo de uma ‘província do espírito’ [...] Deus é reduzido ao devir do tempo, o Absoluto, imergido na história”.<sup>85</sup>

Uma síntese entre razão teológica objetiva e subjetiva se dá em concebê-la como histórica, ou seja, aberta a integração entre sujeito e objeto. Segundo Forte os modos pelos quais a razão teológica é concebida harmoniosamente são a narrativa e a analógica.

Narração é a exposição de um fato. Através dela, pode-se descrever ou explicar o que está sendo mostrado. Por isso ela se torna aberta, pois tem a capacidade de ir ao encontro do passado e do presente. Buscar respostas às inquietações humanas do Silêncio de Deus diante da dor. Mas a narrativa em si não basta é necessária a analogia que significa ponto de semelhança, encontro entre êxodo e advento. Ela não torna igual mas, a partir da narração, descreve o semelhante e dá a possibilidade de projeção para o futuro. A analogia não tira a particularidade de cada parte nem absorve uma na outra. “A razão teológica [...] valer-se-á então ao mesmo tempo de narrativa e analogia: é assim que se tornará profecia, narração sensata e inteligência fundada, capazes de pensar o advento no êxodo e o êxodo no advento”.<sup>86</sup>

Qual a linguagem que será usada para exprimir a Palavra de Deus nas Palavras dos homens? A linguagem é o meio de expressão e comunicação entre as pessoas e também entre Deus e o ser humano. A linguagem não é somente a falada

---

<sup>85</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia* p.180.

<sup>86</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia* p. 184.



mas existem formas diversas de expressão das ideias. A linguagem é a maneira de expressar ideias e pode ser transmitida por todos os sentidos humanos. Cada objeto também pode ter a sua linguagem e compreendê-la é conhecer um pouco mais a respeito dele.

É neste contexto que se insere a Palavra e o Silêncio de Deus diante da dor, ela se torna linguagem do mistério, pois revela o mistério. A linguagem é a expressão da profecia, pois ela proporciona o encontro e é a expressão desse encontro. Segundo Forte, enquanto referida ao advento a linguagem é metafórica e simbólica. Isso significa que a linguagem do advento não consegue ser captada em sua essência, mas somente através de uma adequação aos símbolos humanos. Os porquês do Silêncio de Deus diante da dor só é compreendido na Companhia de Deus. O advento se faz captar pelo êxodo. Por sua vez a linguagem teológica, como resposta, referida ao êxodo é auto-implicativa e descritiva, ela mesmo se dá a compreender e descreve os fatos como são compreendidos. Do encontro da linguagem êxodo/advento surge uma linguagem teológica que é eclesial, doxológica-litúrgica e evocativa-poética. Ou seja é na comunidade que se possibilita o encontro e sua expressão se dá nas celebrações e na evocação em forma de poesia. Desta forma a linguagem se torna viva e profética não árida e moralizante.

A compreensão da forma de se expressar da linguagem também varia “alguns privilegiam um critério fundado em conteúdo e em sua recíproca correspondência; outros preferem um sistema ligado às exigências cognitivas do sujeito, considera como medida exclusiva da determinação de sentido”.<sup>87</sup> O primeiro, as sínteses expressas nos manuais; a segunda no dinamismo de quem elabora. Os riscos são de uma acentuar mais a analogia e a outra a fenomenologia. Por isso o desafio da forma de expressar a linguagem teológica é que ela não seja objetiva ou subjetiva, mas Histórica.

A síntese do tipo histórica tem como característica o caráter global no qual cada ramo da Teologia deve contribuir; tem uma fidelidade ao dado revelado e ao dogma, mas também é aberta ao momento do caminhar do povo de Deus.

Pensar a reflexão sobre a fé é pensar a esperança como resposta a questão do Silêncio de Deus diante do sofrimento humano. Porque ela tem o compromisso

---

<sup>87</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia* p. 187.

de manifestar o êxodo no seu movimento rumo a vida, não a repetitividade, nem à morte. Por sua vez a esperança também é demonstrada no compromisso da Teologia de ver o advento não no distanciamento, mas já na História, dando o impulso para que ela continue a caminho da terra prometida e oriente como deve ser esse caminhar. A Teologia é doutora da esperança porque ela transmite a fé pascal do Cristo ressuscitado que vence a morte, a dor e sofrimento que causa a desesperança. Ela está sempre aberta ao novo e a surpresa do mistério. Ela se torna inquieta pois jamais está satisfeita como a situação do êxodo, ela tem o compromisso de ser profética para anunciar o novo da esperança. Nesse sentido, o ser humano marcado pelo pecado, pela dor e pelo sofrimento encontra na fé e na reflexão sobre ela uma luz que brilha na escuridão da vida. Quando tudo parece carecer de sentido a esperança que provém de Deus reafirma a importância da caminhada. O Papa Bento XVI na Carta Encíclica *Spe Salvi*, escreve sobre a importância da esperança para aqueles que a perderam por causa da dor e do sofrimento.

É importante saber: eu posso sempre continuar a esperar, ainda que, pela minha vida ou pelo momento histórico que estou a viver, aparentemente não tenha qualquer motivo para esperar [...] Podemos procurar limitar o sofrimento e lutar contra ele, mas não podemos eliminá-lo. [...] Não é o evitar o sofrimento, a fuga diante da dor, que cura o homem, mas a capacidade de aceitar a tribulação e nela amadurecer, de encontrar o seu sentido através de união com Cristo, que sofreu com infinito amor.<sup>88</sup>

A prática do amor motiva também a esperança. Porque doar-se por amor é dar vida ao que estava perdido. Mas para doar-se é necessário deixar de lado o egoísmo e a ganância para ter a capacidade de compartilhar a dor e o sofrimento do outro e dar-lhes a esperança que provém de Deus.

---

<sup>88</sup> BENTO, Papa. *Carta Encíclica Spe Salvi*. p. 54-57.

### 3.1.5 O AUXILIO DA EXISTÊNCIA TEOLÓGICA DIANTE DO SOFRIMENTO

A reflexão da fé entendida como companhia, memória e profecia forma uma unidade. Nessa unidade é possível frisar dois aspectos que motivam a Teologia como companhia, memória e profecia: epiclese e doxologia. O primeiro é o movimento da luz que desce e ilumina o caminhar nas trevas da dor humana, o segundo é resposta de louvor a essa luz por causa da Companhia.

Antes de refletirmos sobre a epiclese e a doxologia é necessário lembrar que existe uma unidade existente entre caridade, fé e esperança. Pois elas representam a marca do divino no humano.

A caridade evoca na criatura redimida a iniciativa eterna do amor do Pai, na gratuidade pura e sem arrependimento que a caracteriza; a fé é imagem da eterna acolhida do amor, daquela gratidão plena e daquela fiel obediência, que são próprias da existência do Filho; a esperança, abertura e antecipação do novo na unidade da vida que avança, oferece-se como o selo do Espírito.<sup>89</sup>

Da mesma forma da unidade na Trindade, a Teologia é caridade pois está na companhia dos homens e da Igreja; é fé, porque estimula a escuta fiel da Palavra, é também esperança que suscita o sentimento sempre novo da profecia que surge do encontro entre êxodo e advento. Cada uma das três virtudes teológicas são indispensáveis para impulsionar a elaboração Teológica e das respostas as inquietações sobre a dor.

Essa unidade proporciona permear toda a Teologia o movimento da epiclese e da doxologia. A epiclese faz lembrar a oração a santidade e a beleza. Da oração nasce a vivência na qual a comunidade cristã é chamada a refletir e tomar consciência de Deus próximo e não longínquo. Através da oração existe o contato com o mistério, nela é possível alimentar-se da Palavra e beber dessa fonte é conduzir-se a ela. A oração proporciona uma tomada de consciência, uma ação, uma atitude de louvor proporcionada pela liturgia.

---

<sup>89</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia* p.193.

Da oração brota a necessidade de busca da santidade. “Uma teologia ‘santa’ é pensamento de uma caridade operosa, de uma fé viva, de uma esperança sólida: e é pensamento humilde, que não presume de si, mas se deixa plasmar pela humildade da ‘quenose’ divina”.<sup>90</sup>

Por fim, na epiclese não poderia deixar de mencionar a beleza que possibilita uma relação sempre nova entre finito e infinito. A beleza abre a oportunidade de observar a prática do amor que é a verdadeira beleza.

A beleza do Filho é diferente daquela da forma e da proporção: é a beleza do excesso de amor, a beleza da caridade que leva o Deus imortal a se fazer pobre e prisioneiro da morte para nos tornar ricos, a escolher para si a forma de escravo para nos dar a condição de filhos. O ‘pequeno bem’ é a beleza do amor crucificado, do dom de si até as últimas consequências.<sup>91</sup>

Frente a esse amor e ao movimento da epiclese corresponde uma resposta de doxologia, de louvor e glorificação que é feita a partir do serviço e da adoração. A comunidade cristã é convidada ao serviço empenhando-se no estudo sério e na comunicação do que foi estudado, dando testemunho do dom para que sirva a toda comunidade. A comunidade cristã assume toda a sua missão quando busca sinceramente a glória de Deus. Esta atitude significa um sentimento humilde e honesto diante do eterno reconhecendo as próprias limitações e glorificando a Deus pelas suas maravilhas.

### **3.2 ENCONTRO**

A profecia é o resultado do encontro entre a companhia e a memória. Nessa a comunidade cristã é convidada a ser doutora na caridade, na fé e na esperança; com um sentimento reto e sincero buscar a síntese entre advento divino e êxodo humano. Na Trindade revela-se essa busca sincera, onde o Pai é o silêncio na

---

<sup>90</sup> FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia*, p. 199.

<sup>91</sup> FORTE, Bruno. *A guerra e o silêncio de Deus*. p. 45.

companhia do amor, o Filho e a Palavra na memória da fé e o Espírito é o encontro da profecia na Esperança. Desta maneira consegue-se expressar a unidade de pensamento em Bruno Forte e encontrar a resposta do porque do Silêncio de Deus diante do sofrimento humano. Neste ponto queremos explicar sobre o mistério do Espírito que se dá no encontro eterno, no encontro na História construindo-a, e por fim a celebração do encontro.

A Palavra sai do silêncio e vem ecoar nele. Mas o silêncio do Espírito não é da origem, nem da saída ele é da destinação. “O silêncio do Espírito pode ser chamado silêncio do Encontro: nele se encontram, reciprocamente doando-se, a Palavra e o Silêncio na eternidade divina [...] o Filho encarnado revela o Pai de quem procede e envia o Espírito, no qual foi ungido”.<sup>92</sup>

### 3.2.1 O MISTÉRIO DO ESPÍRITO DIANTE DO SOFRIMENTO

O Espírito é força, vida, ar e anúncio. O Silêncio cria, a Palavra revela e o Espírito vivifica. Do Silêncio brota a Palavra, por sua vez o Espírito perpassa o Silêncio e a Palavra para torná-las presente no hoje. Sem o Espírito a Palavra seria morta, não seria possível o encontro entre o divino e humano. O Espírito é o responsável por trazer o mistério presente no coração humano. Ele tem a função de recordar. “Essas coisas vos disse estando entre vós. Mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que vos disse” (Jo 14,25s)

O Espírito não é a Palavra; ele, porém, torna de fato possível o encontro vivificador com a Palavra. Tampouco ele é o Silêncio; anuncia, porém, o que, ouviu da Palavra nos silêncios eternos e se abre para o futuro, já que ele está totalmente relacionado com aquela plenitude da verdade que será o eloquente Silêncio do Deus tudo em todos.<sup>93</sup>

<sup>92</sup> FORTE, Bruno. *Nos caminhos do uno. Metafísica e Teologia*. p. 262-263.

<sup>93</sup> FORTE, Bruno. *Teologia da História. Ensaíos sobre a revelação, o início e a consumação*. p. 157.

O Espírito é aquele que proporciona o encontro, que abre o divino e o torna solidário com a obra criada unificando o que estava dividido essa dupla função do Espírito unir e abrir coloca em evidência sua singularidade bem como sua participação na Trindade. Segundo Forte, foi a Teologia ocidental que percebeu no Espírito a função de unificar o Pai e o Filho e Corpo Místico da Igreja com seus diversos dons e carismas. O termo que o qualifica é o amor, pois é algo inerente a Deus, demonstra singularidade e totalidade, doação e comunhão. Ele se torna a personificação do amor. Diante daquele que sofre o Espírito recorda que Deus em seu Silêncio é presença e Companhia.

A relação Trinitária se dá no amor, por causa desse amor pode-se afirmar que o Espírito procede do Pai e do Filho. O concílio XI de Toledo define:

Nós cremos também que este Espírito Santo não é nem não –gerado nem gerado: para não afirmar dos pais, se o disséssemos não-gerado, ou para não aparentar que pregamos dos Filhos, se o disséssemos gerado, diz-se, entretanto, que ele não é o Espírito apenas do Pai e do Filho. De fato, ele não procede do Pai no Filho, nem procede do Filho para santificar a criatura, mas se demonstra que precede conjuntamente de ambos, porque se reconhece que a caridade e a santidade são de ambos.<sup>94</sup>

A pergunta que surge a partir dessa afirmação é: qual a consequência da insistente afirmação da função do Espírito de unir? A categoria que exprime essa união é o encontro que significa: aproximar e unir, mas também manter a distinção das Pessoas da Santíssima Trindade, na qual ele próprio é pessoa. Esse encontro se dá no Silêncio. A característica própria do Encontro é o dar-se divino que promove a união e a paz. O Espírito revela outro silêncio e outro pronunciar, proporcionado pelo encontro. Ele profere a Palavra e procede do Silêncio. O fator comum aos três é o amor. Por isso, é possível afirmar a distinção das três pessoas e a união das mesmas. Nela une-se a humanidade graças a humanidade do Filho que resgatou e redimiu a criação. Essa união do Criador com a criatura deve tornar-se a evidência da presença de Deus junto aos que sofrem.

---

<sup>94</sup> Concílio XI de Toledo(675): DH 527.

A essência de Deus é o amor e ele cria pelo transbordamento desse amor. Bruno Forte intitula esse transbordamento do amor de Deus como êxtase característica própria do Espírito do abrir-se de Deus. de seu advento. Afirmar que o Espírito é o dom e o êxtase de Deus é afirmar sua ação em todos os momentos da História divina em relação a humanidade. Poderíamos ainda afirmar que Deus age o Espírito é essa ação e o Filho é a comunicação dessa ação.

O Espírito revela Deus e sua essência que é o amor. “Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho único para que todo o que nele crer [...] tenha a vida eterna” (Jo 3,16)

O Encontro eterno nos revela, assim, a transcendência do amor eterno, seu livre e gratuito autodestinar-se ao outro, sua natureza difusa de si e, por isso, fonte de autocomunicação pessoal, no jogo das relações entre as chamadas por elas mesmas a existência. Enquanto transcendência de si em direção ao outro, o Encontro inclui a dimensão imprimível de separação, de Êxodo sem retorno, de morte a se mesmos para a vida do outro, da qual é rica imagem no tempo a entrega do espírito na hora da cruz.<sup>95</sup>

O Espírito ensina assim o verdadeiro significado da vivência do amor, como doação, morte de si em vista do outro. Amor que é a exemplo do amor divino esvaziar-se de si para preencher-se do outro como afirma o Papa Bento XVI na *Carta Encíclica Deus caritas est*: “o amor ao próximo é uma estrada para encontrar também a Deus, e que o fechar os olhos diante do próximo torna-os cegos também diante de Deus”.<sup>96</sup> Reafirma-se o compromisso do ser humano de livremente viver o amor e evitar a dor e o sofrimento alheio.

A partir do momento que entendemos o transbordamento do amor de Deus o traduzimos como prática da caridade, como doação e serviço. Ele abrange a morte e a vida, morte porque se esquece de si em vista do outro e vida enquanto abertura a comunhão e ao dom vivificador. Conseguimos compreender o porquê praticar do amor liberta. Descobrimos o compromisso que toda a humanidade deve assumir em

<sup>95</sup> FORTE, Bruno. *Teologia da História. Ensaios sobre a revelação, o início e a consumação*. p. 166.

<sup>96</sup> BENTO XVI, Papa. *Carta Encíclica Deus Caritas est*. p. 30.

viver esse amor. Entendemos também o hino de amor de São Paulo, onde ele lembra que se em nossas atitudes não existir o amor elas carecem de sentido.

Compreender o Espírito como encontro e como doação propicia ao ser humano fazer parte da Trindade e viver no amor. Quando existe uma doação, existe também complementariedade. O ser humano fazendo parte do Divino pelo amor carrega consigo a marca do eterno, da mesma forma o Divino unindo-se à humanidade pelo amor leva consigo esta humanidade. Compreende-se assim o êxodo e o advento no amor, que caminham unidos, mas não se anulam, mas se complementam. Abre-se assim uma nova perspectiva de perceber Deus em toda a humanidade, principalmente daqueles que estão à margem, por causa do amor de Deus.

### **3.2.2 O ENCONTRO NA HISTÓRIA: O OUVINTE DA PALAVRA E A FIGURA DO OUTRO QUE SOFRE**

No momento em que aceitamos a Palavra que sai do Silêncio e nos abrimos a ela estamos diante do encontro. Quebra-se, assim, o narcisismo, a totalidade do ser em vista do outro. O que atinge o mais íntimo desse ser é esquecer-se de si mas não anular-se é superar a distinção em vista da comunhão. Existe uma dupla condição para que esse encontro possa ser real: “A primeira condição é a da abertura transcendente do eu; a segunda se identifica com a transcendência do Outro e sua capacidade de intromissão na totalidade do mundo interior, como exterioridade e infinito, pois ambos encontram sua máxima expressão na figura do outro”.<sup>97</sup>

Sem esses dois fatores é impossível acontecer o encontro. É necessário a abertura ao outro como também a intromissão desse outro no eu. Sem um desses dois fatores seria mera exterioridade, aparência ou continuaria prisioneiro em seu eu. O rosto do outro deve ser visto no olhar da dor, seu coração está aberto para que o eu possa auxiliá-lo a superar essa dor. Aprofundando essa reflexão do

---

<sup>97</sup> FORTE, Bruno. *Teologia da História. Ensaios sobre a revelação, o início e a consumação*. p. 169.



encontro e da relação entre o eu e o outro Forte busca em Karl Rahner e Emmanuel Levinas perspectivas para compreender essa relação que se estabelece e propicia o encontro.

O grande desafio de Karl Rahner foi repensar a fé cristã no momento histórico da emancipação da razão. Ele percebe a oportunidade de superação desse período na antropologia, trazendo ao homem o desafio de sair de si em busca do transcendente.

[...] ele é o ser da absoluta abertura ao Transcendente, e, por isso, sujeito objetivamente estruturado em seu ser para a transcendência. Essa abertura transcendental encontra sua plena realização na cristologia: em Jesus, o Cristo, portador absoluto da salvação, é oferecida ao homem a possibilidade suprema de transcender-se ao Transcendente que lhe vem, e então realizar na forma mais elevada o próprio ser para a transcendência ('cristologia transcendental')<sup>98</sup>

Sabemos que a natureza humana é relacional, por isso quando o ser humano não favorece a criação de vínculos entre as pessoas está agredindo sua natureza e necessita criar outros caminhos para suprir essa carência; muitos desses caminhos tornam-se agressivos a própria vida e causam dor e sofrimento. Karl Rahner é um dos autores que defende a abertura do ser humano para relacionar-se com o outro, como parte integrante da sua natureza, e também para o transcendente.

O pensamento de Rahner sobre a relação transcendental articula-se em três passos principais: o primeiro deles é o dar-se conta de que intrínseco a natureza da pessoa existe a marca do divino e por isso a possibilidade de abrir-se em direção a Ele. O segundo passo é o da liberdade do homem em optar pelo amor pleno que é Deus. Com essa afirmação Rahner quer evitar a ideia na qual o homem tenha necessidade de Deus, ao contrário, deve ser uma pessoa livre e que seja respeitada na sua identidade e no mistério que carrega sobre sua própria existência e seu ser.

O terceiro passo é consequência dos dois primeiros e determina o lugar do encontro. Porque se a transcendência está aberta ao relacionamento e espera a decisão livre do ser humano, esse encontro deve acontecer concretamente e para

---

<sup>98</sup> FORTE, Bruno. *A escuta do outro. Filosofia e revelação*. p. 70.

isso é necessário um lugar. Rahner elenca dois lugares de possibilidade de encontro entre divino e humano, um deles é a História, porque é o que o ser humano pode apresentar no diálogo que se estabelece no encontro. Por isso o encontro é historicamente determinado. Um segundo e principal lugar é a Palavra que é a comunicação de Deus não é o Ele em si mesmo. Tanto Deus como os homens agem livremente e na História; Deus comunica-se através da Palavra e os homens abrem-se à comunicação de Deus. Diante da Palavra e da História o ser humano é convidado a ser corresponsável da criação e portanto cuidador daqueles que sofrem e estão à margem.

A crítica de Rahner à modernidade se dá por causa da fé cristã que afirma que as respostas de todas as coisas estão somente no próprio ser humano. Cabe também ressaltar que a relação entre divino e humano não é só de pedido e resposta. Neste sentido entra novamente a questão do Silêncio porque em ambos, no divino e no humano, existe o mistério e o encontro entre os dois mistérios gera mais do que Palavras; propicia o Silêncio.

Segundo Forte o pensar teológico de Rahner sobre o encontro entre transcendência e humano apresenta alguns riscos.

[...] por um lado, a autotranscendência do homem pode ser tão evidenciada que seja reconduzida ao simples processo dialético do espírito, que não leva em consideração, suficientemente, o papel da decisão e do drama da queda e da rejeição [...]; por outro, o poder da Palavra pode ser tão acentuado que negligencie a intrínseca dialética da revelação e do escondimento.<sup>99</sup>

Outro filósofo citado por Forte para ampliar a compreensão sobre a dimensão do encontro é Emmanuel Lévinas. Foi aluno de Heidegger e Husserl. É judeu e viveu os horrores de uma guerra mundial. Por ter vivido os sofrimentos da guerra sua filosofia foi uma resposta ao porquê do sofrimento. Ele parte de Heidegger para superá-lo. Levinas propõe uma redescoberta da alteridade como superação do totalitarismo da metafísica moderna. O termo totalitarismo exprime uma ideia fechada e só consegue abranger o passado e o presente. A perspectiva

---

<sup>99</sup> FORTE, Bruno. *A escuta do outro. Filosofia e revelação*. p. 74.

escatológica e a necessidade de abertura traz a superação desse termo tipicamente heideggeriano para a utilização do termo infinito que caracteriza uma abertura ao outro e a Deus. Ela causa insegurança porque foge dos parâmetros totalitários e pré-estabelecidos da razão para abrir-se à aventura do novo e do desconhecido. Mas, este aventurar-se não significa irresponsabilidade, por isso uma metafísica do infinito que coloca em evidência a alteridade, o outro, é produzida pela ética do cuidado com o outro e com os que sofrem.

Através dessa superação da totalidade em vista do infinito Levinas propicia o encontro, o face a face. Para que se possa estabelecer esse encontro a ética do cuidado é pré-requisito básico.

[...] a ética é a explosão da unidade originária e absoluta do eu, a abertura para além da experiência, o lugar do testemunho – e não da tematização – do Infinito a partir da responsabilidade para com os outros do sujeito que suporta tudo, está submetido a tudo, que sofre por todos e é responsável por tudo.<sup>100</sup>

O totalitarismo da metafísica é superado através da ética. O outro inquieta-nos e convida-nos a responsabilizar-nos para com ele. Essa conclusão é consequência da dor e do sofrimento. Prisioneiro de guerra por ser judeu Levinas presenciou o sofrimento inocente e sua filosofia está fortemente marcada ao descrever as consequências de uma metafísica totalitária e a necessidade de uma abertura ao infinito através da ética e da responsabilidade pelo outro.

Nesse preocupar-se pelo outro revela-se a face de Deus. No momento que o eu abre-se através da ética do cuidado para o outro, Deus também tem a oportunidade de encontra-se com o humano. Logo conseguimos encontrar-nos com Deus no preocupar-mo-nos com o outro. Cabe ressaltar que não é somente ver Deus na face do outro para o qual praticamos a caridade, nem de perceber Deus na atitude da caridade, mas na abertura propiciada pelo cuidado com o outro a possibilidade do encontro com Deus. “Pois aquele que quiser salvar a sua vida, a perderá, mas o que perder sua vida por causa de mim, a encontrará.” (*Mt 16,25*)

---

<sup>100</sup> FORTE, Bruno. *A escuta do outro. Filosofia e revelação*. p. 114.

### 3.2.3 A HISTÓRIA DO ENCONTRO

O Espírito Santo conduz a Igreja e proporciona o encontro entre a plenitude da revelação que é o Cristo e a humanidade inteira que carrega suas alegrias e sofrimentos. “Mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que vos disse.” (Jo 14, 26) Graças ao Espírito Santo a Palavra não está estagnada, longínqua, mas torna-se viva, eficaz e sempre atual. Além de prover o encontro com Cristo o Espírito Santo também realiza o encontro com o Pai e o seu mistério de amor. “E a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.” (Rm 5,5). Desta forma, “O Silêncio da Origem e a Palavra de revelação se tornaram acessíveis ao homem mediante a obra do Consolador: é ele que realiza o encontro e é seu fundamento transcendente, a divina condição de sua possibilidade”.<sup>101</sup>

Graças ao Espírito Santo foi possível não só conhecer a Palavra, mas também aprofundar e conhecer a revelação. O Encontro que o Espírito Santo produz envolve toda a humanidade, a Trindade entra na História e a História na Trindade, proporcionando assim a comunhão entre divino e humano. Cada qual respeitando sua liberdade e particularidade. Dando ao ser humano a certeza de que o sofrimento não terá a vitória.

Este encontro realizado pelo Espírito acontece no tempo e na História ele se tornou possível graças a autocomunicação divina. O ser humano em sua liberdade deve ser envolvido nesse encontro na sua totalidade. Para isso tornar-se possível é necessário a graça de Deus, e o aperfeiçoamento da fé dá-se graças aos dons que o Espírito Santo proporciona aos que nele creêm. Devido a essa graça o ser humano também é capaz de Deus e de auxiliar os que sofrem, de perceber que o Silêncio de Deus é sua presença.

O Encontro se dá também de forma peculiar com cada pessoa da Trindade. Em primeiro lugar com o Silêncio. “Por intermédio da caridade, a criatura humana

---

<sup>101</sup> FORTE, Bruno. *Teologia da História. Ensaios sobre a revelação, o início e a consumação*. p. 183.

acolhe o Silêncio gerador do irradiante e dá testemunho dele em sua vida mediante a silenciosa irradiação do seu próprio amor”.<sup>102</sup>

A pessoa humana encontra a Palavra através da fé. “Mas o que diz ela? Ao teu alcance está a Palavra, em tua boca e em teu coração; a saber, a Palavra da fé que nós pregamos. Porque, se confessares com tua boca que Jesus é Senhor e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo” (*Rm 10, 8s*). Ter fé é entregar-se de coração ao que não compreendemos na totalidade, mas acreditamos. Somos também convidado a assumir o compromisso de colocar em prática o que nos é ensinado e acreditamos pela fé. Já São Paulo na carta aos Hebreus recorda que a fé sem obras é morta. Ou seja, a fé que não produz atitude, não é uma fé autêntica. A Palavra que não ressoa e não modifica a vida daquele que a escuta não surte o efeito desejado.

O Espírito Santo que produz o encontro e a comunhão entre Trindade e ser humano é lembrado pela esperança. Da mesma forma que une a Palavra ao presente, une também o presente ao futuro. Por isso, gera esperança que é a antecipação da eternidade. O encontro proporciona a lembrança do que foi dito na Palavra e antecipa suas promessas através da esperança. “Desta forma, o Encontro eterno vive no tempo, habitando no íntimo de quem crê e espera, como penhor da glória futura e antecipação de tudo o que já foi prometido na revelação e não ainda cumprido”.<sup>103</sup>

A harmonia e a unidade na qual vive a Trindade e na qual somos convidados a participar torna-se um testemunho do que significa viver em Deus e de que forma podemos nos reconciliar com ele. Quando quebramos esta harmonia afastamo-nos dessa comunhão e fechamo-nos no egoísmo. Por isso, uma outra característica do espírito é ser aberto. A harmonia só é possível quando existe essa abertura; o contrário é fechamento. Abertura que lembra o transbordamento amoroso de Deus criador e também o esquecer-se de si para ir ao encontro do outro. Lembra que Deus está no rosto daquele que sofre querendo resgatá-lo dessa condição.

De certa forma parece contraditória um morrer para si para entrar na vida. Entende-se somente esta negação de si a partir das consequências que ela

---

<sup>102</sup> FORTE, Bruno. *Teologia da História. Ensaios sobre a revelação, o início e a consumação*. p. 186.

<sup>103</sup> FORTE, Bruno. *Teologia da História. Ensaios sobre a revelação, o início e a consumação*. p. 188.

proporciona. O fechar-se em si gera solidão, isolamento tornando a vida uma angústia. O contrário que é o negar-se a si em vista do outro gera alegria e traz sentido à vida. A Trindade é doação e na participação dessa a humanidade também é convidada a ser. “Então disse Jesus aos seus discípulos: ‘ Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me. Pois aquele que quiser salvar a sua vida, a perderá, mas o que perder sua vida por causa de mim, a encontrará.’” (Mt 16, 24)

O primeiro movimento é de sair de si, morrer. A partir disso ganha-se a vida, a vitória da vida sobre a morte dá-se na caridade na fé e na esperança:

a caridade é vitória sobre a morte, triunfo da vida realizado com o simples e silencioso agir do amor [...] A fé é entrar na vida que só a Palavra, na qual cremos, nos revela e transmite. [...] A esperança é saborear antecipadamente o triunfo da vida, o encontro do humilde dia presente com o dia da glória prometida.<sup>104</sup>

Viver o encontro com Deus é partilhar, é ser com ele. Se Deus é caridade nós também somos convidados a ser. Quando ele entrega sua vida para a salvação do ser humano, também esse, quando participar da comunhão com Deus, é convidado a entregar sua vida em vista do outro. Entrar em comunhão com o outro na alegria e na dor. Essa entrega dá-se no amor por que ela é o trabalho em vista do outro, dá-se na fé porque é o entregar-se sem compreender e dá-se na esperança que é esperar sem ter certeza. Desta forma, a vida vence a morte estimulada pela Trindade e pela prática da fé, esperança e caridade.

### **3.2.4 CELEBRAR O ENCONTRO COMO SUPERAÇÃO DA DOR**

O encontro é celebração da acolhida humana do divino e sua plena comunhão. A revelação só é possível a partir do encontro, da vivência da fé em comunidade. Deus revela-se na comunidade, porque nela pode-se viver a doação, o

---

<sup>104</sup> FORTE, Bruno. *Teologia da História. Ensaios sobre a revelação, o início e a consumação*. p. 191.

encontro, o esquecer de si em vista do outro. Por isso que humano carrega consigo centelhas do divino e esse, por consequência, consegue assumir o humano, falar-lhe diretamente.

Dois aspectos determinam a celebração desse encontro entre advento divino e êxodo humano: a experiência humana da autocomunicação divina e por ser sinal visível do Deus invisível o encontro torna-se evento sacramental. Esse encontro é mistério, glória celebrada, mas ao mesmo tempo escondida.

A experiência humana da autocomunicação divina, não quer reduzir ou delimitar o mistério quer, pelo contrário, afirmar que Deus utiliza-se de caminhos humanos para que este possa alcançar a glória da salvação. O Divino se molda ao humano para que esse possa compreender sua revelação e possa ser salvo. A revelação ultrapassa qualquer experiência humana, mas é necessário que ela seja manifestada na linguagem humana para ser compreendida. Na cruz, Cristo transforma-se em linguagem humana de dor para dizer que Deus está no sofrimento.

Bruno Forte pergunta qual é o significado de: o ser humano fez a experiência da autocomunicação de Deus? Para dar a resposta ele inicia averiguando o significado do termo experiência, o qual representa um movimento de êxodo, de saída, de abertura. O termo também significa conhecimento imediato, sem intermediários que ofereça risco. Logo, experiência é o caminho de conhecimento direto sem intermediários. “A experiência atinge, portanto, não somente o plano existencial da pessoa, determinando ou modificando seu modo de encarar a vida, mas também o plano ‘personalíssimo’ o seu próprio relacionar-se concretamente com o conjunto dos eventos no meio dos quais está situado”.<sup>105</sup>

Bruno Forte entende a experiência não somente como algo externo ao ser, mas uma iniciativa que provoque uma mudança na vida da pessoa. A bíblia nos apresenta alguns exemplos como Moisés na sarça ardente (*Ex 3, 1-5*), Paulo no caminho de Damasco (*At 9,1-19*), os discípulos diante do chamado de Jesus (*Mc 3, 13-19*), entre outros. Para a mãe que perde injustamente um filho fazer a experiência de um Deus que está na dor muda sua relação com o divino e faz com que ela tenha

---

<sup>105</sup> FORTE, Bruno. *Teologia da História. Ensaios sobre a revelação, o início e a consumação*. p 196.

a oportunidade de conhecer um Deus verdadeiro que se manifesta no rosto daquele que sofre.

Foram elencadas algumas características dessa experiência. Como podemos verificá-las no encontro humano com a autocomunicação de Deus? Bruno Forte lembra que a tradição exerce um importante papel da transmissão da fé. Através da força do Espírito a plenitude da revelação pode ser transmitida de testemunha em testemunha, dando uma resposta da presença divina em diferentes etapas da História da humanidade.

A Conferência dos Bispos em Aparecida elenca lugares da experiência de Deus. Entre eles podemos citar: na tradição, na Sagrada Escritura, na Liturgia, através da vivencia dos sacramentos, na oração pessoal e comunitária, nos pobres, aflitos e marginalizados.<sup>106</sup>

A autocomunicação de Deus requer do ser humano uma atitude ousada e livre. “É na decisão livre e arriscada da entrega de si ao Deus que se revela, e da autodestinação incondicional a ele que se nos abrem os olhos da mente e é movido nosso coração e há doçura no consentir e crer na verdade”<sup>107</sup> O Espírito Santo é responsável por despertar e manter a fé e dar a liberdade ao ser humano de aventurar-se nessa caminhada. Graças ao Espírito Santo esse encontro é um renascer. “Em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus.” (Jo 3,5)

A Igreja como sacramento de salvação é o lugar por excelência da autocomunicação de Deus. Através desse sacramento o Espírito Santo torna-se visível em gestos e atitudes humanas. Jesus é a suprema comunicação de Deus, participando da sacramentalidade de Cristo; a própria Igreja situa-se no tempo e comunica aos homens a mensagem de salvação. A Igreja torna-se mediadora pela força do Espírito, ela proporciona o Encontro e tem a responsabilidade de reconduzir os filhos dispersos de volta a casa do Pai. Os eventos sacramentais que existem na Igreja são também autocomunicação divina, presença em gestos humanos da graça divina. A riqueza do sacramento está justamente em tornar presente a Palavra, o Silêncio e o Encontro.

---

<sup>106</sup> Cf. Documento de Aparecida. p. 115-120.

<sup>107</sup> FORTE, Bruno. *Teologia da História. Ensaios sobre a revelação, o início e a consumação*. p. 198.



Palavra, Silêncio e Encontro se recolhem na sóbria concretização do sinal a fim de por meio dela se comunicarem, sem, porém, se esgotarem nela. [...] com a graça do Encontro sacramental, operada pelo Espírito, ressoa a Palavra procedente do Silêncio e atinge o coração do homem para comunicar-lhe a vida divina; com esta mesma graça, mediante a Palavra, a criatura escuta o Silêncio e aprende a celebrar a glória dele com toda a sua existência. O dom da revelação vem do Pai pelo Filho no Espírito Santo, para que no Espírito pelo Filho tudo retorne ao Pai.<sup>108</sup>

A vivência sacramental é a celebração do encontro, nela a Trindade faz-se presente na História humana une-se a ela e a Igreja, e torna-se sinal visível de salvação e de evangelização.

Profecia e Encontro são respostas a questão do Silêncio de Deus diante do sofrimento humano, pois recordam-nos a íntima ligação entre criador e criatura presentes na História, lembram da corresponsabilidade da criação e nos proporcionam conhecer um Deus que se revela no rosto daquele que sofre.

---

<sup>108</sup> FORTE, Bruno. *Teologia da História. Ensaios sobre a revelação, o início e a consumação*. p. 200-201.

## EPÍLOGO

Para responder à questão proposta nessa dissertação optamos por retomar no epílogo o que foi exposto. A resposta sobre essa questão foi buscada no que Bruno Forte escreve na Teologia como companhia, memória e profecia e também na trindade que se manifesta como silêncio, Palavra e encontro. O epílogo vai explanar como esses pontos interligam-se e de que maneira eles se tornam uma resposta para o silêncio de Deus diante da dor.

O sofrimento é um enigma para o homem, porque o leva a questionar-se sobre Deus, e todo seu plano de amor para com o ser humano. Mas, a dor pode tornar-se uma oportunidade de aprofundar a fé e o conhecimento em Deus. A partir da dor podemos mudar nossa concepção do divino e aproximamo-nos do conhecimento do verdadeiro Deus. Muitas vezes, agimos como muitos no tempo de Jesus que esperavam um Messias que viesse estabelecer uma revolução armada, mas ele surpreende e revela-se na revolução do amor. O sofrimento pode fazer com que a pessoa afaste-se de Deus pela revolta que a dor causa como também pode fazer que ela relaciona-se com Deus de maneira diferente. O que é comum em qualquer situação é que a dor causa uma mudança na pessoa e na sua relação com o divino.

Somos criados pelo amor transbordante de Deus à imagem e semelhança do Criador. O sofrimento e a dor são opostos à vontade de Deus. O projeto de salvação de Deus é resgatar o homem da dor e da morte para dar-lhe vida plena. Reaparece a questão: Porque o silêncio de Deus diante do sofrimento humano? Deus está naquele que sofre. Logo o silêncio é ação e presença, não ausência. No rosto daquele que sofre vemos Deus. A partir dessa afirmação cria-se uma nova perspectiva da presença de Deus que deixa de ser semelhante a um rei no seu palácio para tornar-se um Rei que é serviço e está junto daquele que sofre.

A História da humanidade está repleta de demonstrações de Deus que quer salvar seu povo da dor e do sofrimento demonstrando assim a presença de Deus

diante do sofrimento. No evangelho Cristo diz: “Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas, pois o meu jugo é suave e meu fardo é leve” (*Mt 11, 28-30*). Ele não afirma que não haverá jugo nem fardo, mas ele aliviará o peso, pois estará caminhando junto daqueles que sofrem.

O desafio é conhecer o Deus que é Silêncio e se revela na Palavra dizendo: “Ide contar a João o que ouvís e vedes: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados” (*Mt 11, 4s*) Deus se revela como aquele que dá esperança para os que sofrem, que está ao seu lado para dar-lhe a vida plena. Um Deus que surpreende o ser humano em sua ação silenciosa que age além das próprias expectativas humanas.

Quando falamos em Companhia, nossa intenção é de mostrar a realidade humana e Deus que está nela. Ele não só acompanha, mas é o próprio rosto daquele que sofre. Dessa companhia brota a questão do silêncio que não é falta de ação. O silêncio se torna um grito ensurdecido. Diante do silêncio podemos identificar duas atitudes uma daquele que silencia, pois não sabe o que fazer e outra daquele que silencia por respeito a dor e que toma todas as medidas necessárias para erradicar essa dor. Deus revela-se no silêncio que além de ser presença age no combate ao absurdo do sofrimento. O Deus que é silêncio não abandona a sua criatura, mas é companhia.

Na Companhia também expomos os desafios, percebendo neles o rosto de Deus que se manifesta na História. Um Deus que é contrário ao fechar-se humano e sua soberba, mas incentivador da prática da solidariedade e do preocupar-se com o outro. Um Deus que se compadece dos que sofrem. Viver o mandamento do amor é abrir-se ao outro e as suas necessidades. O sofrimento é mais fácil de ser suportado quando existe alguém com quem partilhar. Essa atitude Divina de ser amor, confirma um silêncio que é ação de Deus.

Os desafios são divididos em três grupos. O primeiro é proporcionado pelos contextos que são contrários a prática evangélica do preocupar-se com o outro; desse surge o segundo desafio que é o questionamento do ser humano sobre o

porquê do sofrimento. Por fim, o desafio divino de que é a tentativa de compreender o porquê da aparente ausência de Deus.

O silêncio de Deus revela o espaço para a liberdade humana. Não significa que Deus não acompanhe o ser humano, ou que o aparente retrair-se de Deus represente uma atitude de omissão, mas por causa do amor, Deus deixa o ser humano livre. Através da liberdade o ser humano tem a oportunidade de demonstrar sua responsabilidade com o outro e evitar a dor e o sofrimento do outro. O mau uso da liberdade desvia o ser humano de sua índole de corresponsável pela criação.

Dois categorias perpassam a Teologia de Bruno Forte que são êxodo e advento, nelas damos-nos conta de como se estabelece a relação entre humano e divino. Não é de anulação, mas de liberdade. Êxodo, lembra a caminhada do povo, suas Histórias. É o ser humano que vai ao encontro de Deus com sua realidade. Advento é ação de Deus na totalidade da História humana, Ele nunca se ausenta nem se omite. Diante do sofrimento Deus está na presença silenciosa e o ser humano tem a oportunidade de livremente colocar em prática o evangelho: “Compreendeis o que fiz? Vós me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, pois eu o sou. Se, portanto, eu, o Mestre e o Senhor, vos lavei os pés, também deveis lavar-vos os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais.” (Jo 13, 13-15).

Ao fazer memória da ação de Deus na História recordamos os diversos momentos em que a construção teológica foi sendo posta e de que maneira ela veio em benefício da humanidade. Confirmando mais uma vez que Deus não abandona, mas está próximo à História do homem. Mas a principal memória que deve ser feita é a fonte. A Palavra que se fez carne e habitou entre nós. Ela é a fonte da qual exaurimos a resposta sobre a questão do silêncio. Ao fazermos memória chegamos a fonte da Palavra que é Cristo e encontramos um Deus que no silêncio é companhia. De que forma descobrimos essa companhia de Deus no silêncio da dor? A resposta está na cruz.

A partir da cruz compreendemos Deus que está no centro do sofrimento. Os sofrimentos do mundo são resignificados a partir do evento da cruz. Nela temos a demonstração concreta do encontro entre silêncio, Palavra, companhia e memória. “Era mais ou menos a hora sexta quando o sol se apagou, e houve treva sobre a

terra inteira até à hora nona, tendo desaparecido o sol. O véu do Santuário rasgou-se ao meio, e Jesus deu um forte grito: 'Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito'. Dizendo isso, expirou." (Lc 23, 44-46).

O silêncio que se fez no momento de maior dor da cruz que foi a morte é o mesmo silêncio que questionamos em relação a Deus. Por que o silêncio de Deus? A cruz nos dá a resposta. Deus está no sofrimento. Deus não é sofrimento ele está no sofrimento, porque Cristo esteve na cruz. Foi necessário que ele descesse a mansão dos mortos, para dizer que Deus está lá. Sua presença faz com que a última Palavra não seja da dor, mas da esperança. A certeza da vitória da vida sobre a morte se dá a partir da cruz de Cristo. Nela confirma-se que Deus não é ausente no silêncio, mas é companhia. Sobre a cruz Forte escreve:

[...] o Pai morre no silêncio do abandono do Filho, para que onde quer que chegue o silêncio da morte se saiba que está presente na treva luminosa da sua fidelidade, que vencerá todo o fim; o Espírito é 'entregue' na extrema laceração da morte, para que onde quer que um homem 'entregar o Espírito' se possa confessar que Deus está a seu lado, percorrendo com ele o caminho que através da morte conduz a vida.<sup>109</sup>

Ninguém mais sofrerá sozinho. A partir da cruz Deus revela o maior ato de amor pela humanidade. Nesse ato de amor Ele manifesta sua companhia na dor. No mesmo ato, percebemos a ação da Trindade que Forte lembra e na qual relacionamos Silêncio ao Pai, Palavra ao Filho e Encontro ao Espírito Santo. Diante do silêncio do Pai no abandono do Filho, Deus se faz presente em todo silêncio humano. Na entrega do Espírito o encontro da Trindade com a humanidade que entrega seu espírito nos momentos de sofrimento.

Podemos reler a vida de Cristo a partir da cruz que toda ela ganhará um novo sentido. Entenderemos o porquê Cristo abandona as noventa e nove ovelhas e vai atrás de uma perdida. Compreendemos o significado de ser o Bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas e principalmente o que canta o Salmo 23: "Ainda que eu

---

<sup>109</sup> FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, História de Deus e Deus da História ensaio de uma cristologia como História*. p. 294.

caminhe por vale tenebroso nenhum mal temerei, pois estás junto a mim; teu bastão e teu cajado me deixam tranquilo.” (S/ 23,4)

O Advento divino sempre acompanha o êxodo humano e ao fazer memória de como se compreendeu a relação dos dois durante vários momentos da História podemos perceber que por vezes se dá mais destaque ou para o um ou para outro, poucas vezes há um equilíbrio de unidade e distinção. Na companhia do silêncio acontece a perfeição da relação entre advento divino e êxodo humano. Deus não está a margem da História humana, mas no centro dela. O ser humano é acompanhado por Deus nas suas dores e alegrias e no momento de maior sofrimento tem a certeza de que Deus está com ele porque Ele está no sofrimento.

A face sofrida de Cristo une-se à face de todos aqueles desfigurados pela dor. A partir do momento que se descobre a face de Deus junto a dor percebe-se uma outra beleza. Uma beleza diferente uma beleza só possível pela Companhia de Deus. Uma beleza na dor.

O responsável por proporcionar esse Encontro é o Espírito Santo. Sem ele a memória fontal do Filho se perderia na História, o silêncio não seria presença. O Espírito Santo proporciona o encontro do Silêncio com a Palavra e destes com a humanidade. A beleza está no encontro proporcionado pelo Espírito Santo. Em suas reflexões teológicas Forte fala do Belo e lembra:

Se existe um Deus justo de onde vem o mal? [...] Para sair dessa dialética [...] não tem outro caminho a não ser uma radical transformação da ideia que temos de Deus e de sua beleza: só se Deus faz seu o sofrimento infinito do mundo abandonado ao mal, só se ele entra na mais profunda escuridão da miséria humana, a dor é resgatado a vida e a morte. Mas isso aconteceu na cruz do seu filho: portanto, Cristo é esmagadora evidência da verdade que salva.<sup>110</sup>

---

<sup>110</sup> FORTE, Bruno. *La porta dela bellezza per un'estetica teológica*. p. 54. Se c'è un Dio giusto, da dove viene il male? [...] Per uscire da questa dialettica [...] non c'è altra via che quella di una radicale trasformazione dell'idea che abbiamo di Dio e dela sua beleza: solo se Dio fa sua la sofferenza infinita del mondo abbandonato al male, solo se egli entre nelle tenebre più fitte dela miséria umana, il Dolore è redento ed vinta la morte. Mas questo è avvenuto sulla Croce del Figlio: perciò Cristo è la prova schiacciante dela verità che salva.

O sofrimento muda o nosso relacionar-se com Deus ele não é mais de troca de favores, somente de pedidos ou um simples monólogo onde Deus escuta o nosso falar insistente. Compreende-se que Deus acompanha o ser humano resgatando-o da dor e lhe dá vida plena. Deus usa de diferentes caminhos para se fazer conhecer. O sofrimento é uma oportunidade de amadurecimento na fé.

O profetismo está em anunciar, para aqueles que sofrem, a Boa Nova da Companhia de Deus que passou pela dor e sofrimento e resgatou toda a humanidade da morte. O profetismo é a resposta humana à ação divina. A profecia resulta do encontro, proporcionado pelo Espírito, entre a companhia silenciosa de Deus Pai e a memória de sua presença na História até a fonte da Boa Nova que é Palavra do filho.

O profeta é aquele que consegue ver no rosto da pessoa que sofre a presença silenciosa de Deus e a partir do sofrimento humano anunciar a libertação para a vida. Mudar a perspectiva é ver a História do avesso e perceber Deus presente nela. Para que se possa ter um verdadeiro contato com o divino é indispensável o contato com o aquele que sofre.

A resposta dada a Deus através da profecia se dá em primeiro lugar pelo amor, pois somente através dele justifica-se a total quenosse de Deus para a salvação humana. Novamente lembramos da cruz, pois nela está a maior prova de amor de Deus pela humanidade. Na cruz acontece, segundo Forte, o gesto de maior humanidade de Deus, para que ele pudesse resgatá-la na sua totalidade.

Não existe diferença entre a dor da mãe que perde um filho para as drogas, um inocente fuzilado por uma guerra injusta e o Cristo crucificado. A diferença está em saber que através da cruz ele queria estar próximo de todos e como a dor, o sofrimento a morte é o limite do ser humano. O abandonar-se de Cristo na dor pelo amor, nos faz compreender o quanto Ele está próximo de nós e nos ama.

A cruz não é o fim pois ela ainda não é a vitória definitiva sobre o sofrimento humano. A cruz revela um Deus que é inseparável do ser humano, mas a esperança cristã não se baseia na cruz. Ela está baseada na vitória definitiva de Cristo sobre a morte, o mal e o sofrimento. A esperança cristã está embasada na ressurreição. Se a cruz aparenta o maior distanciamento entre o humano e o divino em Cristo. Tem-

se a impressão que o Pai abandona o Filho na cruz, mas na ressurreição é a retomada da total integração das duas naturezas em Cristo, junto a ela toda a Trindade e a humanidade inteira. Graças ao abandono total da cruz foi possível resgatar a humanidade e salvá-la da morte através da ressurreição.

Com a ressurreição o Pai diz 'não' ao pecado dos homens e 'sim' ao amor do Filho: a efusão do Espírito sobre o prisioneiro voluntário da morte volta a uni-lo ao Pai e estabelece nele a aliança nova e perfeita dos homens, com os quais ele se solidarizou até a morte. Portanto, a Ressurreição não é senão a contradição da cruz, na identidade daquele que foi crucificado e depois ressuscitou: é a ressurreição do Crucificado.<sup>111</sup>

Os maiores desafios a serem superados na companhia é o da ganância e da soberba. Quando nos fechamos ao outro, automaticamente, nos fechamos a Deus que é silêncio e não o escutamos. A profecia se dá no momento em que é transmitido essa companhia de Deus aos que sofrem. Quando o ser humano em sua liberdade se coloca ao lado daqueles que sofrem e lhes dá a esperança ele exerce a profecia. A alegria do conforto está no encontro entre Deus e a humanidade e o ser humano com seu semelhante.

Abre-se assim uma nova perspectiva de ver Deus no sofrimento. O desafio, para o ser humano, é estar junto daquele que sofre porque ele não tem nada a oferecer a não ser a sua dor. Nesse oferecimento da dor perceber a presença de Deus nela uma centelha de esperança de conforto e de alegria.

Silêncio, Palavra e Encontro são categorias do estudo teológico de Bruno Forte que nos auxiliam a compreender o mistério do sofrimento humano. Assim como, memória, companhia e profecia. Nelas vemos a relação do humano e divino nomeadas de êxodo humano e advento divino. Através delas encontramos a resposta para a questão: Por que o silêncio de Deus diante do sofrimento humano? Por que o Seu silêncio é a presença mais próxima. A partir dessa presença temos a certeza de que: "Iahweh é meu pastor, nada me falta". (SI 23, 1)

---

<sup>111</sup> FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, História de Deus e Deus da História ensaio de uma cristologia como História*. p. 296.



## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo *De Trinitate*. Hamburg: F. Meiner, 2001.

ANDREOLLA, Jurema. *A fé cristã na era digital: diálogo entre a revelação na teologia de Bruno Forte, e a experiência religiosa na Internet*. Dissertação (Mestrado em Teologia), Orientador: Prof. Dr. Leomar A. Brustolin, PUCRS, 2012.

BENTO XVI. *Deus Caritas est. Sobre o amor cristão*. São Paulo: Paulinas, 2006.

\_\_\_\_\_. Discurso do Santo Padre durante a visita ao campo de concentração de AUSCHWITZ-BIRKENAU. [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/speeches/2006/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20060528\\_auschwitz-birkenau\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2006/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20060528_auschwitz-birkenau_po.html) 17.02.2015.

\_\_\_\_\_. *Silêncio e Palavra: Caminho de Evangelização*. Dia Mundial das Comunicações Sociais, 20 de maio de 2012. São Paulo: Paulus, 2012.

\_\_\_\_\_, *Spe Salvi. Sobre a Esperança cristã*. São Paulo: Paulinas, 2007.

\_\_\_\_\_, *Verbum Domini. Sobre a Palavra de Deus na vida e na Missão da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 5 ed. 2011.

BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BRUSTOLIN, Leomar A. *Quando Cristo vem... A Parusia na escatologia cristã*. São Paulo: Paulus, 2001.

\_\_\_\_\_, *A cristologia como história em Bruno Forte*. Dissertação (Mestrado em Teologia), Orientador: Prof. Dr. Carlos Palácio SJ, BH CES, 1993.

CELAM. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. CNBB; São Paulo: Paulinas/Paulus, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. In: *Compêndio do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

COZZI, Alberto. *La bellezza del crocifisso*. Milano: Àncora, 2010.

DENZINGER, HÜNERMANN, *Compêndio dos símbolos, declarações e definições de fé e moral*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2006.

DORÉ, JOSEPH. La Simbolica Ecclesiale di Bruno Forte. In: ASCIONE, Antonio (org). *Uma Teologia come Storia*. Milano: San Paolo, 1998, p. 55-70.

EVDOKIMOV, Paul. *O silêncio amoroso de Deus*, Aparecida: Santuário, 2007.

FORTE, Bruno. *À escuta do outro. Filosofia e Revelação*, São Paulo: Paulinas, 2003.

\_\_\_\_\_. *A essência do cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. A experiência de Deus em Jesus Cristo. *Concilium*, n. 2, 1995, p. 70-79.

\_\_\_\_\_. *A guerra e o silêncio de Deus*. Comentário teológico na atualidade. São Paulo: Paulinas, 2004.

\_\_\_\_\_. A missão na força do Espírito de Cristo. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v.33, n.142, p.735-750, 2003.

\_\_\_\_\_. Anunciar hoje Jesus Cristo único Salvador. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v.33, n.142, p. 751-765, 2003.

\_\_\_\_\_. *A teologia como companhia, memória e profecia : introdução ao sentido e ao método da teologia como história*. São Paulo: Paulinas, 1991.

\_\_\_\_\_. *A Trindade como história: ensaio sobre um Deus Cristão*. São Paulo: Paulinas, 1987.

\_\_\_\_\_. Deus Pai no amor quer todos salvos em Cristo, o Filho amado. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v.33, n.142, p.717-733, 2003.

\_\_\_\_\_. *Dialogo e annuncio. L'evangelizzazione l'incontro com l'altro*. Milano: San Paolo, 2012.

\_\_\_\_\_. *Introdução a fé: aproximação ao mistério de Deus*. São Paulo: Paulus, 1994.

\_\_\_\_\_. *Jesus de Nazaré. História de Deus. Deus da História. Ensaio de uma cristologia como história.* São Paulo: Paulinas, 1985.

\_\_\_\_\_. *La porta della Bellezza. Per um'estetica teologica.* Brescia: Morcelliana, 1999.

\_\_\_\_\_. *Lá Trinitá: stória di Dio nela stória dell Uomo.* In: AA. VV. *Trinitá. Via di Dio progetto dell'UOMO.* Roma: Città Nuova, 1987.

\_\_\_\_\_. *L'eternità nel tempo : saggio di antropologia ed etica sacramentale.* 2 ed. Milano: San Paolo, 1999.

\_\_\_\_\_. *Nos caminhos do Uno. Metafísica e Teologia,* São Paulo: Paulinas, 2005.

\_\_\_\_\_. *O mendicante do céu: a oração de um teólogo.* Petrópolis: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. *Teologia da História. Ensaio sobre a revelação. O início e a consumação.* São Paulo: Paulus, 1995.

\_\_\_\_\_. *Um pelo outro. Por uma ética da transcendência,* São Paulo: Paulinas 2006.

FRANCISCO. *Lumen Fidei.* Sobre a fé. São Paulo: Paulinas, 2013.

GADAMER, Hans-Georg, *Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica.* 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_, *Verdade e Método II: complementos e índice.* 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

HABERMAS, Jürgen. *A inclusão do Outro. Estudos de Teoria Política.* São Paulo: Loyola, 2002.

HUMBLDT, Wilhem von, *Sobre la diversidade de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad,* Barcelona: Anthropos, 1990.

JASPER, Karl. *La fede Filosofica di fronte alla Rivelazione,* Milano: Longanesi, 1970.

JOÃO PAULO II. *A lamentação do povo em tempos de fome e de guerra.* Audiência. 11 de dezembro de 2002. In:

[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/audiences/2002/documents/hf\\_jp-ii\\_aud\\_20021211\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/audiences/2002/documents/hf_jp-ii_aud_20021211_po.html)

KANT, Immanuel. *Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?* In: Berlinische Monatsschrift, 1784, H. 12, S. 481-494.

LACOSTE, Jean-Yves. Dicionário crítico de Teologia. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2004.

LATOURELLE, R.; FISICHELLA R. *Dicionário de conceitos fundamentais em teologia*. Aparecida: Santuário/Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_, *Dicionário de teologia fundamental*. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1994.

LÉON-DUFOUR, Xavier et al. *Vocabulário de teologia bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1992.

LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Setenta, 1988.

NEHER, Andre, CESTARI, Giuseppe. *NEL'esilio della parola : dal silenzio biblico al silenzio di Auschwitz*. Genova: Marietti, 1983.

NIETZSCHE, Friedrich, *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_, *Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1994.

MACKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1984

MOLTMMANN, Jürgen. *Teologia della Speranza*. Brescia: Queriniana, 1971.

\_\_\_\_\_, *El Dios crucificado. La cruz de Cristo como base y critica de toda teologia Cristiana*. Salamanca: Sígueme, 1975.

\_\_\_\_\_, *O Caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*. Petrópolis: Vozes, 1993.

PÉREZ, ANTONIO Manuel, Il crocifisso come paradigma della bellezza. *Communio*, Milano: Jaca Book, v. 23, n. 217, p. 14-26, 2008.

SCHENEIDER, Theodor (org.) *Manual de Dogmática*. Vol II. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SUSIN, Luiz Carlos. *A Criação de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003.

\_\_\_\_\_. *Deus: Pai, Filho e Espírito Santo*. São Paulo: Paulinas, 2003.

VANASSI, Volnei Junior. *Êxodo e advento: encontro de alteridades na teologia de Bruno Forte*. 2007. 144 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

VARONE, François. *Esse Deus que dizem amar o sofrimento*. 2 ed. Aparecida: Santuário, 2001.